



UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O QUE DIZEM ADULTOS CEGOS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA**

Rosana Davanzo Batista

PIRACICABA-SP

2012

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O QUE DIZEM ADULTOS CEGOS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA**

Rosana Davanzo Batista

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Exame de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro

PIRACICABA-SP

2012

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Unimep
Bibliotecária: Luciana Beatriz Piovezan dos Santos CRB-8/140-2012

B333q Batista, Rosana Davanzo.
O que dizem adultos cegos sobre o processo de ensino-aprendizagem da
leitura e da escrita. / Rosana Davanzo Batista. – Piracicaba, SP: [s.n.], 2012.
112 f.: il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas / Programa
de Pós - Graduação em Educação - Universidade Metodista de Piracicaba
Orientador: Maria Inês Bacellar Monteiro.
Inclui Bibliografia

1. Cegueira. 2. Braille – Língua portuguesa. 3. Inclusão.
I. Monteiro, Maria Inês Bacellar. II Universidade Metodista de Piracicaba.
III Título.

CDU 37

**O QUE DIZEM ADULTOS CEGOS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Exame de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 31 de Agosto de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Cecília Guarnieri Batista Ass. _____

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cecília Rafael de Góes Ass. _____

Prof^ª Dr^ª. Maria Inês Bacellar Monteiro Ass. _____

Suplentes

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Lunardi Padilha Ass. _____

Prof^ª. Dr^ª. Renata Cristina O. Barrichelo Cunha Ass. _____

APOIO FINANCEIRO

Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior – CAPES

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram em todas as fases de minha existência, me instigando a superar todos os desafios que a vida me impõem.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos:

A Deus pela conclusão deste trabalho de pesquisa, pois sem ELE nada seria possível.

Aos meus pais Maria da Conceição Davanzo Batista e João Donizette Batista e a todos os meus familiares, que sempre estão presentes na minha vida.

À minha orientadora Profª Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro, que sempre teve muita paciência, me auxiliando em todos os momentos que precisei.

À CAPES, pelo financiamento deste projeto de pesquisa.

Aos participantes da banca, Profª. Drª. Cecília Guarnieri Batista (UNICAMP), Profª. Drª. Maria Cecília Rafael de Góes (UNIMEP) pelas sugestões realizadas por ocasião do exame de qualificação e as professoras Profª. Drª. Anna Maria Lunardi Padilha (UNIMEP) e Profª. Drª. Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha (UNIMEP), pelas contribuições realizadas ao longo do curso.

Agradeço à **professora** Maria Guiomar Tomazello por suas contribuições e, por sempre me ajudar no decorrer do mestrado. Ela me ajudou várias vezes não foi uma só.

À Assessoria de Inclusão da UNIMEP, especialmente à Profª. Darlene Barbosa Schutzer pelo apoio e disponibilização de recursos para meu melhor aproveitamento das aulas.

Ao Núcleo de Educação Especial da Prefeitura Municipal de Piracicaba do estado de São Paulo, pela permissão concedida para realização das entrevistas realizadas com as crianças.

Aos cegos adultos, que contribuíram com suas experiências, foco principal desta dissertação.

Aos professores do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós Graduação (PPGE) em Educação da UNIMEP, que sempre me incentivaram nos estudos, adaptando estratégias para meu melhor aproveitamento em suas aulas.

À Profª Isabel Oliviéli, que me alfabetizou em Braille e me integrou no ensino regular.

À Elaine e Angelise pelo apoio e carinho com que me trataram durante o Mestrado.

Aos meus amigos, que tanto me apoiaram para que eu tivesse sucesso em minha vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional, dentre os quais destaco: Andrea Benedito, Cátia F. do Amaral, Cristiane Alves, Daniel Ribas, Heloisa Toledo Cruz, Juliana Pazianotto, Luis Avena, Oséias Mingati, Patrícia Terra, Quezia Silva, Sheila Hussar, Zuleica Freitas Cegagno.

Um ponto do alfabeto Braille fez mais pelos cegos do que milhares de filantropos. A possibilidade de ler e escrever resulta mais importante que o "sexto sentido" e a sutileza do tato e do ouvido (VIGOTSKI, 1997, p. 102).

RESUMO

Neste estudo propus-me a conhecer o que dizem os adultos cegos sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, considerando os recursos especiais atualmente existentes: Braille e Material Digital. Orientei-me teoricamente pelos estudos fundamentados na perspectiva histórico-cultural, assumida por Vigotski e desenvolvida por autores contemporâneos, com ênfase nas questões conceituais relacionadas à educação de alunos com necessidades especiais, particularmente de pessoas cegas. A pesquisa de campo, realizada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, envolveu entrevistas com três adultos e quatro crianças cegas que frequentavam o início do ensino fundamental de uma escola regular. Nas análises as transcrições das falas dos adultos foram consideradas centrais para meu objetivo, enquanto as entrevistas com as crianças serviram para trazer informação complementar sobre o uso de recursos especiais no contexto da educação inclusiva. Esses últimos dados mostraram que na sala de aula regular não são usados nem o Braille nem os recursos digitais, e na sala especial as atividades dirigidas ao letramento inicial são de baixa qualidade. Quanto às entrevistas dos adultos, os resultados indicam que eles atribuem importância tanto ao Braille como ao Material Digital para a aprendizagem da leitura e da escrita. Todavia, os cegos adultos apontam alguns problemas advindos da tentativa de substituir o Braille inteiramente pela introdução de nova tecnologia.

Palavras-Chave: Inclusão; Cegueira; Braille; Material Digital; Alfabetização.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze statements of blind adults regarding the teaching and learning processes of written language in relation to the special means available nowadays: Braille and digital resources. The theoretical reference for the field work was drawn from the cultural historical perspective, proposed by Vigotski and developed by contemporary authors, with emphasis on conceptual issues related to the education of students with special needs, specifically of blind persons. The research, undertaken in a middle-sized town of São Paulo State, involved interviews with three blind adults and four blind children who were attending a regular elementary school. In the analyses the transcriptions of the adults' speech were considered central to our objective, while the children's interviews was meant to bring complementary information about the use of special resources in the present the context of inclusive education. The latter data showed that in the regular classroom neither Braille nor digital means are present in the students' activities, and in the special classroom the activities addressed to initial literacy have a low quality. In relation to the adults' findings, they ascribe importance both to Braille and digital resources for the learning to read and write. However, they point to problems deriving from the attempt to substitute Braille entirely by the introduction of new technology.

Keywords: Inclusion; Blindness; Braille; Digital Resources; Literacy.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1	
O DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO A	5
PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL	5
1.1. As relações sociais, o desenvolvimento e a aprendizagem	5
1.2. Considerações sobre as relações sociais, o desenvolvimento e a aprendizagem da criança cega.....	9
CAPÍTULO 2	
A EDUCAÇÃO DO ALUNO CEGO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA	12
2.1. Fatores que determinam a cegueira	12
2.2. História do cego no Brasil	13
2.3. Histórico sobre a cegueira	16
2.4. O método Braille	23
2.5. Material digitalizado	32
CAPÍTULO 3	
CAMINHOS PERCORRIDOS: METODOLOGIA.....	38
3.1. Fundamentação Teórico – Metodológica	38
3.2. Sujeitos, situação e procedimentos de estudo.....	39
3.3. Entrevistas	40
3.3.1. Entrevista com os adultos cegos.....	40
3.3.2. Entrevista com as crianças cegas	41
3.4. Os sujeitos	41
CAPÍTULO 4	
ANÁLISE DOS DADOS	43
4.1. A Relação com a escola	43
4.2. O processo de alfabetização.....	54
4.3. Recursos atualmente utilizados pelos sujeitos para leitura e escrita ..	56
4.4. A Escola Inclusiva e os Alunos Cegos	60
CAPÍTULO 5	
ALGUNS PONTOS A DESTACAR	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXOS	1

APRESENTAÇÃO

Sou Rosana Davanzo Batista, tenho 35 anos, cega congênita, devido à atrofia do nervo óptico. Nasci aos 14 de março de 1977 e fui adotada com três anos de idade. Infelizmente em minha cidade não havia escolas para cegos, porém meus pais sempre buscaram ajuda, através de professores particulares ou com profissionais de outras cidades. Desde o início da minha vida escolar, sempre gostei muito de ler e escrever.

Na escola desejava ser tratada como os outros alunos e esperava aprender tanto quanto eles. Também pretendia que meus mestres exigissem de mim o mesmo que exigiam dos demais alunos da classe.

A lembrança que tenho da primeira vez que me senti diferente das outras crianças, na escola, foi na primeira série. A professora nunca chamava a minha atenção, embora isso fosse comum em relação aos outros alunos. Uma vez, durante a leitura de uma história resolvi derrubar a carteira com tudo o que havia em cima, inclusive minha reglete e punção, materiais indispensáveis para minha participação nas aulas. A professora apenas pegou meu material e disse que não era nada, que não tinha problema. Resolvi fazer o mesmo no dia seguinte, obtendo o mesmo resultado. Foi somente no terceiro dia que a professora reagiu, me tratando como fazia com os outros alunos. Deu um grito que nunca mais esqueci.

É sabido que a condescendência, que normalmente se tem com alunos com necessidades educacionais especiais é uma forma de expressar pena ou descrédito em relação às suas capacidades.

Sou graduada em pedagogia e durante todo o curso ouvi falar muito em inclusão, mas nunca entendi bem qual o sentido atribuído ao termo. Todos os alunos na mesma escola? E os alunos que estão na escola regular e não aprendem? Todos devem ser considerados iguais? E o cego, como vai aprender se não for atendido nas suas diferenças? Como aprender a ler e a escrever sem o sistema Braille?

Quando iniciei o mestrado o tema do meu projeto foi “Inclusão, realidade ou utopia?”. Aos poucos fui delimitando melhor meu objetivo, com o

auxílio de minha orientadora, professores e colegas do Núcleo, optando por investigar o que dizem os cegos, sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, com os recursos especiais atualmente existentes: o Braille e o Material Digitalizado, que representam uma nova forma de tecnologia e novas possibilidades de acesso ao conhecimento.

O Mestrado me proporcionou vivenciar novas experiências, que gostaria de compartilhar com os leitores deste texto. Relato a seguir algumas delas.

No segundo semestre do curso, havia uma disciplina referente ao cotidiano escolar. Nessa disciplina, as palavras “ver” e “comparar” eram muito utilizadas. Todas as aulas eram iniciadas com um conto, sendo este o tema principal da mesma. No último dia de aula descobri que a professora responsável por essa disciplina utilizava, normalmente, como material didático apenas imagens e tendo conhecimento da minha presença em suas aulas modificou sua metodologia para meu melhor aproveitamento. O mais interessante é que, quase sempre era eu quem levava os contos, ou seja, sem saber estava contribuindo para meu melhor aprendizado em suas aulas.

Quando eram exibidos filmes, havia sempre um colega que se disponibilizava em me auxiliar, ora descrevendo as imagens, ora lendo a legenda caso o mesmo não fosse dublado. Encontrei na pós-graduação professores que souberam adaptar suas estratégias de ensino e colegas que se dispuseram a me ajudar, sem me sentir diminuída.

Além do que aprendia nas aulas, o ingresso no Mestrado me ofereceu a oportunidade de ter acesso a um mundo, até então, totalmente desconhecido para mim. A participação em eventos científicos é uma experiência incrível!

O primeiro evento do qual participei como ouvinte, foi a Reunião Anual da ANPED realizada na cidade de Caxambú-MG. Fui acompanhada por colegas de Núcleo e achei intrigante o fato de estarem receosas quanto à minha companhia. E se eu me perdesse? Como fariam? Será que eu conseguiria me banhar sozinha? Fizem essas e outras perguntas. Bem, o que elas mais temiam acabou acontecendo, no segundo dia do seminário. Cada uma delas iria a locais diferentes, mas eram todos próximos.

No início da manhã combinamos de nos encontrar no saguão do hotel em que eu estava hospedada. Porém, no intervalo encontrei uma amiga e a avisei que talvez chegasse um pouco atrasada, pois queria presenciar a apresentação de minha orientadora e achei indelicado sair antes. A apresentação demorou mais do que o previsto e quando me dirigi ao local combinado, não encontrei absolutamente ninguém me esperando. No momento, deduzi que estariam bravas, e que já estavam almoçando. Não conhecia ninguém naquele local, ou melhor, conhecia poucas pessoas, mas várias se ofereceram para me ajudar, não aceitei, pois imaginei que alguém daria por minha falta e viria ao meu encontro. Doce ilusão!

De repente ouvi uma voz conhecida de uma professora do PPGE, a Magui, perguntando o que eu estava fazendo ali. Expliquei a situação, tentando omitir a minha aflição de perceber que ninguém aparecera. Contei também que justo nesse dia havia esquecido meu celular. Magui não hesitou e conseguiu localizar minhas amigas. Fomos ao encontro delas e como chovia Magui propôs que fossemos de charrete, meio de transporte comum em Caxambú. Eu aceitei, embora nunca tivesse andado de charrete antes. Magui percebeu minha aflição, a charrete balançava e ela tentava me acalmar, dizendo que era seguro e que eu não precisava ter medo. Mas o que ela não sabia é que meu medo era por desconhecer onde estava o cavalo. Eu não conseguia me localizar e isso me causava muita insegurança. Na charrete perguntei: o cavalo vai na frente ou vai atrás? Foi aí que ela se deu conta, que essa era uma informação que eu não poderia ter de outra maneira, apenas o outro poderia me possibilitar esse conhecimento. Contamos para outros colegas e professores e rimos bastante. Aprendemos todos!

Minha dissertação está organizada em cinco capítulos, no primeiro apresento a perspectiva teórica histórico-cultural que fundamenta minhas reflexões. No segundo descrevo um pouco sobre o histórico da cegueira, em especial sobre o cego no Brasil e dos recursos disponíveis para o aprendizado da leitura e da escrita: o sistema Braille e o material digitalizado. No terceiro capítulo relato minha pesquisa de campo e os procedimentos de registro e organização dos dados. No quarto capítulo apresento as entrevistas com os

cegos e a análise das mesmas. No quinto capítulo faço algumas considerações sobre as reflexões que fiz a partir dos dados e leituras realizadas.

CAPÍTULO 1

O DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

O estudo aqui desenvolvido tem como temática principal aspectos referentes à educação de pessoas cegas, objetivando conhecer o que revelam adultos cegos, sobre suas experiências de aprendizagem de leitura e escrita.

Partindo do pressuposto de que a escrita Braille, bem como o Material Digitalizado são recursos indispensáveis para garantir ao cego o acesso ao conhecimento do mundo letrado.

As questões que orientam o estudo são: O que revelam adultos cegos sobre o uso de Braille e material digitalizado para o ensino da leitura e da escrita? Como o Braille e o material digitalizado são utilizados por adultos de vários níveis de ensino? Quais são os obstáculos a serem vencidos?

Acredito que a busca de respostas para as questões delineadas acima permitirão a reflexão sobre as proposições de Vigotski a respeito das compensações sócio-psicológicas na educação escolar do aluno cego. Na opinião, Vigotski (1927):

...A educação tradicional foi enfraquecida pelas tendências de piedade e filantropia, impregnada pela morbidez e debilidade. Nossa educação é insossa, não toca no vital do aluno, falta-lhe sal. Precisamos de idéias audazes e fortalecedoras. (VIGOTSKI, 1927, p. 55).

A fundamentação teórica que me orientou no trabalho está ancorada em estudos acadêmicos, como: Estudos sobre “Defectologia” (VIGOTSKI, 1997), estudos recentes sobre o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita (SOARES, 2008; MORATTI, 2010 etc.), sobre inclusão e processo de ensino-aprendizagem de alunos cegos (CAIADO, 2006; LAPLANE & BATISTA, 2008; NICOLAIEWSKY & CORREA, 2008 etc.).

1.1. As relações sociais, o desenvolvimento e a aprendizagem

Parto do pressuposto de que o desenvolvimento humano tem sua gênese na relação social e deve ser compreendido por meio de um olhar, que valorize sua natureza histórica e social. Assim, tomo como referência a teoria

histórico-cultural de Vigotski¹ e estudos de autores contemporâneos que assumem essa perspectiva como orientadora de suas pesquisas.

Segundo a perspectiva histórico-cultural para Vigotski (1995), o desenvolvimento é:

...um complexo processo dialético que se distingue por uma complicada periodicidade, a desproporção no desenvolvimento das diversas funções, a metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, um complexo entrelaçamento de processos evolutivos e involutivos, um complexo cruzamento de fatores externos e internos, um complexo processo de superação de dificuldades e de adaptação. (VIGOTSKI, 1995, p. 141).

De acordo com Góes (2002), Vigotski dedicou-se aos estudos da “Pedologia” (estudo interdisciplinar da criança) e da “Defectologia” (estudo de pessoas com deficiência ou transtorno de desenvolvimento), pois se interessava em compreender e aperfeiçoar os processos educativos e realizou importantes estudos nessas áreas, vários dos quais direcionados às crianças cegas e surdas.

Ao tratar questões relacionadas ao desenvolvimento e a aprendizagem, Vigotski enfatiza o papel das relações sociais e o processo de significação e internalização vividos pela criança.

Padilha (2010) citando Vigotski, diz que o homem é ao mesmo tempo um ser social e histórico, bem como produto e produtor de sua própria história. A constituição social do homem é estabelecida através da relação deste com o outro, pois é assim que emerge a compreensão da realidade, do seu eu e dos diferentes modos de agir. As funções mentais superiores se desenvolvem a partir das relações intersubjetivas, das relações reais entre pessoas, isto é, das experiências coletivas, que são convertidas pelo sujeito no processo de individuação. Vigotski (1995) argumenta que o desenvolvimento não se orienta para a socialização, mas à conversão das relações sociais em funções psíquicas. “(...) Costuma-se perguntar como se comporta a criança no coletivo. A pergunta que fazemos é como o coletivo cria, na criança, as funções psíquicas superiores”. (VIGOTSKI, 1995 p. 151). Isto significa que o

¹ A grafia do nome do autor varia em diferentes traduções. Optei por uma só forma, porém preservando as indicações diferenciadas nas Referências Bibliográficas.

desenvolvimento psicológico depende das condições sociais em que é produzido.

Para Goês (2005),

É por meio das significações dadas pelo outro que o bebê entra em contato com o mundo e transforma suas ações. A descrição feita por Vigotski da “emergência do gesto de apontar” ilustra como por meio do outro aquilo que era intersubjetivo é internalizado, passando a um plano intra-subjetivo....

Nas palavras de Vigotski (1995):

[...] Apenas quando se amplia a socialização da linguagem e a experiência da criança, desenvolve-se a lógica infantil. Deve-se assinalar o fato de que com o desenvolvimento da conduta da criança, o papel genético do coletivo muda; no princípio, as funções superiores do pensamento se manifestam na vida coletiva das crianças como discussões e somente depois aparece em sua própria conduta reflexiva. (VIGOTSKI, 1995, p. 141 - 146).

O processo de internalização consiste em uma série de transformações, pois uma operação, que inicialmente representa uma atividade externa acaba sendo reconstruída e começa a ocorrer internamente. Para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (desenvolvimento da inteligência prática, atenção voluntária e a memória) além de outros elementos, existe a necessidade da transformação da atividade por meio de signos. Todo o processo interpessoal é transformado em intrapessoal. Isso significa que num primeiro momento todas as funções superiores surgem na relação entre pessoas e só mais tarde se transformam em um processo intrapessoal.

Esse processo existe e se modifica “... como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo, antes de internalizar-se definitivamente.” (VIGOTSKI, 2007, p. 58).

Na escola a criança também vai aprender na relação com o outro. Segundo Freitas (2001), o processo de aprendizagem ocorre na elaboração compartilhada, em que o aluno vai realizar tarefas inicialmente com a ajuda do professor ou de outro aluno mais experiente. A aprendizagem só estará consolidada quando o aluno puder realizar sozinho aquilo que só conseguia

realizar com a ajuda do outro. Para a pessoa cega o processo de aprendizagem da leitura e da escrita é o mesmo que para os demais alunos, mas requer caminhos alternativos, proporcionados pelos outros por meio da palavra e por recursos materiais tais como o Braille e o Material Digitalizado.

Quando discute o processo de desenvolvimento e aprendizagem Vigotski recorre ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP. Freitas (2001) discutindo este conceito, a partir da obra de Vigotski, destaca a participação do outro para o desenvolvimento das funções emergentes no sujeito. Segundo essa autora, o conceito de ZDP diz respeito ao espaço entre aquilo que o aluno ainda não consegue realizar sozinho e o desenvolvimento consolidado.

Segundo Góes (2000) "... a 'boa' aprendizagem é aquela que consolida e, sobretudo, cria zonas de desenvolvimento proximal sucessivas." (GÓES, 2000, p. 24).

A consolidação de uma aprendizagem ocorre, portanto, a partir de uma construção sobre interações. Isto é, o conhecimento vai sendo construído na interação sujeito-objeto-sujeito, em que essa ação do sujeito sobre o objeto é socialmente mediada, então, pode-se afirmar que a relação do homem com o mundo não é sempre direta, mas mediada.

Na teoria histórico-cultural o conceito de mediação é uma idéia central para o entendimento do desenvolvimento humano como processo sócio-histórico, consistindo na idéia de que o conhecimento é adquirido por meio de relações sociais, assim o desenvolvimento é alcançado por meio da mediação de outros sujeitos. Vigotski, (1991).

O conceito de mediação ganha um sentido específico nos textos de Vigotski, uma vez que é utilizado com referência à mediação semiótica. Conforme nos explica Pino (2005), para que ocorra a transformação de um processo interpessoal em um processo intrapessoal é preciso que, ao longo do desenvolvimento ocorra uma série de eventos. Segundo Vigotski (1995), a história do desenvolvimento dos signos nos leva:

...a uma lei muito mais geral que regula o desenvolvimento da conduta". Pierre Janet a qualifica como lei fundamental da psicologia. Seu significado essencial consiste em que a criança,

ao longo do desenvolvimento, começa aplicar à sua pessoa as mesmas formas de comportamento que a princípio aplicavam com respeito a ela. A própria criança assimila as formas sociais de conduta e as transfere a si mesma. (VIGOTSKI, 1995, p. 146).

O processo entendido dessa maneira “...permite à criança apropriar-se do saber humano que a capacita a interpretar o mundo e lhe dá condições para comunicar-se com os outros” (PINO, 2005, p. 160). O processo de mediação está intimamente relacionado à significação.

É importante ressaltar aqui a necessidade de se ter cuidado com o uso do termo “mediação” uma vez que a palavra pode ganhar significados diferentes a depender da perspectiva da qual se olha.

Tunes (2005) observa que:

...Ao se examinar o conceito de mediação fica evidente sua complicação e incompletude para se compreender o papel do professor. Ainda que seja possível admitir-se o professor como mediador do conhecimento para o aluno, isso não esgotaria sua função, nem daria conta do que lhe é primordial. O professor é uma pessoa vulnerável à alteridade do aluno. Assim, trabalho pedagógico e zona de desenvolvimento proximal não significam outra coisa que não ação conjunta. O desenvolvimento psicológico é resultado de algo que acontece no espaço da relação professor e aluno, como possibilidade de realização futura. (TUNES, 2005, p. 695).

1.2. Considerações sobre as relações sociais, o desenvolvimento e a aprendizagem da criança cega.

Vigotski (1997) resalta em sua obra a necessidade de se distinguir as compensações orgânicas e sensoriais da compensação sócio-psicológica. Mesmo sendo vistas como análogas, as compensações sócio-psicológicas são distintas das orgânicas e ocorrem por meio das relações com o outro e de experiências em diferentes espaços da cultura. Ele destaca que:

O que decide o destino da personalidade, em última instância, não é o defeito em si, mas suas conseqüências sociais, sua realização sociopsicológica. (...) Em essência, esta concepção dos fenômenos psicológicos não só a partir do passado, mas também com referência ao futuro nada mais é que a exigência dialética de compreender os fenômenos em eterno movimento, descobrir suas

tendências e seu porvir, determinado pelo presente. (VIGOTSKI, 1997, p. 44).

Para que processos compensatórios sejam ativados, a criança cega precisa do grupo social. É importante considerar que a sociedade da qual fazemos parte tende a ser organizada para apenas um tipo de desenvolvimento humano, o de pessoas consideradas “normais”, o que implica em práticas sociais, arranjos dos ambientes, instrumentos etc., projetados para este padrão de homem. Conforme lembrado por Vigotski (1997):

É verdade que a criança cega ou surda, do ângulo da pedagogia, pode ser, em princípio, igualada a uma normal; mas ela alcança o mesmo que a criança normal de um modo distinto, por um caminho distinto, com meios distintos. E para um pedagogo tem particular importância esta peculiaridade do caminho pelo qual se deve guiar a criança. A biografia de um cego não é similar à de um vidente; é impossível admitir que a cegueira não provoque uma singularidade profunda em todo o curso do desenvolvimento, no entanto, a vida de H. Keller não contém nada misterioso. Mostra, evidentemente, que o processo de supercompensação está inteiramente determinado por duas forças: as exigências sociais que se apresentam para o desenvolvimento e a educação, e as forças intactas da psiquê. A demanda social, excepcionalmente elevada, que se colocou para o desenvolvimento de H. Keller e sua feliz realização nas condições de existência do defeito determinaram seu destino. Sua deficiência não foi apenas um freio, mas se converteu em impulso e garantiu o desenvolvimento. (VIGOTSKI, 1997, p. 50).

A compensação não ocorre automaticamente e depende das experiências propiciadas pelo grupo social. Por isso o autor faz uma importante ressalva:

A supercompensação é apenas o ponto extremo de um dos possíveis desenlaces desse processo, um dos pólos desse desenvolvimento complicado pelo defeito. O outro pólo é o fracasso da compensação, o refugiar-se na doença, na neurose, a completa associabilidade de atitude psicológica. (VIGOTSKI, 1997, p. 48-49).

A criança cega precisa do grupo social, para “ver” e conhecer com a ajuda do outro. Vigotski defende a necessidade de se abolir a educação segregada e findar a imposição de limites ocorridos entre a escola especial e a regular, pois a criança cega tem o direito e capacidade para que sua educação

seja organizada e garantida igualmente a de uma criança vidente. Para Vigotski (1997):

A linha diretriz na psicologia do cego está orientada para a superação da deficiência através de sua compensação social, através da incorporação da experiência dos videntes, mediante a linguagem. A palavra vence a cegueira. (VIGOTSKI, 1997, p. 107).

Considero, portanto, que os textos de Vigotski e de autores contemporâneos que trabalham na perspectiva histórico-cultural contribuem para a reflexão que me proponho nesta dissertação, uma vez que destacam o papel do social no desenvolvimento e aprendizagem da criança e enfatizam a compensação sociopsicológica como o principal mecanismo que possibilita a superação das dificuldades enfrentadas pelo aluno cego no processo de ensino-aprendizagem.

A seguir descrevo um pouco sobre os recursos disponíveis para o aprendizado da leitura e da escrita através do sistema Braille e do Material Digitalizado e relato a história do cego, em especial do cego no Brasil.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO DO ALUNO CEGO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

2.1. Fatores que determinam a cegueira

De acordo com especialistas da área de oftalmologia, a cegueira é considerada uma deficiência grave, pois o indivíduo deixa de ter a capacidade de ver. Os olhos são os órgãos dos sentidos responsáveis pela visão, sendo que a perda total ou parcial da mesma pode ser amenizada por meio de tratamentos médicos e de reabilitação. (BRUNO, 1997).

Segundo Mosquera (2009), o conceito de visão subnormal ou baixa visão só foi possível graças ao inglês Sir Hernest Jorgensen que, em 1954 solicitou que fosse mudado o conceito de deficiência visual. No início do século XX cega era qualquer pessoa que tivesse alguma limitação visual, não importando o tipo de limitação ou dificuldade de tal pessoa, mas, sim o grau de tal dificuldade. De acordo com o autor:

...cegueira é a acuidade visual menor do que 3/60 no melhor olho, com a melhor correção óptica, além de definir a incapacidade visual acentuada (baixa visão) como a acuidade menor do que 6/60 (ou 20/200) no melhor olho, com a melhor correção óptica. Baixa visão, nada mais é do que ter os dois olhos comprometidos, não adiantando tentar utilizar recursos ópticos que tenham como objetivo a "cura". (MOSQUERA, 2009, p. 30).

A cegueira também pode ser denominada amaurose ou visão nula. Tanto a cegueira quanto a baixa visão podem ocorrer devido a causas hereditárias ou adquiridas.

Segundo Nunes (2010) uma criança que fica cega antes dos cinco anos é considerada cega congênita ou adventícia e não tem memória visual; já, se isso ocorre após essa idade, a criança é considerada cega adquirida.

Qualquer deficiência é impactante e com a deficiência visual não poderia ser diferente. Porém, é necessário estar atento a alguns fatores, como intervenções realizadas, idade em que ocorre a cegueira, bem como a

dinâmica da família. Não devemos esquecer que, para cada caso há um tipo de reabilitação, ou seja, não existem casos idênticos e o tratamento que se dá a um determinado caso, pode não funcionar em outros.

Não devemos ter receio em utilizar a palavra “cego”, já que esse conceito difere do termo deficiente visual. Qualquer pessoa que use óculos é considerada deficiente visual, enquanto cego é aquele totalmente privado da visão.

O cego deve ter acesso a qualquer tipo de informação e, isso se torna possível graças à linguagem, pois por meio dela ele se comunica com as demais pessoas.

2.2. História do cego no Brasil

A história do cego no Brasil tem como referência inicial a criação do Instituto Imperial dos Meninos Cegos, fundado em 12 de setembro de 1854 e que hoje é chamado de Instituto Benjamin Constant ou IBC.

Segundo Batista (2009), o Instituto foi criado por meio do decreto “n 1428 de 12 de Setembro de 1854” e isso só fora possível porque o médico do imperador, o doutor Xavier Sigaud, percebeu que sua filha cega Adèle Sigaud, estava demonstrando um atraso em sua alfabetização. Como não havia nenhum especialista no Brasil, a única alternativa foi a de pedir auxílio ao professor José Álvares de Azevedo, professor cego que havia estudado na França, precisamente na escola de Valentim Haüy. É importante citar que o Dr. Xavier Sigaud foi eleito o primeiro diretor do Instituto Imperial dos Meninos Cegos.

Ainda para Batista (2009), no Brasil, o Instituto funcionava em regime de internato e destinava-se ao ensino primário e alguns ramos do secundário, bem como ensino de educação moral e religiosa, ofícios fabris, trabalhos manuais, música.

Como relata Cerqueira (2009), para seu funcionamento o Instituto Imperial dos Meninos Cegos utilizou inicialmente materiais que foram doados pelo pai de José Álvares de Azevedo, o Sr. Manoel Álvares de Azevedo,

dentre os quais podemos citar livros, mapas, dispositivos de escrita, além dos que já haviam sido importados para serem usados.

Em 1854, a imprensa do Instituto de Paris editava o primeiro livro em Braille numa língua estrangeira no sistema Braille chamado “Método de leitura em português” (Méthode de Lecture Portugaise), que tinha 76 páginas.

Conveniente ressaltar que os custos totais da edição dessa obra, incluindo a fundição dos tipos metálicos necessários foram sustentados com recursos pessoais do imperador D. Pedro II.

Inicialmente os livros em Braille eram importados de Paris. Como havia a dificuldades para se traduzir as obras e quando tinha demorava a chegar ao Brasil, o Dr. Claudio Luiz da Costa que na época era diretor da escola, resolveu treinar cinco aprendizes cegos em uma oficina de tipografia e contratou um mestre em composição e impressão.

Segundo Cerqueira (2009):

Instalada em 15 de Agosto de 1857, a oficina tipográfica do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, com tipos Braille importados da França, a que acresciam os 400 tipos metálicos já doados pelo aluno e repetidor Carlos Henrique Soares. Observe-se que o processo tipográfico podia ser aplicado em apenas uma face do papel. Anos depois, foi também criada uma oficina de encadernação, com aproveitamento de estudantes cegos. A primeira obra aqui transcrita foi a (história cronológica do Imperial Instituto dos Meninos Cegos) em três volumes, autêntico relatório dos primeiros anos da instituição, por Claudio Luiz da Costa. (CERQUEIRA, 2009, p. 40).

Ainda para Cerqueira, em 1890, foi criado o cargo de ditante-copista, que deveria ser ocupado por profissionais que tivessem status de professor, e uma de suas funções era ditar a alguns repetidores e aspirantes ao magistério obras impressas e manuscritas em caracteres comuns para que esses alunos as transcrevessem para o Braille. Esses trabalhos que eram transcritos iam para a biblioteca do Instituto. Alguns exemplares também eram encaminhados para a impressão tipográfica e posterior utilização dos alunos. No início do século XX, passou-se a utilizar as máquinas Braille, que eram importadas.

Em 1939 a tipografia do instituto se transformou em Seção Braille dispondo de máquinas de estereotipia que eram importadas e produziam

matrizes de metal, cobre zinco e alumínio e se imprimia nas duas faces do papel, tendo como seu primeiro chefe Hélio Bezerra do Amaral. Em 1943 foi criada a Imprensa Braille no Instituto Benjamin Constant. Os livros didáticos transcritos para o Braille seguiam o padrão do colégio do Brasil D. Pedro II.

Segundo Cerqueira (2009) em 1942 foi publicada a primeira revista em Braille, a RBC (Revista Brasileira para Cegos) e em 1959 a publicação da revista infanto-juvenil “Pontinhos”, sendo que as duas ainda existem tendo aproximadamente 3.000 exemplares distribuídos no Brasil e Exterior. Em 1983, as máquinas de estereotipia foram desativadas e substituídas por três de estereotipia alemãs da fábrica Marburg que podem ser acopladas a um computador. Em 1993 começou-se a produzir o Braille em impressoras matriciais e importadas foram três impressoras da fábrica Thiel, financiadas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Cerqueira (2009) nos expõem que:

Na última década (1999 a 2009) a produção de livro e textos em Braille no IBC teve um significativo avanço. Com a soma de esforços do FNDE-MEC SEESP O IBC integrou-se ao Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) e também ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) atendendo a uma demanda nacional de alunos cegos, do ensino fundamental, matriculados nas escolas públicas. (CERQUEIRA, 2009, p. 42).

O instituto São Rafael foi à segunda escola para cegos, inaugurado em 1926 em Belo Horizonte. Para Bruno citado por Batista 2009:

Em 1928, na cidade de São Paulo surgiu a primeira escola voltada para a formação profissional do cego, que mais tarde passou a chamar-se Instituto Padre Chico, e “tinha como objetivos a educação básica, a formação profissional e a integração do cego na sociedade”. (BATISTA, 2009, p.18).

De acordo com Batista, (2009) pode-se dizer que os primeiros deficientes visuais, tanto cegos como amblíopes (termo utilizado para designar baixa visão), foram atendidos na antiga Fundação Para o Livro do Cego no Brasil a atual Dorina Nowill.

Ainda para Batista (2009) em São Paulo:

A primeira classe para alunos deficientes visuais (cegos) foi instituída em 1950, sendo que em 1953, por meio da Lei nº 2.287 de 03/09/53 foram criadas 10 classes que utilizavam o sistema Braille. Em 1955 firmou-se um convênio entre a Secretaria Estadual de Educação e a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, a fim de propiciar capacitação para os professores do ensino público e atender os alunos com deficiências visuais (cegos) e cinco anos mais tarde através do governador Carlos Alberto de Carvalho Pinto foi instituída a aprovação do atendimento especializado. Só os professores formados na área de educação dos cegos, poderiam assumir as classes e os certificados eram expedidos pelo Instituto Caetano de Campos da cidade de São Paulo. (BATISTA, 2009, p. 18).

De acordo com Mosquera (2009), em 1932 os cegos conseguiram o direito ao voto, sendo que a primeira lei de diretrizes e bases da educação nacional, a LDB foi criada em 1961 e enfatizou a educação da pessoa cega. Já se pensava então em integrar o deficiente “preferencialmente” na rede regular de ensino. Porém, ao mesmo tempo lhes era assegurado tratamento especial por meio das políticas públicas.

No Brasil, existiram pessoas cegas extremamente talentosas como, Antonio Lisboa Fagundes da Silva que lecionou francês no Instituto Benjamin Constant, Augusto José Ribeiro e Cesário Lima que foram poetas, José Cerqueira, exímio pianista, Francisco Gurgulino de Souza foi um ilustre organista e também tocava piano, Mauro Montagna que fundou a Sociedade Protetora dos Cegos e uma escola profissional para adultos cegos e Dorina de Gouvêa Nowill, filantropa e administradora brasileira, que idealizou e criou a Fundação Dorina Nowill para deficientes visuais sendo que também assumiu consideráveis cargos em organizações internacionais de pessoas cegas.

2.3. Histórico sobre a cegueira

Vários pesquisadores já se preocuparam em descrever a história da cegueira no mundo e no Brasil. Considerei relevante explicitar um pouco dessa história no texto aqui apresentado para a melhor compreensão da educação do cego no momento atual.

Para Machado Filho (1931), na mitologia e literatura gregas dos tempos antigos, a cegueira era símbolo do amor e da fortuna. Por outro lado

também veio como representação da miséria humana por meio da figura de “Édipo Rei”, de Sófocles (que viveu em 495 A.C). Ainda para este autor, na antiguidade a única coisa escrita que evidencia as possibilidades intelectuais das pessoas cegas é uma página do livro do poeta Cícero, porém ele apenas citou alguns cegos bem sucedidos, mas não fez menção a questão psicológica destes.

Já Mosquera (2009) diz que, os primeiros cegos ou pessoas com baixa visão surgiram na pré-história, mas, não se sabe ao certo como viviam, então temos apenas suposições e especulações.

Antes de Aristóteles (século IV A.C.) eram poucas as pessoas que acreditavam no potencial das pessoas deficientes. É por isso que Bianchetti, (*apud* Mosquera, 2009) conta que quando nascia uma criança deficiente os gregos a eliminavam, pois valorizavam a beleza, a estética e principalmente a força das pessoas.

Eram muito poucas as pessoas com deficiência que sobreviviam naquela época. Acredita-se que ficavam vivos graças a alguma ajuda, como a da família, que tinha “pena” dessas pessoas. Para Mosquera (2009):

...A domesticação de animais, preparo de comidas especiais, arte rupestre, colheita, construção da sua própria moradia, proteção aos mais novos e aos mais velhos, poesia, música, poderes sobrenaturais, cura, entre outras qualidades, devem ter sido a máxima para poder se manter vivo e admirado. (MOSQUERA, 2009, p.11).

Algumas dessas qualidades eram demonstradas na infância da criança deficiente e assim as pessoas ditas normais “acreditavam” na reabilitação de tal criança. A constatação de qualidades dos deficientes não eliminados convenciam suas famílias de que deveriam continuar vivos.

As primeiras iniciativas sobre a educação de pessoas cegas surgiram no século XVI. Segundo Mota e Bruno, *apud* Mosquera (2009), o Padre Lara Terzi e um homem cego de nome Peter P. Fleming muito contribuíram para a educação das pessoas cegas escrevendo os primeiros livros sobre a educação destes.

De acordo com Cerqueira (2009), pode-se dizer que na idade moderna alguns filósofos intelectuais se preocupavam muito com as pessoas cegas e tanto isso é verdade que o humanista espanhol Juan Luis Vives, em 1526, publicou em Bruges (Bélgica) um tratado de filosofia o “De subventionem pauperum” (Da assistência aos pobres) que dizia:

Não permitiremos, nem sequer aos cegos, ser ou conseguir estar desocupados; há muitas coisas a que se podem dedicar, alguns tem aptidões para as letras, desde que alguém leia para eles. Que estudem, já observamos em um grande número deles alguns progressos na erudição, nada desprezíveis. Outros estão aptos para a música: que cantem e toquem instrumentos de corda ou de sopro. O defeito do corpo é o único motivo que podem alegar para não fazer nada. (CERQUEIRA, 2009, p. 26).

Ainda para Cerqueira (2009), o jesuíta Francesco Lana-Terzi, professor de matemática e física em Bresca (Itália), tinha algumas propostas, dentre as quais um processo de escrita para cegos. Para que uma letra fosse produzida, os lados de uma casa retangular eram traçados. Eram acrescentados um dois ou até mesmo três pontos, mas isso dependia da letra que se queria desenhar.

Já o enciclopedista Denis Diderot em 1749 publicou a “Lettre sur lês Aveugles à usage de ceum qui Voient” (Carta sobre os cegos para o uso dos que vêem). Nessa carta conforme ressalta o autor são abordados aspectos psicológicos, morais e da vida prática dos cegos.

Jean-Jacques Rousseau, filósofo suíço, publica em 1762 a obra “Emílio ou da Educação” enfatizando a importância da aprendizagem da experiência sensorial. Para Rousseau citado por Cerqueira (2009):

Não somos igualmente senhores do uso de todos os nossos sentidos. Há um deles, o tato, cuja ação nunca é suspensa durante a vigília; ele foi espalhado por toda a superfície do nosso corpo, como uma sentinela contínua para nos advertir sobre tudo o que possa ofendê-lo. É também o sentido cuja experiência, queiramos ou não, adquirimos mais cedo por esse exercício contínuo e o qual, por conseguinte, temos menos necessidade de cultivar particularmente. No entanto, observamos que os cegos tem um tato mais seguro e mais fino do que nós, porque, não sendo orientados pela visão, são forçados a aprender a tirar unicamente do primeiro sentido os juízos que a visão fornece. Porque, então, não treinamos para andar como eles no escuro,

para conhecer os corpos que podemos alcançar, para avaliar objetos, que nos rodeiam, para fazer, numa palavra, de noite e sem luz tudo o que eles fazem de dia e sem olhos. (CERQUEIRA, 2009, p. 26).

A afirmação de Rousseau mostra uma visão orientada para a substituição da visão pelo tato e audição. No entanto, conforme ressaltado por Vigotski (1995), a questão da compensação não é meramente sensorial, mas sim sócio-psicológica.

Em 1771 Valentin Haüy estava sentado num Café em frente à Place de La Concord e nesse local estava ocorrendo a feira de St. Ovide na qual acontecia um depreciativo espetáculo. Dez homens cegos contratados pelo empresário Valiodin estavam ridiculamente vestidos, com gorros pontiagudos e óculos de papelão sem lentes, também havia partituras posicionadas de cabeça para baixo. Os cegos tocavam instrumentos musicais de maneira totalmente desarmônica, o que provocou muitas gargalhadas do público lá presente. E tudo isso para se ganhar alguns trocados.

Por ter presenciado tão grotesco espetáculo foi que em 1784, Haüyb fundou a primeira escola para cegos do mundo. Importante citar que ele fundou a escola com recursos financeiros próprios e com apoio de uma sociedade filantrópica. Para fundar a escola Haüy fundamentou-se em alguns trabalhos sobre a cegueira e também manteve contato com algumas pessoas cegas, destacando-se o alemão cego Martin Niessen Weissebourg, o qual inventou seu processo de escrita pessoal.

De acordo com Cerqueira (2009):

O processo de leitura criado, experimentado e desenvolvido por Valentin Haüy consistia na impressão em relevo das letras comuns, valendo-se de tipos metálicos especialmente produzidos, de tamanho bem superior ao normalmente usado nas tipografias. Em folhas espessas de papel umedecido, era possível obterem-se letras capazes de serem reconhecidas pelo tato. A leitura era lenta e os livros tinham dimensões exageradas: a página era de cerca de 25 cm de largura e 45 cm de altura; o livro pesava 4.5 kg aproximadamente. Comprovava-se, contudo, a possibilidade de serem os cegos educados e de se tornarem cidadãos produtivos. Não havia condições de praticarem a escrita individual, pois dependeriam de usar todos os equipamentos de uma tipografia. (CERQUERA, 2009, p. 28).

No ano de 1786, Haüy publicou a obra “Essai sur l. Éducation des Aveugles” (Ensaio sobre a Educação dos Cegos). Nessa obra expôs a metodologia que utilizou para a leitura dos alunos cegos, como eram impressos os livros e como eram desenvolvidas as atividades práticas destes. De acordo com Vigotski (1927):

Sobre o monumento de Haüy, fundador da instituição dos cegos, estão escritas palavras dirigidas à criança cega: “Encontrarás a luz na instrução e no trabalho”. No conhecimento e no trabalho Haüy via a solução da tragédia da cegueira, e indicou o caminho pelo qual marchamos agora. A época de Haüy deu a instrução aos cegos; nossa época deve dar-lhes o trabalho. (VIGOTSKI, 1927, p. 102).

Em 1791 a Instituição se transforma em escola pública, com objetivos voltados para o ensino acadêmico, musical e profissional. Em 1806, já afastado da direção da instituição Haüy é convidado a fundar uma escola na Rússia e outra em Berlim, acabando por fundar as duas escolas.

Para Cerqueira (2009):

O Instituto de Paris serviu de modelo para as demais escolas criadas pelo mundo, como em: Liverpool, Edimburgo, Londres, Viena, Berlim, Praga, Amsterdã, Estocolmo, dentre outros. (CERQUEIRA, 2009, p. 29).

Como importante pesquisador da cegueira Vigotski, em sua obra Defectologia nos conta um pouco como foi a história e a educação dos cegos.

Para ele:

A cegueira não é apenas a falta da visão, mas implica também uma reestruturação de todas as forças do organismo, bem como da personalidade. A cegueira, por criar uma formação peculiar da personalidade humana, “reanima novas forças, altera as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psique da pessoa”. A cegueira não é simplesmente um defeito, uma debilidade, mas é também fonte de manifestação das capacidades, uma força. (VIGOTSKI, 1997, p. 2).

Vigotski estabelece três etapas marcantes da história do cego: a primeira foi designada como época mítica, a segunda como biológica ou

ingênua e a terceira é denominada contemporânea, científica ou sócio-psicológica. A (mítica) é relacionada à antiguidade, bem como a idade média e parte da nossa história moderna. Isso é percebido nas lendas, nos contos, nos ditados e nos pontos de vista sobre os cegos. A cegueira era encarada como uma enorme infelicidade, além de gerar um medo infundado. O cego era tratado como um ser inválido, indefeso e abandonado. Por outro lado, podia ser visto com grande respeito. Acreditava-se até na época do próprio Vigotski que nos cegos desenvolviam-se forças místicas superiores da alma sendo que aos cegos era acessível o conhecimento espiritual e a visão que vinha em forma de alucinações. Isso ocorria porque eles haviam “perdido” o sentido da visão.

Segundo Vigotski (1997), há uma parte de verdade em tudo isso, embora seja muito distorcida pelo medo. Os cegos eram denominados, com frequência guardiões da sabedoria. Como exemplo disso, temos Homero que era cego, bem como Demócrito que se cegou para poder se dedicar inteiramente à filosofia. Vigotski esclarece que se isso não é certo, pelo menos explica a tradição.

Foi na época do iluminismo que se abriu uma nova era na vida dos cegos. No lugar do místico, agora temos a ciência e o preconceito foi substituído pela experiência e o estudo. A educação e o ensino passam a fazer parte da vida do cego e com isso ele começa a ter acesso à cultura.

Para Vigotski (1997):

Havia a teoria que se baseava na substituição dos órgãos dos sentidos. Um exemplo é a falta da visão que pode ser substituída pelos sentidos remanescentes, principalmente a audição e o tato. Ainda para o autor, começou-se a investigar sobre essa teoria que logo foi cientificamente posta de lado (embora continue a permear o senso comum), pois se descobriu, que em alguns casos tanto o tato como a audição dos cegos era menos desenvolvida que as dos videntes. Lizard (apud Vigotski, 1997) lembra que “o tato nunca ensinará ao cego a ver realmente”. (VIGOTSKI, 1997, p. 7).

Binder (apud Vigotski 1997) explicita que as funções dos órgãos dos sentidos não se mudam, e nem há como isso ocorrer. Não há como mudar o que um órgão faz para outro. Com isso a expressão “substituição dos órgãos

dos sentidos” é utilizada de forma errônea na fisiologia. Por meio da experiência e da observação científica esclareceu-se que a cegueira não é apenas uma deficiência, mas também a possibilidade de um cego aprender a ler e escrever são muito mais importantes que a agudeza do tato, bem como o “sexto sentido”.

A ciência, na época moderna, se aproxima bastante da verdade em relação à psicologia do cego. Quando um órgão devido à deficiência morfológica ou funcional não consegue realizar seu trabalho de forma satisfatória, o sistema nervoso central e o aparato psíquico assumem a tarefa de compensar o funcionamento insuficiente do órgão.

De acordo com Vigotski, “para compreender totalmente as particularidades do cego devemos descobrir as tendências existentes em sua psicologia, os embriões do futuro”. (VIGOTSKI, 1997, p. 12).

O desenvolvimento da atenção dos cegos tem opiniões contraditórias. Alguns autores notam nos cegos uma atividade mais elevada da atenção. Outros, incluindo professores de cegos acreditam que o desenvolvimento da atenção nos cegos é inferior a dos videntes.

Vigotski nos explicita que não devemos comparar o desenvolvimento da atenção de um cego com a dos videntes, principalmente se isso for encarado como um problema quantitativo. O que importa não é o desenvolvimento funcional quantitativo, mas sim, o desenvolvimento funcional qualitativo, de uma mesma atividade, tanto para cegos como para videntes. O desenvolvimento da atenção e da memória tem particularidades que precisam ser compensadas pelo cego.

A audição, o tato e a linguagem são imprescindíveis para o desenvolvimento da atenção bem como das outras funções psicológicas superiores, pois é assim que os cegos “conhecem” os objetos. Da mesma forma que o cego é incapacitado de se comunicar porque não tem noção de espaço, mantém por meio da linguagem uma relação completamente adequada com os videntes, ou seja, consegue uma compreensão dos videntes e até de outros cegos. Isso sem dúvida também está ligado à teoria da compensação. Podemos então perceber, que, no caso da cegueira, a

linguagem, a utilização da experiência e a relação que cegos têm com os videntes constituem a “fonte da compensação”.

Para Batista (2005):

Não se trata de substituir a visão por outros sentidos, normalmente inativos, mas de acioná-los de uma forma diferente do vidente, que parece usar a visão para “guiar” os demais sentidos. O tato constitui-se em recurso valioso no ensino de alunos cegos. “Entretanto, não pode ser visto como substituto da visão, nem pensado de forma independente dos processos cognitivos envolvidos na apropriação de conhecimentos.” (BATISTA, 2005, p. 13).

Vigotski (1995) ressalta que a educação de uma criança cega deve considerar as leis gerais de desenvolvimento humano que valem para todas as crianças. O que precisa ser diferente são os caminhos utilizados para garantir o acesso ao conhecimento.

2.4. O método Braille

Em 4 de Janeiro de 1809, em Coupvray, França nasceu Louis Braille. Ele tinha um irmão e duas irmãs e seu pai era seleiro. Até seus três anos, Braille era uma criança como outra qualquer. Porém, em 1812, quando ainda tinha três anos, foi na oficina de seu pai sem que ninguém da família tivesse conhecimento, pegou uma ferramenta pontiaguda (supõe-se que tenha sido uma soveia) e tentou cortar ou furar, não se sabe ao certo um pedaço de couro. Nesse momento, a ferramenta atinge um de seus olhos e se inicia uma hemorragia. Ele foi socorrido no mesmo instante, mas, naquela época a medicina não tinha tantos recursos como se tem hoje. Então, ele teve uma infecção denominada “oftalmia simpática” que o cegou completamente quando tinha cinco anos. O abade da vila se encarregou de ensinar a Louis Braille os primeiros fundamentos da religião católica.

Os pais de Louis Braille não queriam que seu filho passasse os dias sem fazer absolutamente nada e por isso permitiam ao menino ajudar nas tarefas que achavam convenientes. Além disso, Braille produzia franjas que seu pai utilizava em sua oficina para o fabrico de arreios.

Em 1816, é contratado um professor para ministrar às crianças aulas de religião católica, aritmética, bem como a prática da leitura e escrita. O abade solicitou que Louis Braille fosse aceito na classe do professor e, embora não conseguisse ler e escrever participava oralmente de todas as aulas e se destacou dentre todas as crianças. O pai de Louis, preocupado com sua educação prepara em sua casa um alfabeto com ripas de madeira e pregos com cabeça arredondada.

Mas o abade, ainda não estava satisfeito, em relação ao menino cego. Foi então que, por meio do professor que ministrava aulas para as crianças, descobriu uma instituição para cegos existente em Paris e juntamente a um marquês da região fez contato com a mesma. Feito o contato, o abade vai à casa da família Braille conversar com os pais de Louis, explicando as vantagens que ele teria, se fosse estudar em uma instituição especializada para cegos.

Quando Louis tinha 10 anos, precisamente em 1819, no dia 15 de fevereiro, ingressou no Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris. É importante ressaltar que uma viagem de sua cidade até Paris levava 4 horas. Na época, havia cem crianças sendo atendidas pela instituição que era administrada pelo médico Dr. Sébastien Guillié. Mal sabia Louis que viveria nessa instituição até sua morte.

Louis Braille foi aluno, repetidor (isto é, aquele que explica lições para grupos pequenos de alunos) e professor nessa instituição, permanecendo aí por 33 anos.

Na instituição estudava-se dez horas e meia por dia, e eram abrangidos três ramos principais: intelectual, musical e profissional.

Em 1821, o antigo diretor é substituído pelo médico Dr. François-René Pignier o qual ajudará bastante Braille em suas funções. Segundo Cerqueira (2009):

Desde cedo, Braille apresentava bom desempenho nas atividades intelectuais e manuais. De 1823, com 14 anos, até 1827, exerceu a função de contramestre na oficina de chinelos de tiras e de tranças. Seus estudos de música foram dedicados à execução instrumental em piano, violoncelo e órgão. No período de 1820 a 1828, recebeu diversos prêmios por desempenho nas atividades escolares, tais como em: trabalhos de malha, confecção de

chinelos, Gramática, História, Geografia, Aritmética, Retórica, Gramática geral, Lógica, Álgebra, Geometria, Violoncelo e Piano. (CERQUEIRA, 2009, p. 8).

Durante todo esse período Braille teve e manteve muitas amizades. Um militar do exército cujo nome era Charles-Marie Barbier de La Serre que também era investigador de escritas secretas, criou um processo, que denominou “escrita noturna ou sonografia”, o qual era feita por pontos salientes. Esse processo foi inventado com a intenção de os soldados lerem e transmitirem mensagens curtas, mesmo que não houvesse luz sem despertar a atenção do inimigo. Continha uma reglete, na qual se poderia ler e escrever e para isso eram utilizados 12 pontos, dispostos em duas colunas de seis pontos, e havia 36 combinações para que fossem representados os sons fundamentais da língua francesa. A sonografia não priorizou em nenhum momento a ortografia, pontuações, ou mesmo algarismos.

Barbier resolveu então apresentar sua proposta para o Instituto Real dos Jovens Cegos em 1821. Os estudantes, especialmente Louis, ficaram fascinados com o novo processo, pois ao invés das linhas lisas (letras convencionais apresentadas em alto-relevo) poderiam ler por meio de pontos.

Então, com 12 anos, Braille trabalhou incansavelmente nos intervalos de suas aulas, nas férias escolares e à noite. Quando em 1825 apresentou a versão inicial de sua grande proeza, que era composta por pontos e traços, cuja distância entre dois pontos tanto na horizontal como na vertical, era de 2,5 milímetros, tendo ao todo 96 sinais. Nos anos que se seguem, Braille aperfeiçoa o método e em 1837, chega a formulação final que continha 63 combinações, como é até hoje. De acordo com Cerqueira (2009):

Diferentemente do que se possa pensar, Louis Braille não se limitou a reduzir o número de pontos da matriz Barbier, pois estruturou um código alfabético, contemplando também letras acentuadas, sinais de pontuação, algarismos, sinais de operação, e, inclusive, uma notação musical elementar. Já nesta fase, foi feita a impressão de (Extrato da Gramática das gramáticas em 1827) e da (Gramática de Nowl e Chapsal em 1829). (CERQUEIRA, 2009, p. 30).

Braille ainda não estava satisfeito, pois entre 1836 e 1839 formulou uma proposta para se escrever letras comuns com pontos, sendo que em 1839, publicou um manual, um “novo processo para representar por pontos, a própria forma das letras, os mapas de geografia, as figuras de geometria, os caracteres da música etc.”, o qual ensinava a se produzir letras, mapas e desenhos com pontos. O intuito de Braille era que pessoas cegas e videntes pudessem se comunicar por escrito.

Em 1831, Braille já lecionava para alunos videntes, sendo que em 1833 foi nomeado professor juntamente a mais dois repetidores que eram cegos, produziu vários trabalhos para seus alunos tais como, um livro denominado “Pequeno Memento de Aritmética para uso dos principiantes”, o qual continha números inteiros e frações decimais e, era acompanhado por cem problemas. Também nessa época surgiram os primeiros indícios da tuberculose em Louis Braille. Ele teve sua primeira crise de hemoptise de 1840 a 1844 e suas atividades foram reduzidas devido à sua doença. Ministrava aulas a um número restrito de alunos apenas na área musical. Nesse mesmo ano, o Dr. Pignier deixa a direção e o Dr. Pierre-Armand Dufau o substitui.

A sede do Instituto Nacional dos Jovens Cegos era considerada insalubre e inadequada, sendo que lá, se verificava a presença de doenças causando até a morte de alguns alunos. Pensa-se que a tuberculose de Braille também tenha sido provocada lá, pois o ambiente dos cômodos era úmido e abafado. Sendo assim, em fins de 1843 a sede do Instituto foi transferida para Boulevard dês Invalides.

Segundo Cerqueira (2009):

Entre 1844 e 1847, Braille foi afastado das aulas com permissão, porém, de permanecer no Instituto para tratamento, por ato do ministro, solicitado pelo diretor Dufau. Em 1847 retorna às aulas e se afasta em 1850. Durante todo esse período, volta a Coupvray por temporadas mais ou menos longas, para recuperar-se. (CERQUEIRA, 2009, p. 9).

No dia 6 de Janeiro de 1852 falece Louis Braille sendo velado na capela do instituto de Paris. Seu enterro foi dia 10 do mesmo mês em Coupvray ao lado de seu pai e de sua irmã.

E essa foi a história da pessoa que mudou por completo a vida dos cegos, lhes proporcionando uma preciosidade: poder ler, mas ao mesmo tempo poder se expressar por escrito e o mais importante, corrigir ou alterar o que estiver errado. Braille deixa isso bem claro em suas palavras:

O acesso à comunicação em seu sentido mais amplo é o acesso ao conhecimento, e isto é de importância vital para nós, se não quisermos continuar sendo desvalorizados ou protegidos por pessoas videntes bondosas. Não necessitamos de piedade nem de que nos lembrem de que somos vulneráveis. Temos que ser tratados como iguais, e a comunicação é o meio pelo qual podemos consegui-lo. (BRAILLE *apud* CERQUEIRA, 2009, p. 25).

De acordo com Silva (2005) existem alguns instrumentos que podemos utilizar para escrever e ler por meio do método Braille. Em sua opinião, o mais eficaz é a máquina de escrita Braille, e a mais utilizada é a Perkins-Brailler fabricada pela Perkins School of the Blind (Figura 1). A máquina possui seis teclas, sendo uma para cada ponto, também tem a tecla que é utilizada como espaçador que fica no centro do teclado, uma para mudança de linha e outra para o retrocesso.

As combinações para a escrita são feitas apertando-se as teclas individualmente, ou simultaneamente, dependendo do que se está escrevendo. Na máquina, tanto a escrita quanto a leitura são feitas da esquerda para a direita, ao contrário da reglete. O inventor de tal proeza foi Frank H. Hall, em 1882, nos Estados Unidos da América. O papel usado na máquina deve ser enrolado para sua melhor fixação.



Figura 1 - Máquina de Escrita Braille mais utilizada: a Perkins-Brailler fabricada pela Perkins School of the Blind. (FONTE: SITE BENGALA LEGAL e BLOG DEFICIÊNCIA VISUAL, 2012).

Os dedos das duas mãos devem ser usados sempre na mesma tecla, sendo que o uso desse recurso é semelhante à utilização de um teclado de computador. Algumas escolas especializadas em cegos, ao invés de iniciar a escrita na reglete preferem a máquina, pois evita a duplicidade de códigos. Além disso, a máquina exige menos esforço e precisão que o punção e a reglete. E assim consegue-se uma escrita mais rápida, pois segundo Silva (2005) um bom datilógrafo escreve quarenta a sessenta palavras por minuto. Já, as escolas brasileiras, em sua maioria, iniciam o Braille com o uso da reglete, devido a seu baixo custo.

Existem regletes de dois tipos. A reglete chamada “inteiriça” que é uma prancheta de plástico, onde se coloca a folha e vai escrevendo do início ao fim da régua. Nessa régua fica as selas Braille que tem os seis pontos, ou seja, três pontos dispostos em duas colunas e a reglete montável que é uma

prancheta de madeira, e vem junto a régua com as selas. Conforme a gente vai escrevendo precisa ir abaixando a folha até o final da régua.

Veja figura 2 e 3:

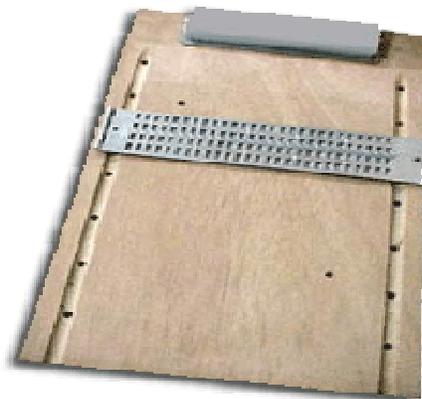


Figura 2 - Reglete. (FONTE: SITE BENGALA LEGAL e BLOG DEFICIÊNCIA VISUAL, 2012).



Figura 3 - Punção. (FONTE: SITE BENGALA LEGAL e BLOG DEFICIÊNCIA VISUAL, 2012).

A sela Braille é furada com a ajuda de uma punção (objeto com uma ponta), e esses furos são feitos dentro da sela Braille. Podemos realizar 64 combinações apenas com seis pontos. Os três pontos da esquerda da sela em linha vertical são os números 1, 2, 3, sendo que os da direita formam os números 4, 5, 6. Perfura-se o papel da direita para a esquerda.

A espessura do papel que se vai escrever em Braille é mais grossa que a de um papel comum (geralmente é utilizado o sulfite quarenta), porque depois de escrito a folha é virada e a pessoa percorre os dedos sobre os relevos que ficam devido à pressão da punção. Para se compreender melhor essas combinações podemos utilizar uma sequência.

As dez primeiras letras em Braille que são do “a” ao “j” e formam a primeira série e pode-se dizer que são a base para que se aprenda o sistema Braille, pois são usados os pontos das duas primeiras fileiras; pontos 1, 2, 4 e 5. Os números até 10 também são apresentados com essas letras, acrescentados do sinal de número 3, 4, 5 e 6 (letra I invertida) podendo formar os algarismos de 1 a 0. A segunda série é formada pelas letras k a t, ou melhor, é acrescentado o ponto 3 nessas letras que fica localizado no canto inferior, do lado esquerdo. Com isso teremos em uso os pontos 1, 2, 3, 4, e 5. Na terceira série serão acrescentados os pontos 3 e 6. Veja figura a seguir:

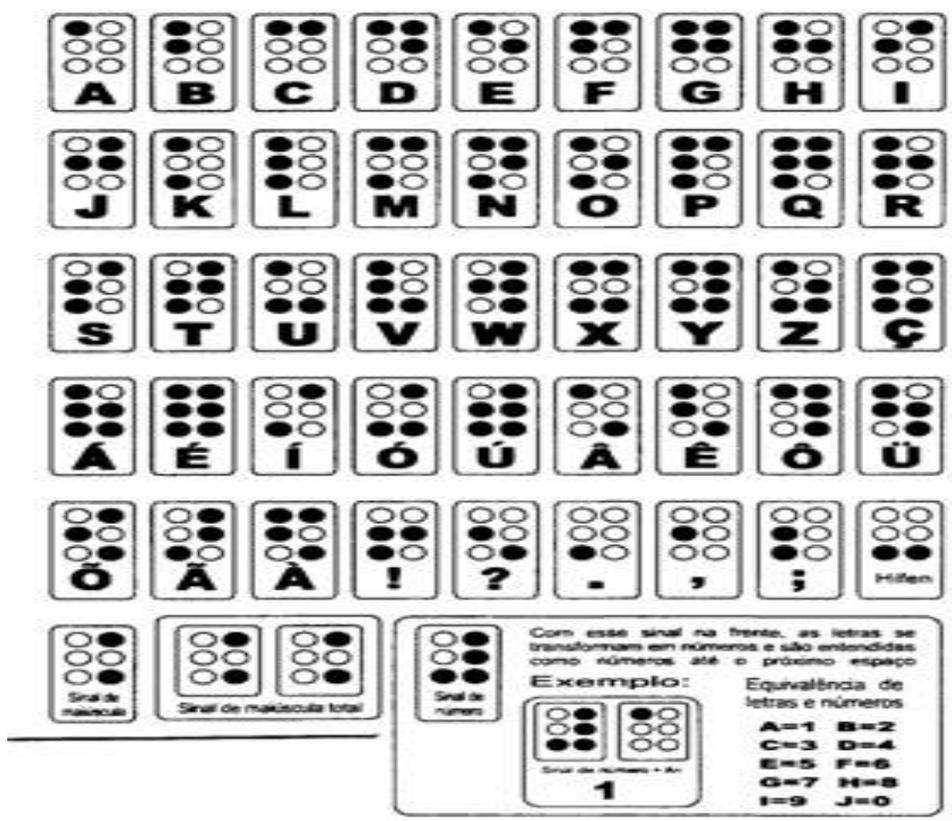


Figura 4 - Sistema Braille. (FONTE: SITE BENGALA LEGAL e BLOG DEFICIÊNCIA VISUAL, 2012).

A escrita e a leitura são um dos artifícios mais antigos e utilizados para se comunicar, isto tanto para o vidente quanto para o cego, sendo que para este, o Braille é a ferramenta que permite sua conexão com o universo do conhecimento e da informação.

Pereira (2009) nos alerta quanto a uma possível e preocupante realidade:

... Estamos passivamente assistindo, a um movimento surdo e crescente cada vez mais ativo e latente, velado, de um fenômeno irreversível e com efeito deletério chamado de “desbrailização” - o mau uso ou subutilização ou mesmo a substituição do sistema Braille por ferramentas sonoras, que ameaçam converter a próxima geração de indivíduos cegos em autênticos analfabetos funcionais, talvez ouvintes hábeis, mas incapazes de ter acesso à língua escrita, que constitui a chave para um conhecimento baseado na compreensão-interpretação do mundo. A “desbrailização”, que é um fenômeno real, não se dá por falta de material em Braille. (PEREIRA, 2009, p. 5).

É extremamente indispensável que a criança cega domine o sistema Braille, cabe aos professores, incentivar e ajudar seus alunos no aperfeiçoamento e estudo do método, pois é a partir dele que a criança cega irá ter contato com a estrutura dos textos, a ortografia das palavras e a pontuação. Geralmente, as crianças cegas não são motivadas para a prática de Braille. A falta de aprendizagem desse método pode refletir na escrita que será deficiente em todos os aspectos e na matemática

De acordo com a comissão editorial da revista Benjamin Constant (Outubro, 2009):

O sistema Braille é uma conquista dos cegos, com o apoio dos videntes que reconheciam seu direito de emancipar-se de sua tutela; só o sistema Braille permite ao educando cego apropriar-se dos conceitos de letra, sílaba, palavra e frase através do contato direto com a escrita e a leitura; após o surgimento do sistema Braille, o cego alargou sua escolaridade, alcançando a universidade e o trabalho; graças ao sistema Braille, o cego conquistou sua identidade e enquanto grupo social, com deveres a cumprir e direitos de cidadania. (REVISTA BENJAMIN CONSTANT, 2009, p. 15).

Os conhecimentos de Braille possibilitam ao aluno a consulta de mapas, plantas topográficas e roteiros facilitando a realização de trajetos. Também é possível organizar e identificar uma coleção de discos, cassetes, disquetes, revistas em tinta e etc.

2.5. Material digitalizado

Segundo Pereira (2009), o primeiro livro falado foi o “O coronel e o lobisomem” narrado pelo ator Stênio Garcia, sendo que no início da década de 1970 a Fundação Dorina Nowill para cegos aumentou a distribuição de livros falados, dando prioridade às obras literárias, porém, Jesus (2011) diz que: “O Livro Falado tem registro de nascimento no Rio de Janeiro, em janeiro de 1970, por intermédio do professor cego Beno Arno Marquardt que, apoiado pela leitora Lenora Andrade, construiu um acervo de mais de cinco mil livros falados”. (Jesus, 2011. p. 3).

No fim da década de 1970 a informática começava a existir no Brasil. Criou-se um programa com o nome de libra (listador braille), desenvolvido por programadores cegos que por meio deste não mais necessitaram de leitores, pois o programa criado imprimia caracteres Braille.

De acordo com Oliveira (2008), a IBM criou na década de 1980 o primeiro sintetizador de voz, o Roscoe, sendo esta a primeira vez que se criara uma voz informatizada para pessoas cegas e assim, “foram surgindo os primeiros “scanners”, as primeiras impressoras Braille compactas e pessoais, os softwares leitores de tela e sintetizadores de voz mais avançados e apropriados para esse tipo de computador”. (OLIVEIRA, 2008, p. 2).

Em relação aos leitores de tela, os primeiros a surgirem foram: Bridge, criado por uma empresa no Canadá que infelizmente se extinguiu e o Jaws, criado nos EUA pela HJ que é utilizado por muitas pessoas cegas.

Para Oliveira (2008), um programa de leitor de telas “vasculha” a tela do computador enviando as informações do computador para um sintetizador de voz que as reproduz em voz alta para que uma pessoa cega possa utilizar o computador.

Em 1993 surgiu no Brasil o projeto Dosvox desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro pelo Professor Luiz Antonio Borges, que teve em sua sala de informática um aluno cego. O Dosvox é um sistema operacional utilizado por pessoas cegas e pode ser adquirido por meio da internet. Foi constituído inicialmente por aproximadamente 80 programas e

possui vários recursos tais como: editor, leitor, sistema de síntese de fala para língua portuguesa, impressor/formatador para textos e também para Braille. Também há programas de uso geral, como cadernos de telefone, agenda de compromissos, preenchedor de cheque e cronômetro, jogos com caráter didático e lúdico, bem como ampliador de telas para pessoa com baixa visão e programas sonoros que permitem a pessoa cega acessar a internet.

Enquanto que em 1998, o leitor de telas Virtual Vision é desenvolvido pela empresa Micro Power no Brasil. O Virtual Vision consegue reproduzir a voz humana com eficiência, ampliando o acesso das pessoas cegas ao mundo da informática, pois permite utilizar-se das mesmas ferramentas que uma pessoa vidente. Pode ser adquirido por meio do Banco Bradesco ou Banco Real.

Oliveira (2008) explica que o Braille é muito importante, porém por menores que sejam os livros impressos a tinta quando transcritos para o Braille ficam enormes, enquanto que o formato em áudio, produzido pela voz humana ou sintetizada, o transporte se torna mais fácil, pois a gravação é em fita cassete ou CD. Entretanto, revela que se a pessoa cega for alfabetizada apenas por meio de livros falados não compreenderá corretamente a grafia das palavras, todavia, se utilizar o formato digital, será possível ouvir o texto e verificar a grafia correta das palavras.

Ainda para Oliveira (2008), é graças aos leitores de tela que o cego acessa informações e textos de maneira eficaz, para tanto, é necessário que ele tenha um computador.

No Brasil existem várias instituições que editam obras em Braille. Apesar de ser uma significativa ferramenta de inclusão, ela apresenta vários aspectos limitadores. Entre as maiores dificuldades está o fato de que as obras são muito caras, pesadas e difíceis de manusear, além de estarem disponíveis em relativamente poucas cidades do Brasil. Outro fator limitador, é que além de necessitar de pessoal especializado para seu ensino, nem todos os cegos sabem utilizar o Braille.

Pode-se dizer que, várias tecnologias foram criadas ao longo dos anos com o intuito de desenvolver a leitura e escrita dos cegos. Fitas cassetes

foram utilizadas como livros falados, computadores com sintetizador de voz, impressoras com tradutores Braille à tinta e sistemas de ampliação de letras para cegos e que novas ferramentas surgem juntamente a essa tecnologia para assim poder complementá-la. Portanto, não existe uma ferramenta que seja ideal, mas sim processos diversificados que colaboram na comunicação dos cegos com o mundo. Segundo Jesus (2011), livros falados foram e ainda estão sendo utilizados a fim de complementar os já existentes no sistema Braille.

Como existem, de acordo com a autora, várias semelhanças entre audiolivros e livros falados, os formatos estão sendo fundidos em apenas uma classificação. Vamos esclarecer melhor: Jesus diz que:

A origem do audiolivro [tradução de audiobook], versão artística de um livro de papel, assim como uma peça de teatro, um filme, uma novela etc, se confunde com a própria pós-modernidade. Existe uma metáfora do Bauman que fala sobre o homem correr em uma fina camada de gelo sem destino. Não sabe aonde vai, mas, se parar, afunda! O audiolivro é uma obra para atender a esse público pós-moderno que necessita fazer mil coisas enquanto corre na "superfície gelada" [ou mesmo durante os congestionamentos de automóveis nas grandes metrópoles]. (JESUS, 2011 p. 2).

Ainda para a mesma autora, a Bíblia Sagrada foi um marco de audiolivro no Brasil, gravada por Side Moreira na década de 90. Desde então, começou-se a chamar de leitor as pessoas com deficiência visual que liam (escutavam) os livros e de ledor aqueles que os liam para estes. Eram realizadas leituras voluntárias, dando origem ao Clube da Boa Leitura.

A marca de um audiolivro é que ele, geralmente, é dramatizado, isto é, a leitura do mesmo é realizada por um ou mais locutores, na maioria atores. O audiolivro pode, ainda contar com sonoplastia, efeitos especiais e trilhas sonoras. Com isso pode-se orientar a interpretação que se queira do público que os lê.

O Livro Falado é um complemento do livro em Braille, tem um público especial e pode ser isento de restrições de direitos autorais pela lei

9.610/98 que assegura a reprodução de obras literárias para fim de educação de pessoas com deficiência visual, desde que não haja fim lucrativo. Quanto à disposição do conteúdo, existem normas de acessibilidade a serem obedecidas, incluindo a busca por uma leitura bem pontuada, clara e viva, mas não dramatizada [quem tem que construir o significado do conteúdo lido é o leitor e não o leitor].

Existem especificidades também em relação à descrição de imagens [audiodescrição], elucidação de aspectos gráficos tais como aspas, parênteses, colchetes, soletração de termos estrangeiros, duração de cada faixa, etiquetagem em Braille e outras formas de acessibilidade. Atualmente é possível criar Livros Falados a partir de vozes sintetizadas muito semelhantes à voz humana.

A diferença mais marcante entre um audiolivro e o Livro Falado é mesmo a carga de emoção posta na leitura, já que é impossível interromper uma leitura artística para citar, por exemplo, início e fim de aspas ou soletrar uma palavra de idioma estrangeiro sem comprometer a estética da apresentação.

O livro falado deve ter como objetivo proporcionar à pessoa cega o acesso à informação tomando cuidado para que não haja interferência na interpretação que o cego fará do mesmo. É uma tecnologia assistiva que visa à educação de cegos, já o audiolivro é o desdobramento de obras literárias, isso não significa que as pessoas cegas não podem tomar conhecimento dos audiolivros.

A autora nos conta que trabalhava em uma biblioteca e, uma pessoa cega solicitou alguns livros, dentre os quais um audiolivro. Quando a pessoa foi devolver os livros, lhe disse: “os livros sem dramatização na voz e sem trilha sonora me fazem ser mais independente; aquele com efeitos especiais me tiraram o gostinho único de interpretar a obra e construir meu significado com autonomia”.

Os livros no padrão internacional DAISY (Digital Accessible Information System), segundo Jesus (2011). São obras audiovisuais que em um só produto convergem imagem, som e texto E podem ser utilizadas tanto

por pessoas com algum tipo de limitação, quanto por pessoas ditas normais. Os livros nesse formato, quase não são conhecidos no Brasil.

Para Jesus (2011):

Livros neste padrão, quando gerados, apresentam-se em um diretório com dezenas de arquivos aleatórios de imagem, texto e som, sendo necessário um tocador específico para sincronizar os arquivos contidos neste diretório, objetivando a apresentação, na tela do computador, de uma obra sonora, imagética e, principalmente, acessível, já que as legendas descritivas das imagens deverão obedecer aos princípios da audiodescrição. Para que este diretório de arquivos aparentemente desconexos possa se sincronizar, é necessário um tocador específico, para apresentar texto, imagem e som simultaneamente, oferecendo ao leitor uma obra acessível, com soletração, inserção de comentários, saltos de páginas em uma situação análoga à da leitura em livros de papel.

No Brasil, o tocador mais utilizado é o Mecdaisy, desenvolvido pelo MEC, seguido do DDReader, desenvolvido pela Fundação Dorina, que distribui gratuitamente, para todo o país, livros acessíveis em Braille e áudio há décadas. O tocador Mecdaisy e o DDReader são programas capazes de reproduzir livros no padrão Daisy, assim como o Winamp e o Media Player são capazes de reproduzir arquivos em MP3. A extensão de um livro em DAISY é opf. (JESUS, 2011 p. 14).

Segundo a matéria *É o fim do Braille?* Publicada na Revista Isto É (Edição 2137, 22 Out.10) com autoria de Rodrigo Cardoso, a cega Martinha Clarete Dutra dos Santos, diretora de Políticas de Educação Especial do MEC, relata que:

...livros falados, leitores de tela e livros digitais são, no Brasil, ferramentas complementares no processo de aprendizagem do deficiente visual. “A tecnologia é um elemento de inclusão social no País”, diz. “Mas é preciso cuidado para que não haja uma “desbrailização” por conta da má utilização dessas inovações”, pontua Moysés Bauer, presidente da Organização Nacional dos Cegos do Brasil. (CARDOSO, 2010, p. 31).

Apesar da importância desse alerta, para muitos as tecnologias mencionadas aqui são consideradas “indispensáveis” para que a pessoa cega se sinta incluída, participante mediante a sociedade.

Na Convenção da Federação dos Cegos Americanos em 2010 circularam histórias de crianças que não sabiam o que era um parágrafo, que questionavam o porquê das letras maiúsculas ou o porquê de a expressão feliz

para sempre ser composta por palavras separadas. As crianças foram prejudicadas pelo vício de somente ouvir o que um software reproduz, destaca Fredric Schroeder, vice-presidente da organização. Quero ressaltar aqui que, se uma criança só utilizar materiais digitalizados ou leitores de tela, não dominará a gramática como foi mencionado pela revista citada anteriormente. É importante que essas crianças tenham contato com o sistema Braille. Fredric Schroeder indaga “Essas tecnologias são sinal de progresso?”, relato também encontrado na Revista Isto É (Edição 2137, 22 Out.10).

Ao ser perguntado a um estudante cego que se encontrava na Convenção se ainda gostava de ler em Braille, confessou que todo dia tinha de ler um livro em Braille para sua mãe a pedido de sua psicóloga. O garoto não queria saber de outra coisa que não fosse o computador e dava escândalo se alguém o contrariasse. Foi feito então um “combinado” para colocá-lo na linha e manter o gosto pelo Braille. O estudante ganhou um computador e só poderia usá-lo se cumprisse uma rotina de leitura pelo tato. Portanto, é necessário atentar-se para que o desenvolvimento tecnológico não atrapalhe a alfabetização da pessoa cega.

CAPÍTULO 3

CAMINHOS PERCORRIDOS: METODOLOGIA

3.1. Fundamentação Teórico – Metodológica

Oliveira (1998) afirma que o método é um conceito que admite diversas definições, podendo ser considerado como um caminho, trajetória pela qual se pode chegar a um determinado resultado, em que questões sociais podem ser enquadradas mediante uma perspectiva teórica. O método não deve ser avaliado apenas como um conjunto de instrumentos e técnicas, e sim envolver fundamentos e processos, nos quais se justifica o estudo, e também considerar a ideia de totalidade que compreende questões sociais e as ciências humanas.

A perspectiva teórica histórico-cultural do desenvolvimento humano, proposta por Vigotski (1995), traz contribuições importantes para considerações teórico-metodológicas dos estudos do desenvolvimento de pessoas com deficiências, e possibilita mostrar novas direções referentes à educação desta população.

Vigotski destaca a importância do estudo do processo em toda a sua dimensão histórica. O método deve ser compreendido dentro de um plano histórico-cultural, com uma visão semiótica e sócio-genética do homem. De acordo com o autor:

A elaboração do problema e do método se desenvolvem conjuntamente, ainda que não de modo paralelo. ... O método nesse caso é, ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da investigação. (VIGOTSKI, 1995, p.47).

Freitas (2003), afirma que a pesquisa na área de ciências humanas pode ser melhor compreendida a partir da perspectiva histórico-cultural, uma vez que esta perspectiva busca a relação entre o individual e o social. Num estudo pautado em aspectos qualitativos, a construção das questões se orienta para a compreensão dos fenômenos na sua totalidade e no seu dinamismo histórico, portanto, nesse modelo não se investiga em razão de resultados e não se artificializa um contexto para ser pesquisado; mas se vai

ao encontro deste no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento, dando atenção às características da trajetória de transformação das ações humanas.

Para Góes (2000), assim como para Vigotski, estudos sobre o desenvolvimento humano requerem uma análise dos processos e da dinâmica de seu desenvolvimento. A autora destaca a importância de considerar e investigar a dimensão histórica dos fatos.

3.2. Sujeitos, situação e procedimentos de estudo

O objetivo desta pesquisa foi conhecer o que revelam os cegos adultos, sobre suas experiências de aprendizagem da leitura e da escrita, bem como caracterizar a importância que eles atribuem ao método Braille e ao material digitalizado.

As questões norteadoras são: O que revelam adultos cegos sobre o uso de Braille e material digitalizado para o ensino da leitura e da escrita? Como o Braille e o material digitalizado são utilizados por adultos de vários níveis de ensino? Quais são os obstáculos a serem vencidos?

Para responder a essas questões e atingir meu objetivo, selecionei 3 (três) pessoas cegas adultas que sabem ler e escrever em Braille e também possuem conhecimento do material digitalizado. Conversei com vários amigos que me indicaram essas pessoas e falei com as mesmas sobre minhas intenções, dizendo que iria realizar uma dissertação, necessitando de suas contribuições através de entrevistas.

Quero esclarecer aqui que todos os nomes e lugares citados nas entrevistas são fictícios. Quando enfim concordaram, fui à casa de cada uma, com um gravador digital e fiz entrevistas abertas com as mesmas (vide roteiro apresentado no item a seguir).

Tive contato também com quatro crianças, sendo que três são cegas e frequentam uma instituição da cidade, uma tem baixa visão e não frequenta nenhuma instituição a não ser a escola e uma sala de apoio.

As crianças estavam matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental, na rede regular de ensino. Gostaria, porém, de ressaltar que o foco da dissertação foi apresentar o resultado da entrevista com os adultos cegos, pois meu objetivo implicava em ouvir pessoas que já haviam passado pela experiência do uso do sistema Braille e do Material Digitalizado.

Considereei que o melhor seria a realização de conversas informais, uma vez que estas permitiriam uma maior interação social entre o pesquisador e o as crianças, o que para o estudo é uma questão de considerável relevância. As conversas foram realizadas a partir de um roteiro previamente elaborado, para me orientar na condução mais geral. Desta forma, as crianças ficaram mais livres para falar o que pensavam.

Considerando que as crianças frequentavam a sala de apoio, achei conveniente que as conversas ocorressem nesse local com o consentimento da professora, já que foi ela que mediou nosso contato. O tempo era escasso, pois as crianças ficavam na sala apenas duas horas e o atendimento realizado com essas crianças não é individual.

Embora eu tivesse um roteiro de entrevista, o encontro com as crianças realizou-se de forma lúdica em horário de aula, com participação da professora e essa interação fez com que a mesma viesse a dar suas contribuições.

O registro de dados foi feito com um gravador digital, sendo que as entrevistas foram transcritas para posterior organização, sistematização e análise. Dessa maneira foi possível identificar de que maneira o método Braille e o material digitalizado foram e estão sendo empregados para o ensino da leitura e da escrita.

3.3. Entrevistas

A seguir apresento os roteiros que nortearam as entrevistas realizadas.

3.3.1. *Entrevista com os adultos cegos*

- (1) Qual seu nome e idade?
- (2) Você é cega desde seu nascimento ou ficou cega ao longo de sua vida? Quando, como e porque isso ocorreu?

- (3) Devido à sua deficiência, você passou por adaptações antes ou mesmo depois que iniciou sua vida escolar? Se passou, quais foram essas adaptações.
- (4) Você se locomove com a utilização da bengala? No seu cotidiano, ao fazer uso da bengala, você passou por alguma situação constrangedora ou preconceituosa?
- (5) Como e quando você teve contato com o sistema Braille, ou mesmo material digitalizado, ou ainda com o livro falado? Com que frequência você utiliza esses materiais? Qual deles você utiliza mais em seu cotidiano e por quê?
- (6) Em algum momento da sua vida você sofreu algum tipo de discriminação devido à sua deficiência? Como isso ocorreu? E atualmente, em seu cotidiano, você sofre algum preconceito?

3.3.2. Entrevista com as crianças cegas

- (1) Qual seu nome?
- (2) Do que gosta de brincar?
- (3) Você gosta de ouvir música? Qual o tipo de música que você prefere?
- (4) Você gosta de ouvir histórias? Se gosta, qual é a sua história preferida?
- (5) Você gosta de ir à escola? E de sua professora, você gosta?
- (6) Você faz lições? Você gosta de fazer lições?
- (7) Você consegue ler alguma coisa?
- (8) Quando você está na escola além de lições o que mais você faz? O que você mais gosta de fazer lá?
- (9) Quando você está em casa o que faz, e o que mais gosta de fazer?
- (10) Você gosta de brincar? Se gosta, qual é a sua brincadeira preferida?
- (11) Você sai passear com a família ou com seus amigos? Para onde vocês vão?
- (12) Se pudesse escolher, o que gostaria: que sua mãe ou professora lessem as histórias para você ou você gostaria de poder ler a história sozinha?

3.4. Os sujeitos

Eulália

Eulália tem 30 anos e ficou cega com 16 anos de idade, mas aprendeu o método Braille, pois segundo seu relato, queria muito ler e escrever. Sempre estudou em escola regular. É graduada em História e

atualmente dá aulas de história. Como uma de suas características pessoais pode-se dizer que é uma pessoa bastante comunicativa.

Andressa

Andressa também tem 30 anos. Nasceu cega e foi alfabetizada em escola regular. Não possui curso superior, mas, hoje é instrumentista, toca teclado e tem como auxílio a musicografia Braille.

Cleber

Cleber tem 29 anos. É cego desde seu nascimento. Começou a tocar piano com quatro anos de idade, fez mestrado em música, mas atualmente trabalha com informática.

Crianças

As crianças ***Amanda, Miguel, Lucas e Júlio*** frequentam a escola regular da rede municipal de ensino. *Amanda* tem cinco anos e é muito esperta e simpática. *Miguel* tem baixa visão, tem seis anos e fala pouco. É preciso muita insistência para se obter algo dele. *Lucas* é super comunicativo, tem seis anos e cegueira total, adora uma `farra`. *Júlio* também é uma criança bem comunicativa. Baseado no que presenciei, conclui que pode ser considerado alfabetizado oralmente. Tem seis anos.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresento recortes das entrevistas realizadas com os adultos cegos procurando identificar suas relações com a escola, com os professores, com o sistema Braille e com o Material Digitalizado e o envolvimento com parceiros e família. Em seguida procuro tecer algumas relações sobre o que os alunos cegos vivem atualmente na escola “inclusiva”.

Organizei os dados e considerações sobre as falas dos adultos cegos em três eixos temáticos.

- **Relação com a escola** – atuação dos professores, adaptações didáticas, envolvimento com parceiros e a participação da família;
- **Processo de alfabetização** – as experiências e os recursos, bem como materiais disponibilizados;
- **Recursos atualmente** utilizados pelos sujeitos para leitura e escrita.

4.1. A Relação com a escola

Neste eixo apresento o que Eulália, Cleber e Andressa disseram sobre a atuação dos professores, as adaptações didáticas realizadas e o envolvimento dos parceiros e da família no processo de ensino vivido na escola.

Eulália nos conta que não identifica adaptações relevantes feitas para o seu melhor aproveitamento nas aulas no período em que tinha baixa visão. Segundo ela:

...A gente sabe que são necessários cadernos com as linhas mais grossas, e isso na verdade na cidade nem tinha naquele momento. E também a gente não conhecia essa possibilidade. Eu comecei a usar esse tipo de material, se eu não me engano, acho que com quatorze anos de idade. Daí tinha uma papelaria na cidade que vendia esse material. Então, até aos dezesseis anos eu diria que foi essa a adaptação que eu precisava.

Com relação ao período em que Eulália ficou cega, ela nos relata que ai teve adaptações que a ajudaram a aprender. Fala inclusive que nesse

período era mais compreendida pelos professores do que quando tinha baixa visão. Em suas palavras:

...E depois que eu fiquei cega, tiveram que ser feitas outras [adaptações], claro. Aí, com 17 anos eu tive contato com o sistema Braille, depois é é... Aí foi essa a adaptação necessária para que eu pudesse continuar meus estudos. Nesse momento eu estava cursando o primeiro ano do ensino médio [...] na escola os professores faziam piada, mesmo eu não sendo cega, brincadeiras de mau gosto, os professores não tinham muito respeito com o fato de ter uma aluna com deficiência visual na sala de aula, e também eram um pouquinho intolerantes por quê? Porque pra copiar lição da lousa, no meu caderno tinha que me levantar ir até a lousa, ler o que estava escrito e voltar. E os professores se incomodavam porque a gente vivia trombando.

E mais adiante na entrevista Eulália volta a falar que se sentia mais aceita depois que ficou cega:

...É interessante que depois que eu fiquei cega, as brincadeiras que ocorriam quando eu era deficiente visual, com baixa visão, tipo ser chamada de ceguinha, “vesguinha”, elas não aconteciam mais. Porque aí você pára de enxergar. Você não está mais no meio do caminho. Então assim, na cabeça das pessoas é complicado entender isso. Eu não sei se a coisa mudou porque pra nossa sociedade, ou você vê, ou não vê, ou você anda, ou não anda. Ou você ouve, ou não, certo? Então, prá aquele que tá no meio do caminho, pra sociedade ele tá mentindo, caramba, você tá dizendo que é deficiente visual prá se aproveitar. Ou você diz que vê pouco, por quê? E assim eu sentia que isso estava acontecendo, como por exemplo, eu pedia para ser dispensada da educação física, porque não dava pra fazer educação física. Tinha campeonato de vôlei de futebol, as meninas brincavam de queimada, não dava pra participar dessas coisas.

Rosana: ...O professor não adaptava nada pra você?

Eulália: ...Não naquela época, a gente não tinha adaptações, Rosana. E os professores não me dispensavam. Eles diziam: - Se você frequenta a aula, copia lição e faz provas você pode fazer educação física. Você imagina, eu não enxergava para jogar vôlei, mas me obrigavam a assistir. E quando a bola foge da quadra e vem ao seu encontro. Quem tá vendo faz o quê? Desvia.

Rosana: ...Quem não vê toma.

Eulália: ... Exatamente, então, mas na cabeça deles, eles não entendiam que eu era deficiente visual e que eu não conseguia ver a bola vindo a uma longa distância. Quando eu via, ela já tava tão perto que eu não podia fazer mais nada. Então, é complicado ser deficiente visual com baixa visão. E o que aconteceu? Depois que eu realmente fiquei cega, eu vou botar esse “realmente” entre aspas, as brincadeiras acabaram, as piadinhas acabaram, no que se refere à educação física, o professor não ia me obrigar a

fazer nada, Se eu dissesse pra ele: não dá pra jogar ele não fazia nada. Não dá pra assistir o jogo de vôlei, eu não vou ficar na quadra, eu vou ficar no pátio, ele aceitava. Mas você vai falar você não jogava nada na escola? No máximo dominó. Dama não dava porque não era adaptado, e outros jogos também não. O que eles tinham na escola para um deficiente visual há dez anos, porque há dez anos eu estava no ensino médio. Terminando então vamos colocar assim: o que é que dava pra fazer que se refere à prática esportiva? Jogar dominó!

Para Eulália a ajuda da família foi fundamental. Em sua fala a importância da irmã e da mãe aparece claramente:

...Pra poder me ajudar, minha irmã e minha mãe também aprenderam o Braille. Por quê? Porque depois na escola, cê tem que copiar toda a matéria em Braille, elas ditavam. Depois transcrever as provas pros professores estarem corrigindo, Então é assim que elas me auxiliavam: uma sabia Braille pra fazer a transcrição, a outra sabia pra auxiliar na sala de aula, e também fazer transcrição, tudo pra facilitar.

Cleber revela em sua entrevista que várias adaptações foram realizadas ao longo de toda a sua trajetória escolar. Fala também que teve um período inicial em que estudou sozinho porque era o único aluno cego da cidade. Conta-nos que a influência da família (mãe) e o fato de morar em uma cidade pequena ajudaram nos recursos necessários para sua escolarização.

...Quando eu tinha três anos já entrei no maternal, mas na escola regular, na escola comum, que havia na minha cidade; só que apesar de a escola ser regular eu fiquei os três primeiros anos antes da primeira série no caso, o maternal, o jardim e o pré-escolar, numa sala a parte, fiquei estudando sozinho, fiquei porque só havia eu como cego estudando na cidade. No caso no primeiro ano no maternal, uma das minhas tias que fez magistério é quem foi minha professora.

...Depois no jardim e no pré já houve outros professores que não eram parentes. Quando eu comecei a frequentar a escola no maternal, naturalmente já havia alguns materiais que eram usados com outros alunos com outras crianças que eu podia usar sem problemas como tinta prá pintar, daquelas que tinta guache que geram alto relevo no papel, barbante pra fazer desenhos com cola, colar o barbante em forma de desenho, blocos de plástico com formatos diferentes prá conhecer as figuras geométricas etc.

Cleber relata que sua mãe foi fundamental para que ele tivesse acesso ao conhecimento e educação. Foi ela que conversou com o prefeito da

cidade onde morava, e com isso tanto Cleber como outros cegos poderiam ser beneficiados. Ele diz também que sua mãe orientava professores e colegas para a sua integração na escola.

...E como sempre nessas ocasiões os meus pais ajudaram os professores no que eles precisavam saber desde o início como, aliás, sempre acontecia cada ano letivo desde a primeira série que era uma professora só, depois no ginásio a partir da quinta série que era um professor para cada disciplina e depois em Cascavel onde ficou mais fácil, enfim isso foi meio que uma constante, quer dizer todo início de ano a minha mãe, ou o meu pai, ou ambos iam conversar com os professores, fosse com um ou com outro para avaliar então as necessidades de cada um e como é que poderia ser feito, como é que poderiam ser feitas as adaptações devidas até levando em conta o que já tinha sido feito, o que eu e os meus pais já conheciam até então nesse campo das adaptações. Os meus pais irem a minha frente, seja na no sentido literal ou figurado, quer dizer sempre abrindo caminho, seja na escola, seja em outras situações e de modo que quando eu entrei na escola, por exemplo, numa classe regular havia outro professor comigo, quando eu depois naturalmente quando o pessoal da escola já me conhecia”.

...Nesse meio tempo os meus pais foram conversar com o prefeito e minha mãe muito antes de eu nascer já era funcionária da prefeitura, então já tínhamos alguns contatos lá dentro, até porque pela cidade ser pequena, a gente conhecia praticamente todo mundo, inclusive os que tinham altos cargos. Então, entrevistaram-se com o prefeito, pediram que ele providenciasse facilidades ou pelo menos que ele pagasse algum professor das redondezas pra que ele se especializasse pra que ele fizesse uma especialização nessa área de educação especial, pra poder me ajudar, até porque poderia obviamente surgir mais cegos no futuro, embora nessa época só houvesse eu, entrei no pré-escolar já foi dar aula pra mim um professor que havia feito especialização.

Cleber ressalta em sua entrevista que conseguiu desde pequeno vários materiais, bem como jogos para ser alfabetizado através do sistema Braille:

...Esse professor começou então a me alfabetizar em Braille e nessa época já conseguimos também com o núcleo de educação de que é um núcleo perto, uns 100 km de Santo Antônio onde eu morava e onde eu nasci. Conseguiram bastante materiais, já conseguiram: reglete e punção para escrever em Braille, conseguiram uma máquina de escrever em Braille, daquela tradicional máquina Perkins, também alguns jogos adaptados, nomeadamente xadrez, dama e dominó que eu também aprendi a jogar na escola.

O auxílio de um professor especializado parece ter sido muito importante para o sucesso educacional de Cleber:

...Quando entrei na primeira série, já entrei numa turma regular quer dizer, com dezenas de crianças. E quase sempre ficava também na sala de aula esse mesmo professor que me deu aula no pré-escolar, que me alfabetizou em Braille. Ele permaneceu na escola os dois anos seguintes, ou seja, na primeira e na segunda série. E ficava geralmente comigo em sala de aula, me ajudando me ditando o material que a professora passava escrevia no quadro negro pra que ela não precisasse ditar e também conferindo se eu escrevia corretamente em Braille, conferindo corrigindo seja português, seja os cálculos de matemática e etc.

Ele transcrevia também com um dia de antecedência, por exemplo, um dois dias enfim o material que a professora passaria para os demais pra que eu pudesse já ter, por exemplo, quando era pra copiar um texto pra treinar que a professora dava para os outros alunos treinarem caligrafia; e também era me passado o texto em Braille para eu copiar treinar a escrita em Braille. E aí, havia no colégio, onde eu fui estudar um centro de apoio pedagógico onde havia mais material, havia pessoas ali que já tinham mais experiência porque já havia outros cegos na cidade.

Cleber enfatiza que passou por dificuldades quando ingressou na faculdade, especialmente porque a internet ainda não era tão disseminada:

...Na faculdade novamente tiveram de ser feitas adaptações quer dizer, eu passei a usar, por exemplo, um gravador para gravar as aulas, nessa época no caso de 2000 a 2003, durante a minha faculdade e depois de 2004 a 2006 no caso do mestrado. Em particular na época da faculdade que foi no início e não havia ainda a internet disseminada, como é hoje e também não havia muito material na internet. Havia pouco material principalmente na área da minha faculdade que é a de música, uma área bastante restrita, relativamente falando.

Então, não teve outro jeito que não minha mãe me ajudar com leituras de livros, livros em tinta, e qualquer material em tinta, apostilas etc. E que eu saiba eu fui o primeiro cego a cursar faculdade ali na escola de música.

Andressa enfatiza que sua mãe sempre a ajudou, dizendo para a filha que cuidaria dela e que não a deixaria ir para uma sala de recursos porque ela (mãe) é que se encarregaria de sua educação.

...minha mãe sempre me tratou como uma criança normal, ela sempre me fez saber das minhas limitações saber que apesar de eu ser cega, tinha algumas coisas que eu não podia fazer, mas na medida do possível ela sempre fez com que eu fizesse tudo. Fui

educada como todas as outras crianças, apanhei quando tinha que apanhar, não só porque eu era cega. Ah! Coitadinha ela é cega, deixe ela! Minha mãe sempre teve uma educação igual quanto a mim e as minhas irmãs, eu tenho irmãs mais velhas do que eu...

...Minha mãe teve sempre essa coisa: “ela é minha filha eu que pus no mundo eu vou assumir eu vou ajudar”. “Então eu que pus no mundo eu vou ajudar” e minha mãe sempre por meio desse argumento que minha mãe teve né.

Andressa nos conta como começou sua vida escolar.

... Nos primeiros anos fiquei em Institutos não sei se foi no Lyons, eu não me lembro. Quanto à vida escolar, com seis anos a minha irmã trabalhava numa escolinha e aí decidiram colocar eu nessa escolinha pra que eu tivesse socialização com as outras crianças. Só que como não tinha uma classe especial para mim eu fiquei com os menorzinhos que eram aqueles que precisavam de mais cuidados que chamavam maternal na época, crianças de três anos e eu já tinha seis, mas como eu gostava de brincar, tinha historinha, não tinha o que aprender.

Era na escolinha Catanduva, minha mãe foi conversar com a dona da escolinha e até que foi uma experiência boa eu lembro até de ter levado uns discos de historinha.

Andressa conta como foi sua iniciação ao aprendizado do sistema Braille, como sempre ressaltando a importância de sua mãe.

...Aí eu tive que começar a aprender o sistema Braille. Em casa, a minha mãe começou a aprender junto pra me ajudar pra corrigir meus erros, até porque ela queria me acompanhar nessa fase escolar. Aí eu aprendi o Braille.

Pelos fatos narrados por Andressa percebe-se que quando ela entrou na primeira escola sua professora não estava totalmente preparada para lhe ensinar, pois ficou perdida com uma aluna cega na classe.

...Fui a uma escola pra fazer socialização. Só que era pra eu aprender o Braille, fiquei com a professora só que ela não dava muita lição... Conversei com a professora da escola eu fui na classe da primeira série só que foi um pré pra mim. Aí assim, foi um ano um pouco difícil porque eu tava aprendendo o Braille e tinha coisa que eu não sabia escrever, mas tudo foi contornado.

Rosana: ...Você falou que a professora tinha dó de você. Por que você sentia isso? O que ela fazia de diferente com você?”

Andressa: ...Ela não dava nada pra eu fazer. O pessoal fazia lição e eu ficava boiando. Aí eu chorava porque eu lembrava que

minha mãe tava em casa, e eu queria eu queria ficar com ela, não tinha nada pra eu fazer aí eu pegava a punção da reglete e ficava brincando com a punção nos buracos da carteira (Andressa ri) ou então eu pegava a reglete e ficava furando a folha inteira porque não tinha o que eu fazer, numa dessas eu chorava, deitava no braço da carteira daí passou esse ano assim desse jeito.

A mãe de Andressa percebe que precisa mudar sua filha de escola e luta para consegui-lo.

...Aí quando chegou aqui minha mãe decidiu mudar eu de escola. Pra ficar mais perto e porque tinha também uma professora aqui na escola Jacarandá que ela sabia o Braille e ela podia dar mais respaldo pra gente. E aí então, minha mãe decidiu ir à escola e ver se ela conseguia vaga prá mim... naquela época não tinha o que se tem hoje que é a lei da inclusão que naquela época se ela quisesse recusar eu e falar que a escola não tinha preparo pra me receber ela tinha o direito. O que eu considero como escola é a partir do Jacarandá.

Minha mãe falou "eu sei que tem essa professora, mas eu não quero muito a ajuda dela, eu quero eu fazer ela é minha filha".

...Então a diretora e também porque já tinha essa minha conhecida essa minha amiga depois me ajudou muito em umas coisas consegui me despertar o gosto pela leitura porque se não eu não tinha eu chegava a professora falava lia isso eu não conseguia porque eu não tive estímulo porque naquela época não tinha muitos livros igual hoje que tem vários livros com desenho e naquela época não tinha nada não tinha historinha tinha pouca coisa assim né.

E, aí minha mãe mandou carta na Fundação: daí sabe o que vinha, vinha? "Parabéns" vinha "caminho suave", mas vinha umas coisas assim que ai sabe! Não era legal não tinha livrinho de historinha não tinha nem livro falado. Historinha que eu assistia que eu sabia era tudo de televisão de disco quando a minha mãe contava.

Andressa relata suas primeiras aulas na escola Jacarandá, assim como a postura de algumas de suas professoras e os seus sentimentos perante os demais alunos da classe. Também relata-nos sobre algumas adaptações utilizadas na realização de seus estudos nessas aulas e referida escola:

...Quando eu cheguei eu cheguei ao primeiro ano eu fui ao segundo ano só que eu fiz o primeiro na classe do segundo, com essa professora que sabia o Braille ela dava lição pros outros depois ela dava prá mim. A primeira lição ela foi cruel comigo... prá classe tinha acho que uns trinta alunos e eu.

Rosana: ...E como era essa da escola Jacarandá tinha dó também?

Andressa: ...Não, ela não tinha muito não (Andressa ria muito nessa hora). Ela não tinha dó nem quando era pra ter, ela era brava, não que era brava, era exigente e eu fiquei também com essa professora quase três anos.

Então, eu fiz o primeiro na classe do segundo aí no segundo ano que eu tinha oito anos na época eu fiz com a mesma professora porque ela tinha pegado de novo a segunda série, aí ela conseguia me dar até alguns textos em Braille que ela adaptou do livro que tinha um livro didático quando eu tava na segunda série.

...Lá na escola, na terceira série começou a chegar uns livrinhos didáticos mais legais sabe que não era igual aos livros que a classe tinha, mas o conteúdo era quase o mesmo só que os textos. Eram livros, que uma outra professora, porque na terceira série eu caí com outra professora. Então ela começou a ir comigo na biblioteca ou então, ela pedia pra bibliotecária trazer o livro e aí ela falava assim pra mim, enquanto eles vão fazendo tal coisa você vai lendo e se você achar uma historinha legal você lê pra classe em determinadas atividades mais eu achei muito legal aqueles livrinhos, tinham textos interessantes.

Sem contar que eu pegava aqueles livrões e todo mundo vinha perguntar o que era aquilo, era a atração da classe...

...Eu copiava, ditavam pra mim e às vezes se precisava esperar eu terminar de copiar a professora sempre esperava pra que eu pudesse ter o andamento junto com a classe, sempre tinha o andamento junto com a classe, nunca fiquei pra trás...

Andressa acrescenta ao seu relato que foi seu pai quem lhe ensinou a matemática através do Sorobã, da calculadora chinesa adaptada para uso das pessoas cegas.

A figura abaixo ilustra esse tipo de recurso / instrumento comumente utilizado no ensino matemática às pessoas cegas (Figura 5).

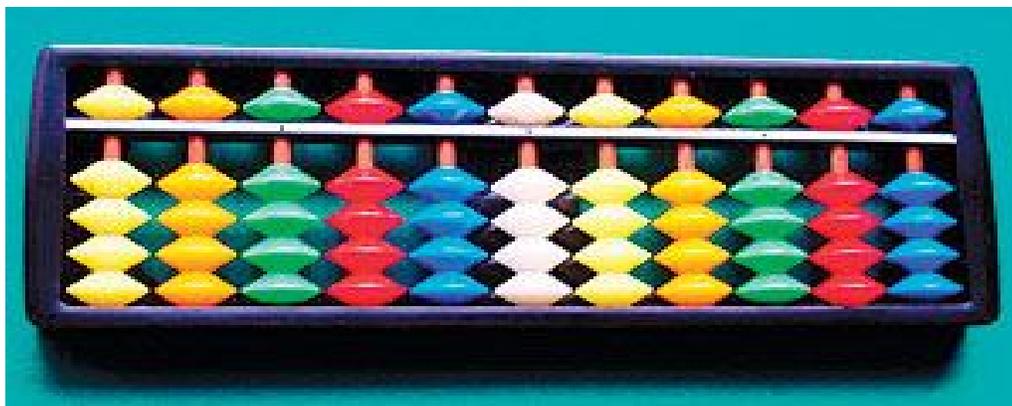


Figura 5 - Sorobã. (FONTE: SITE BENGALA LEGAL e BLOG DEFICIÊNCIA VISUAL, 2012).

...Quando eu cheguei à quarta série, a professora também chamava Luana ela também resolveu aprender o Braille pra me ajudar, me ensinar melhor. Aí o meu pai comprou o sorobã e junto com ele veio um negócio que chamava guia prático do uso do sorobã que não era prático, coisa alguma. Era como se faz pra trabalhar com o sorobã.

Então meu pai desenvolveu um método próprio pra me ensinar porque era assim... Então ele ia lá, pegava o meu sorobã... Porque meu pai ele tinha muita facilidade com contas, ele sempre gostou de matemática, essas coisas, então ele falou pra minha mãe deixe que disso daí cuidado eu, e a minha mãe cuidava das outras coisas, português, história, geografia. Matemática era com ele principalmente até a quarta série. Então, a professora avisava: ó, amanhã a gente vai ensinar conta de mais. Eu falava pra ele: Pai eu preciso aprender conta de mais pra amanhã ele pegava o sorobã e mais aquele livro se trancava no quarto e lá ele ficava e falava quando eu puder eu te chamo pra te ensinar vá fazer outra coisa. Aí ele ficava lá e durante uma hora e meia ou duas horas ele desenvolvia o método que ele ia me ensinar. Aí depois que ele desenvolvia o método na cabeça dele ou então ele lia e se ele achava que tivesse fácil e que eu ia entender ele ia explicando. Aí chamava eu e ia falando, olha conta de mais vamos fazer assim, ensinava conta de mais e aí tinha um caderno de contas. E ali ele fazia um monte de contas e punha o resultado. E aí ele falava pra minha mãe durante o dia, durante a manhã, você dá essas contas pra ela fazer. Até que um dia ele achou uma calculadora que falava.

E aí ele comprou a calculadora. Só que ele não deixava levar na escola, e eu só podia fazer a conta nela depois que eu fizesse no sorobã, era só pra conferir o resultado. A memorização que eu tinha que ter era tudo em voz alta, ele ensinava eu e falava e agora como é que faz, repete. E eu ia repetindo então, eu ia lembrando.

E eu aprendi conta de adição, adição com reserva, subtração e subtração de emprestar. Quando chegou na multiplicação ele achou o método do livro muito complicado. Então, ele desenvolveu o método próprio que é parecido com o método utilizado por quem enxerga. Através do sorobã também e na divisão também. E assim foi que eu aprendi com ele as quatro operações.

Andressa fala da postura dos professores quando cursou o ensino médio e como as provas eram aplicadas.

...O ensino médio foi até que bem, eu fui indo com a ajuda da minha mãe só que os professores já não queriam mais aprender o Braille porque também não tinham tempo, tinham outras coisas pra fazer. Tinha professor que queria que eu lesse a prova quinze dias depois que eu já tinha feito a prova, pra que eu não lembrasse mais o que eu tinha colocado na prova. Quando eles queriam realmente ler a minha prova a minha mãe transcrevia a prova, eles assinavam todas as folhas que eu fazia a prova porque

nunca era uma, eram umas cinco, seis, eles assinavam a prova, rubricavam e vinha com o carimbo da escola. E a minha mãe transcrevia a prova inteira pra que eu depois eu entregava pra eles e eles corrigiam. E também uma coisa que eu quero ressaltar é copiar a prova, eu sempre tive que copiar a prova nunca tive que nem os alunos que enxergam pega a prova e vai fazendo a prova. Então, às vezes a prova de geografia tinha 10 perguntas, mas pra mim eram cinco e cada uma valia dois pontos. Porque eu tinha uma aula só pra copiar a prova e responder. E a professora tinha que fazer a gentileza de ditar prá mim. devido a essa agilidade que eu tinha a professora também às vezes fazia perguntas mais curtas das dez perguntas que tinha lá ela escolhia cinco eu tinha cinco, mas assim eu sempre me dei bem, eu nunca fiquei com nota vermelha por isso.

A única professora que fez a prova diferenciada pra mim foi a professora Tâmara de português porque as provas dela sempre foram em aula dupla e a prova pra quem enxergava era assim com bastante interpretação de texto tinha poema, tinha texto em prosa, tinha uns negócios de relacionar coluna, então pra eu copiar tudo aquilo, eu ia perder muito tempo copiando a prova e não ia conseguir fazer a prova. Então, o que ela fazia, ela montava uma prova diferenciada pra mim, só que de acordo com o conteúdo que tinha em sala de aula, a prova até assim os outros achavam mais fácil a minha prova do que a deles só que não era a minha prova ela tinha mais coisa pra escrever, então eu levava bastante tempo escrevendo só pra exemplificar, pra ver a dificuldade da prova era assim: no segundo ano do ensino médio a gente começou a aprender Fernando Pessoa. Fernando Pessoa era um poeta que se dividiu em quatro pseudônimos pra escrever e cada pseudônimo dele tinha suas características, em uma ele era um médico, na outra advogado e aí o que acontece na prova de quem enxerga tava escrito. Relacione as colunas de acordo com as características de Fernando Pessoa. Então lá eles tinham que relacionar as colunas. A minha pergunta era assim cite os pseudônimos de Fernando Pessoa e suas características.

Essa professora ela fazia questão de além de fazer essa prova diferenciada pra mim rubricava, assinava todas as folhas e aí ela queria que minha mãe transcrevesse a prova pra ela me dar nota, e eu sempre tive boas notas com ela sempre fui elogiada e também tinha os trabalhos na época do ginásio, tinha uma professora de ciências que dava trabalhos, eram trabalhos bem longos e ela pedia pra transcrever os trabalhos, e a minha mãe ficava louca porque tinham 50, 60 folhas de sulfite para transcrever e, além disso, tinha lições das outras matérias também pra fazer não era só dela e a minha mãe tinha que me ajudar em tudo porque não tinha nenhum lugar prá me ajudar e se tivesse também eu tenho certeza que ela não ia querer.... A professora de química que começou a chegar naquele negócio de desenho também, e ela falou: olha não tem como ensinar isso pra você. Aí ela pegou um livro de química que ela marcava os textos que eu tinha que copiar né e aí eu copiava os textos, e ela dava prova em cima daquilo pra mim. Fui um pouco prejudicada porque se eu fosse fazer vestibular, mas assim eu não a recrimino porque foi um jeito que ela encontrou prá não deixar boiando, passava tudo para o Braille para que eu tivesse acesso a todos os livros em tinta da escola e a minha mãe lia o livro em tinta para mim pra estudar pra prova, e aí eu gravava em fita cassete e aí eu ouvia um monte

de vezes a leitura que ela fazia e aí eu ia fazer a prova e quando tinha questionário para responder ela também me ajudava, ela procurava as respostas no texto aí a gente respondia juntas as perguntas.... Já cheguei a fazer prova em dupla porque a matéria era muito complicada eu nunca fui daquelas: - Ah deixe passar porque ela é cega em muitos casos eu fui mais exigida do que os outros porque eu tinha que provar que eu conseguia que eu era cega; mas eu conseguia até uma colega minha teve uma prova que eu fiz de educação artística que a professora foi muito boa sabe ela pegou o compasso com um pano em baixo e ela furou com o compasso o desenho que eu tinha que fazer. E daí com paciência ela me ensinou com a régua com o esquadro o que eu tinha que fazer, saía meio torto, mas o processo ela sabia que eu tinha feito. E aí na prova ela perfurou a minha prova e eu fiz. E aí quando ela entregou a prova eu tinha tido uma nota maior que a de uma menina lá. E a menina falou prá mim deixa ver sua prova e eu deixei, aí ela falou: Porque a senhora deu certo pra ela nessa questão se a dela tá torta, mas a minha tá errada, mas tá reta? A professora falou porque a sua tá reta, mas tá errada o processo que você fez tá errado a dela mesmo estando torta ela fez o processo certinho que eu ensinei a ela. Por isso que eu dei certo prá ela e errado pra você.

Andressa tece alguns comentários sobre o tratamento que as amigas lhe dispensavam e como ela retribuía este tratamento.

...Eu tive pessoas que me ajudavam tive um grupinho de cinco amigas que cada uma ditava pra mim em um dia... Até a sétima série eu fui numa classe só. Minha classe nunca mudou. Aí começou ter muita briga eu comecei a ter dificuldade de encontrar ajuda. Minhas amigas, elas começaram a me deixar de lado, era dia de uma ditar outra falava: "Tô com dor na costa, tô com dor na cabeça, pede pra outra".

Sabe, até que chegou um dia que liguei pra minha mãe ir me buscar que eu estava com dor de barriga, mas não era, eu tinha descoberto que elas não queriam mais me ajudar, só que elas não chegaram pra mim e falaram. Sabe, aí eu pedi pra classe inteira fui de carteira em carteira eu tinha noção da classe porque a gente tem que ter noção da classe... Aí veio um menino ditar pra mim, coitado ele se enrolou, mas ele conseguiu ditar pra mim. E aí naquele dia minha mãe foi conversar com as meninas... Minha mãe pediu pra que a classe fosse desfeita que a classe fosse partilhada. Aí quando eu cheguei na oitava série eu caí numa oitava diferente com novos alunos... Na sétima série eu cheguei a ficar sozinha na hora do lanche todo mundo saía e eu ficava sentada na carteira. Porque ninguém queria ficar comigo nada! Aí, eu achei um conhecido na oitava série. Minha mãe falou pra menina se ela podia me ajudar nos primeiros dias. Eu sempre dependia da bondade dos outros, minha mãe falava se você quiser receber eu até pago um pouco, mas ninguém queria aí eu achei essa menina, fiz amizade com outras pessoas e aí até o terceiro ano do ensino médio eu fui caindo em classes diferentes.

4.2. O processo de alfabetização.

Neste eixo reunimos o que os entrevistados nos contaram sobre como se deu sua alfabetização e algumas de suas vivências.

Eulália aprendeu o Braille rápido porque precisava copiar as matérias da escola.

... Braille eu aprendi muito rápido porque por ter ficado quase um ano fora da escola praticamente aí eu tive que ficar de Junho de um ano até Fevereiro do outro sem ir pra classe, frequentar a escola e sem possibilidade de estar lendo nada, então eu queria a voltar a fazer, a ler minhas coisas, ou seja, a ter contato com a escrita novamente, então quando me foi dito que tinha possibilidade de fazer isso e que isso seria feito com o sistema Braille eu procurei aprender isso o mais rápido possível, pra voltar a ter contato com a leitura, tá. Por isso, talvez, esse período de aprendizagem tenha sido tão, eu diria, rápido porque eu conheço pessoas que levam anos pra aprender Braille, (...) e ainda assim com muita dificuldade.

...Fiquei cega em 1998 com 16 anos, voltei a estudar em 1999. Então, com essa volta foi simultâneo tanto começar a frequentar a sala de recursos pra aprender o Braille, quanto estar na sala de aula. E aí como eu te falei, levei três meses pra aprender porque primeiro eu queria ler e escrever, segundo, porque eu tinha necessidade, porque eram três meses só ouvindo, ouvindo, ouvindo aula. Imagine três meses de matéria para ser copiado em Braille. Então, quer dizer aquilo se impôs como algo imprescindível pra aquele momento. Tinha que aprender aquilo pra continuar estudando. Porque nós vamos concordar que aprender só ouvindo é impossível. De alguma forma você tem que escrever. Porque você não aprende tudo sozinho tem que escrever aquilo que você ouve. É uma forma de aprender o conhecimento. Então aonde se ensinava isso na cidade? Na sala de recursos que é mantida pelo Estado. Foi lá que eu aprendi Braille.

Segundo Eulália, os alunos cegos possuem mais dificuldades que os videntes:

...Eu considero mais difícil um aluno deficiente visual cego dar conta de copiar toda a lição do que um aluno que vê. Por quê? Pelo volume do Braille, pelo trabalho, pela velocidade com que você tem que escrever, eu acho mais trabalhoso, então eu acho mais difícil.

Rosana: ...Ainda mais se “esse” Braille for na reglete, quanta página em Braille dá uma página em tinta?

Eulália: Três aproximadamente. Eu tô partindo do princípio que tenha uma máquina na escola, tá. Eu tô falando porque é possível acompanhar, mas é trabalhoso. Na reglete é praticamente inviável. Principalmente se um professor estiver ditando a matéria.

Para Eulália é possível que, qualquer pessoa aprenda o método Braille, não precisando de muitos recursos para tal.

...Se você soubesse Braille e eu não vou dizer que isso é um problema de formação porque não é. Você não precisa aprender Braille dentro de uma universidade. Basta um curso de capacitação que o governo faça dentro das escolas, que se é possível o professor aprender Braille. Tô falando isso porque eu sou professora e os meus alunos que não são educadores, não são professores, não são nada, conseguiram aprender Braille em um mês, porque que o professor que tá lá pra ensinar a alfabetizar não pode? Pode, tem que parar com essa desculpa que eu tenho 40 que enxergam e um que não. Não é? A criança tem que saber que “a” é “a”. Do mesmo jeito que a criança que vê aprende que “a” é “a” que não vê aprende em Braille. Então não tem nada complicado nisso. E aí a gente tem crianças analfabetas cegas terminando o ensino médio, mas por quê? Faltou base lá embaixo. Muitas vezes essa criança tem potencial, tem capacidade, tem condições de aprender, mais é deixada de lado por quê? Ela é uma entre 40.

...Eu sei de crianças, e aí eu não sei por que me contaram, mas porque eu vi quando eu ia na sala de recurso, porque eu fiquei cega e aprendi Braille e prá aprender Braille claro que eu frequentei a sala de recursos da cidade. ...E depois que eu tinha aprendido claro que eu continuei frequentando a sala, porque havia outras coisas prá aprender. Informática também eu aprendi, a base nessa sala de recursos, e nesse tempo entre 1999 e 2004 eu frequentei a sala de recursos, inclusive como voluntária, eu conheci crianças cegas no ensino fundamental que não sabiam nem ler e escrever. Por quê? A mãe não podia trazer na sala de recursos, a professora não sabia o que fazer na sala de aula, não sabia Braille e a criança não sabia escrever. Hoje essa menina terminou o ensino médio nessas mesmas condições. “Muito inteligente” e teria tudo para ter um futuro brilhante.

Cleber discorre sobre seu processo de alfabetização e também *conta como aprendeu os conceitos de matemática*

...E esse professor começou então a me alfabetizar em Braille... E comecei escrever com reglete e punção, comecei a trabalhar com o sorobã. O professor começou a me passar contas, isso já quando eu ia aprendendo conceitos de matemática, operações básicas já mexendo com o sorobã.

...E continuei escrevendo por algum tempo com reglete e punção especialmente na primeira e segunda série. Na terceira série passei a escrever à máquina, malgrado isso incomodasse uns poucos alunos e professores. Eu pessoalmente não nunca recebi queixas, apenas ouvi falar às vezes por meio de professores ou meus pais, enfim, coisas muito pontuais.

...Na faculdade continuei usando reglete e punção, nunca levei a máquina prá faculdade porque em parte é bastante pesada e em parte porque as salas são menores, com menos alunos então incomodaria muito e porque não havia muito que escrever, fazer anotações ou fazer escrever algum exercício que o professor pedia as respostas ao exercício também não é muita coisa. Pode-se escrever com reglete e punção.

Andressa conta como apreendeu o Braille e com quem, deixando bem claro que em sua época não avia sala de recursos, e inclusive que suas aulas eram particulares.

...O sistema Braille foi assim: através de uma amiga minha que ela já tava mais adiantada do que eu, fui saber com quem aprendia não sei o que aí tinha uma professora que ela ensinava Braille porque na época não tinha sala de recursos, não tinha nada.

...Era cada família por si só e Deus que quisesse, porque então aí essa amiga falou dessa professora que chamava Sarita, que até ela fazia aula com essa professora. Daí eu fui e minha mãe pagava, não era nada de graça... Tinha aula três vezes por semana, segunda quarta e sexta. Então, eu ia até a casa dela, no apartamento dela, e ela ensinava o Braille pra mim.

...E aí em casa, a minha mãe começou a aprender junto pra me ajudar.

4.3. Recursos atualmente utilizados pelos sujeitos para leitura e escrita

A seguir, apresentamos o que os entrevistados descreveram como recursos utilizados e preferidos para sua alfabetização. Também relatam algumas experiências que implicam em sua integração na escola regular.

Eulália comenta sobre o uso de computador, ressaltando em poucas linhas os recursos que utiliza com frequência.

...Em 2001 eu conheci os programas de voz que a gente tinha possibilidade de estar usando no computador prá poder ter acesso ao Word, Excel, internet, como as pessoas que viam. Comecei aprender e atualmente eu uso no meu computador o Virtual Vision, existem outros e com ele é possível trabalhar com Word, Excel, muito restritamente com o Power Point, Tanto o Braille como o material digitalizado são importantes, mas uso mais o material digitalizado. Principalmente para fazer as coisas ou

trabalhos que se referem à faculdade. Mas acho que toda pessoa deve ser alfabetizada em Braille.

Cleber, assim como Eulália, discorre sobre suas preferências justificando-as.

...Por exemplo: eu se precisar escrever em Braille hoje eu escrevo, quando precisa escrever no computador eu escrevo, ao passo que quem perde a visão depois de adulto, provavelmente não conseguirá ou terá dificuldade em continuar escrevendo a mão, por exemplo.

...Fico boa parte do dia ao computador, acesso bastante à internet, por conseguinte, uso mais material digitalizado. Quando preciso fazer alguma leitura, tenho usado pouco a leitura Braille, muito embora, quando, por exemplo, preciso fazer alguma prova como a de concurso público, por exemplo, eu prefira fazer em Braille por uma questão de facilidade e em saber o que está escrito. Se está escrito corretamente etc. Também fazer a prova escrevendo da maneira que eu quero etc. Isso também se consegue ao computador, mais até pouco tempo atrás eram poucos os concursos públicos que ofereciam essa opção. (...)

...E conheço também os áudios livros. Os livros falados, já li e ouvi alguns, mas também não é o modo que eu use com frequência. Em parte porque eu não costumo mesmo ler muito romance, muita literatura convencional. Vamos dizer assim. E também pela facilidade em controlar as peculiaridades da voz quando se está lendo ao computador, qualquer que seja o leitor de telas. Porque isso não se tem em livros falados ao menos quando a gravação é feita por alguma pessoa, e também quando é feita com alguma voz sintética embora nesse caso teoricamente poderia, por exemplo, aumentar a velocidade com recursos do próprio tocador.

Cleber deixa bem claro que todas as crianças devem ser alfabetizadas em Braille, citando pesquisas feitas nos Estados Unidos. Abre exceção apenas para pessoas que ficam cegas depois de adultas.

...Hoje, discute-se muito essa questão de Braille x computador, de alfabetizar-se em Braille ou usando apenas o computador, principalmente no caso das crianças que nasceram cegas ou perderam a visão que seja. Andaram fazendo umas pesquisas mostrando que as crianças que foram alfabetizadas apenas com computador têm mais dificuldades em empregar pontuações, em compreender estrutura das frases em português, ou seja, o idioma que for. Eu me lembro de uma pesquisa que fizeram nos Estados Unidos, no caso seria em inglês, enfim, eu acho que no geral as crianças que nasceram cegas têm que ser alfabetizadas em Braille, até porque todos nós que usamos leitores de tela a gente sabe que cada voz ela faz uma entonação, ela emprega uma entonação diferente para determinadas pontuações. De modo que

fica complicado você aprender o conjunto de cada texto que se está lendo. Não basta você dizer que se pode usar as setas do teclado do computador pra soletrar as frases, no caso porque a pessoa já vai construindo a ideia de entonação, enfim a pessoa vai relacionando a entonação da frase com esta ou aquela pontuação conforme a voz do leitor de telas, quer dizer, isso já é o condicionamento ao passo que pela leitura em Braille isso não acontece, a própria pessoa ou criança no caso é que constrói na própria cabeça essas estruturas, até com base no que ela ouve a partir de todo mundo com quem conversa. Agora claro que para quem ficou cego depois de adulto pode ser muito mais difícil aprender Braille, até porque pode já ter perdido um pouco do tato, da sensibilidade tátil no caso, e no caso de quem sabe usar o computador é bem possível que seja mais cômodo continuar ao computador, até porque provavelmente já será uma pessoa alfabetizada, já terá mais noção de compreensão, interpretação de texto, essa coisa toda. É claro que, quanto mais opções melhor, quanto mais conhecimento a pessoa tiver, tanto mais utilidade e produtividade essa pessoa terá.

A seguir Andressa relata que, em seu cotidiano sempre utilizou o sistema Braille, porem não descarta o uso do material digitalizado.

...Quando eu tava no começo do ensino médio é que eu tive acesso aos livros em Braille que daí mandaram uns livros pra escola. Eu sempre usei o Braille porque na minha época não tinha esse negócio de computador e até faz pouco tempo que eu estou usando material digitalizado. O que eu mais gosto do material digitalizado que eu tinha antes do computador era o livro falado. Existem determinados livros que eu gosto de ler, existem determinados livros que eu gosto de ouvir. Existem determinados livros que eu gosto de ouvir em áudio, que é uma pessoa lendo prá mim e existem determinados livros que eu gosto de ler no computador. Então assim, esse negócio de tudo digital tá muito novo pra mim. Às vezes eu penso: olha se tivesse material digitalizado na escola, tinha sido muito melhor pra mim, porque minha mãe não ia precisar ficar lendo pra mim e eu ia poder me virar muito mais sozinha. Só que assim, nem por isso eu não acho o Braille importante, o Braille é importantíssimo, porque o Braille é palpável, porque o computador o falado você ouve, o Braille não, o Braille você sente, você tem a noção, você sabe que aquilo tá lá. Que nem você lê: - "A casa está vazia é diferente de você ouvir: - "A casa está vazia".

...O computador falando e você lendo é diferente. Eu acho assim que como prá quem enxerga, o computador chegou, ótimo, veio pra ajudar só que as crianças se alfabetizando, quando você vai escrever um bilhete o cego, também o cego precisa ser alfabetizado em Braille, mesmo aquelas pessoas que porventura perderam a visão, também não posso falar que o computador veio pra tirar o Braille, porque a gente sabe que muita coisa o computador ajuda, nos livros até prá quem faz faculdade, muita coisa tem que ter o computador, mesmo porque se não, você fica louca, porque um texto de duas páginas e no computador em Braille dá dez páginas.

O Braille é importantíssimo, eu defendo o Braille com unhas e dentes, eu agradeço todo dia o francês Louis Braille que inventou isso, porque até então não sei se você sabe como nós tínhamos que aprender. Antes de ele inventar o método Braille as letras em tinta do jeito que as pessoas que enxergam faz eram feitas em alto relevo e o cego tinha que aprender a fazer aquela curvatura toda e os livros eram assim, então os livros eram enormes com aquelas “letronas” como se a gente tivesse baixa visão. Eu enfatizo quanta gente fala eu não sei ler Braille, eu não quero ler Braille! Eu brigo, eu acho ruim, eu tento convencer a pessoa, eu falo, viu se alguém for passar um número de telefone. Cê fala: viu espere que eu vou ligar o computador para anotar, ou então se você vai anotar uma receita, tem hora que você cansa do computador, tem hora que você quer escrever, ser você por você mesma, entendeu?

Tem hora que você quer ler um livro, eu pego bastante livro do centro cultural, você vê todo aquele carinho que a pessoa teve copiando aquilo pra que você tenha acesso mais comum, prá que você leia aquilo e também porque eu fui copista um bom tempo na sala de recursos, então a gente tem todo aquele carinho. Ah! não vou escrever errado, vou ver se tá tudo direitinho, eu acho assim, o Braille importantíssimo assim como material digitalizado, acho que não é assim, vamos ver quem é mais importante, acho que os dois vieram prá somar, pra que nós possamos ter mais acesso às coisas. O livro do Harry Potter mesmo em Braille são quinze volumes, então é ruim, demora quase um ano prá você ler e você ouvir é mais fácil, só que tem livros que você gosta de ler, porque você senta em qualquer lugar, você pode usufruir do silêncio que a gente fala, que ficar em silêncio é bom né! Sem o Braille na minha vida eu não seria nada! Eu não poderia ser considerada hoje em dia uma pessoa alfabetizada né? Inclusive formada em música, a música também pelo método Braille.

Os dados apresentados até aqui, referentes às entrevistas realizadas com os cegos adultos, revelam que tanto o Braille como o material digitalizado são considerados recursos importantes para o acesso ao conhecimento. Constatei que, os três entrevistados, mesmo sabendo o Braille não descartam o uso do material digitalizado. Todos valorizam o uso do Braille. Cleber conta que pesquisas recentes que foram feitas nos Estados Unidos mostraram a importância do Braille para os cegos. Andressa enfatiza que se não fosse o sistema Braille ela não poderia ser considerada uma pessoa alfabetizada, que, inclusive utilizou o método da musicografia Braille para seus estudos sobre música, precisamente o teclado. Eulália ressalta a importância do material digitalizado para poder preparar suas aulas e, anteriormente preparava também seus trabalhos de faculdade. Todos os entrevistados adultos contaram que aprenderam o Braille na infância com pessoas que

dominavam o sistema. Nenhum deles aprendeu o Braille na escola regular, embora todos eles tenham estudado em escolas regulares paralelamente ou depois de terem aprendido o Braille.

As famílias tiveram um papel fundamental na viabilização de recursos para a formação dos três entrevistados. Foram elas que deram o suporte econômico e afetivo necessários para o desenvolvimento e aprendizagem.

Todos os cegos apontaram o conhecimento do Braille como essencial para sua formação.

4.4. A Escola Inclusiva e os Alunos Cegos

Embora o foco de minhas entrevistas tenha sido os adultos cegos, conforme já relatado anteriormente, fui conhecer e conversar com crianças cegas que frequentam a escola atualmente. Nos encontros com as crianças, alguns pontos me chamaram a atenção e levantaram dúvidas sobre o que a escola vem oferecendo hoje aos seus alunos cegos. Na escola “inclusiva” de hoje, as crianças estão nas salas de aula, mas não há ninguém que domine o Braille lá. Dessa forma, não estão inseridas em um contexto educacional, sendo privadas das atividades efetivas de letramento e da aprendizagem de ler e escrever.

Elas frequentam as salas de apoio, mas o tempo nessas salas é bastante restrito (2 vezes por semana, 2 horas), o que torna impossível sua participação significativa em uma sala de aula regular, por isso, quando vão à escola ficam à margem do que está sendo ensinado para a turma. Os alunos atuais com os quais conversei não estão alfabetizados, embora tenham idade entre 5 e 7 anos e frequentem salas de aula em que os demais alunos videntes já dominam a leitura e a escrita.

Lembrei-me de que eu iniciei o aprendizado do sistema Braille com 6 anos e, que ia três vezes por semana na casa da professora, o atendimento era individualizado durante um período de três a quatro horas por dia. Hoje, na

sala de apoio, o atendimento é realizado em grupo, duas vezes por semana, num período de duas horas. Será que este tempo e organização é suficiente?

Observei também que, atualmente, nas escolas frequentadas pelas crianças cegas, são designadas auxiliares para a turma, ou seja, pessoas que ficam apenas à disposição dessas crianças. Esse parece ser um recurso à mais disponibilizado pela escola. Todavia, ao ouvir o relato de uma mãe de que seu filho gostava de ir ao banheiro, beber água com seus amigos e, a partir do momento que chegou a auxiliar, ele foi obrigado a, sempre que quisesse ir ao banheiro, ir com ela, imaginei que a auxiliar poderia estar dificultando o estabelecimento de relações do aluno cego com seus companheiros. Será que o papel desse auxiliar não precisa ser revisto? Penso que o auxiliar pode sim, acompanhar a criança cega quando esta estiver fora da classe, porém de longe. Quem a deve conduzir e ajudar conforme puderem são seus amigos para dessa forma fortalecer a autonomia da criança em questão.

Conversei com as crianças e elas me disseram que a auxiliar as ajuda, mas nenhuma sabe o sistema Braille.

Cleber nos contou em sua experiência que em seus primeiros anos teve dois professores: a professora regular e o professor de educação especial que o alfabetizou, corrigia seus trabalhos, etc. Penso que em nossa cidade poderia ser implantado um sistema desses. O papel do auxiliar seria semelhante ao de um intérprete da língua de sinais (libras): o intérprete apenas interpreta para o professor os sinais e gestos das pessoas surdas. O auxiliar apenas pode fazer as transcrições do braille para a tinta. Deve-se dizer aqui que o papel do intérprete é um pouco diferenciado, pois além de interpretar para o surdo ele deve ser bilíngue, pois o surdo aprende duas línguas: libras e português. O auxiliar que ficar a disposição das crianças cegas vai aprender o braille que não é uma língua, mas sim um método próprio de leitura e escrita. O cego escreve as lições em Braille, o auxiliar as transcreve para a tinta, mas quem corrige, fala se está certo e o que precisa ser modificado ou refeito é o professor da sala. Isso precisa ficar bem claro, pois em algumas entrevistas as crianças me disseram que quem passa lições e as corrige, não é o professor

da sala, mas o auxiliar. Elas acham o máximo ter um professor só para si, acabam ficando perdidas, porque não sabem a quem obedecer, pois na falta do auxiliar, o professor é quem comanda. Penso que seja interessante que cada um, auxiliar e professor, deva saber corretamente suas funções. Deve ficar claro que, aqui para a criança cega o papel do auxiliar não é levá-la ao banheiro, beber água, brincar com ela no pátio. Para isso ela deve e pode contar com seus amigos, pois criança quer brincar e se enturmar com criança. Isso pode ser mudado, só depende do poder público e exclusivamente também dos professores e das salas de apoio que fazem o atendimento. Em uma visita à sala de apoio, tive acesso a todos os materiais, que ela tem para fazer o atendimento às crianças.

Notei que as crianças estão em processo de alfabetização e fico imaginando se realmente todo aquele material faz diferença na vida das mesmas. De acordo com a professora: “As atividades ministradas para as crianças são através do tato. São mostrados números em tamanhos distintos, para que possam ser diferenciados. A gente faz isso Rosana, pois de início a percepção de dedo que vocês têm é bastante acirrada”.

Digo isso porque, recentemente, conversando com uma mãe, ela disse que seu filho é alfabetizado, mas apenas oralmente. Ser alfabetizado oralmente significa que ele tem o sistema Braille na cabeça, ou seja, sabe todas as letras de cor, sabe os pontos das letras. Mas, se alguém lhe pedir que as escreva ele não saberá, porque não teve contato ainda com a reglete. Isso vai mais além: a mãe me contou que um amiguinho lhe perguntou como se escrevia “banana” e ele soletrou direitinho como se escrevia! Ele sabe o Braille, mas de memória, ou seja, não utilizando a reglete, o Braille fica mais difícil de ser assimilado. Também, pela pesquisa bibliográfica que eu fiz é necessário que, desde cedo a criança tenha contato direto com o Braille seja por meio da reglete ou máquina. Ficar mostrando materiais, montando números não resolve o problema das crianças.

“Na verdade nós demos a reglete pra eles, mais não teve efeito, Rosana...Dói um pouco o dedo né”.

Quando tive a oportunidade de ir novamente a essa sala de apoio, as crianças estavam utilizando o computador. A professora falava alguma letra e a criança tinha que localizá-la e digitá-la. Mas, essa atividade tem sentido concreto se as letras não estão em Braille? Sei que a professora tem a maior boa vontade, mas se as letras estivessem em Braille as crianças já iam tendo contato com a escrita que irão utilizar em suas vidas, e ao mesmo tempo que estaria no computador já iria assimilando o sistema Braille.

Eu também fui alfabetizada através do método Braille e utilizo material digitalizado. Assim como Eulália, Cleber e Andressa, contei com ajuda dos meus pais e considero que os recursos existentes atualmente poderiam colaborar muito na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos cegos. Todavia, é preciso ter cuidado para que a ânsia de colocar os alunos cegos na escola regular para “incluir-los”, não os prive do uso de recursos essenciais que garantam o acesso do cego ao conhecimento.

CAPÍTULO 5

ALGUNS PONTOS A DESTACAR

Não utilizo termos considerações finais ou conclusão porque acredito que minha pesquisa não chegou ao fim, já que outros pesquisadores podem dar continuidade a ela.

Por meio deste estudo, pude identificar que, tanto o ensino do método Braille quanto o material digitalizado são imprescindíveis na vida funcional e social dos cegos. O cuidado que se deve ter é, de não abandonar o Braille para somente utilizar-se do material digitalizado, porque caso isso ocorra a pessoa cega será considerada analfabeta, pois apenas “ouvirá” o que

estiver lendo sem ter a possibilidade de poder conhecer as palavras por meio do toque dos dedos, bem como não terá noção de parágrafos, dentre outros. O material digitalizado não deve ser substituído pelo Braille, ambos devem se complementar, pois como já foi mencionado, é através dele que as pessoas cegas entram para o mercado de trabalho, acessam a internet etc.

De acordo com as pesquisas bibliográficas, foi constatado que as crianças devem ter contato com a escrita Braille desde sua infância. Tanto isso é verdade que, os meus entrevistados aprenderam Braille, com exceção de Eulália quando tinham aproximadamente seis anos. Aprendiam a utilizar a máquina Braille, e, devido a seu baixo custo sempre eram iniciados com a reglete. Posso dizer que, comigo ocorreu o mesmo processo. Aprendi Braille com seis anos também e, lembro como se fosse hoje que logo no primeiro dia a professora me mostrou a reglete. Eram utilizados sim, materiais adaptados, mas como um complemento para que nosso tato se desenvolvesse. Naquela época não se tinha os materiais sofisticados de hoje e a gente percebia diferenças de áspero/liso, grosso/fino pegando em diversos tecidos ou papéis distintos. Quando se queria aguçar ainda mais o tato, eram nos apresentados grãos de diversos tipos, tais como milho, arroz, ervilha etc. Assim, conseguíamos identificar os pontos Braille com facilidade. Segundo os cegos que eu entrevistei, passaram por esse processo também. Mas, e com relação às crianças? Percebe-se que há sim muitos materiais na sala que elas frequentam. Ainda mais, com seis anos não tiveram contato com reglete, pois segundo a professora Laís a reglete dói o dedo. Mas ainda, e a máquina Braille? Penso que esse contato com o Braille seja primordial para as crianças que estão nessa fase. Isso não significa que não devem ser utilizados diferentes materiais, porém, os materiais por si só não dão resultado.

Cabe perguntar qual a melhor maneira de ensinar a escrita Braille? Como podemos garantir a inclusão?

Em relação ao material digitalizado, quero ressaltar, no entanto, que ele não deve ser encarado como substituto para a escrita Braille, mas sim como complemento. Enfim, não importa o método ou tecnologia que se utilize,

mas a intensidade com que as tecnologias são utilizadas. E, lembrar sempre que o Braille em nossas vidas será fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Cecília. G. Formação de conceitos em crianças cegas: Questões teóricas e implicações educacionais: Psicologia Teoria e Pesquisa. **Revista Scielo**, n. 1, vol. 21: 7-15, jan-abr. 2005.

BATISTA, Rosana D. **Discursos e percursos da inclusão do cego: algumas reflexões**. Faculdade de Ciências Humanas, Pedagogia. UNIMEP. Piracicaba-SP. 2009.

BRUNO, M. M. G. **Deficiência visual: reflexão sobre a prática pedagógica**. São Paulo: Laramara, 1997.

CARDOSO, Rodrigo. **É o fim do Braille?** São Paulo: Revista Isto é. Ed 2137, out. 2010. Disponível em:
<http://www.istoe.com.br/reportagens/_107318E+O+FIM+DO+BRAILE > Acesso em: 20 ago. 2011.

CONJUNTURA ECONÔMICA. **As 500 maiores empresas do Brasil**. Rio de janeiro: FGV, v. 38, nº 9, set. 1984. 135 p . Edição especial.

EL DEFECTO Y LA COMPENSACIÓN (Trabalho apresentado em 1924 e publicado 1927).

FERREIRA, Maria Helena; GONÇALVES, Jordana Cristina Silva. Deficiência visual: desafios de uma alfabetização em Braille. **Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão do UNIPAM** (ISSN 1806-6399). Patos de Minas: UNIPAM, n. 7, vol. 1: 89-101, ago. 2010.

BENGALA LEGAL. Site. **Figuras**. Disponível em: <www.bengalalegal.com>. Acesso em: 22 jun. 2012.

BENGALA LEGAL. Site. **Livros sonoros, audiolivro, audiobook e livro falado**. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

DEFICIÊNCIA VISUAL. Blog. **Figuras: deficiência visual**. Disponível em: <www.deficienciavisualsp.blogspot.com>. Acesso em: 22 jun. 2012.

FILHO. A. da M. M. **Educação dos cegos no Brasil**. Editora: Os Amigos do Livro: Belo Horizonte, 1931.

FREITAS, A. P. de. **Zona de desenvolvimento proximal: a problematização do conceito através de um estudo de caso**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP: (S.N), 2001.

FREITAS, M. T. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T; SOUZA, S. J; KRAMER, S. **Ciências Humanas e Pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 26-38.

GÓES, M. C. R. de. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M. K; SOUZA, D. T. R; REGO, T. C. (org.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 95-114.

GÓES, M. C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. In: VIGOTSKI, L.S; LURIA, A.R. **Caderno Cedes**, ano 20, n.50, p.09-25, 2000.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Bicentenário de Louis Braille. **Revista Brasileira para Cegos**. Rio de Janeiro. Outubro / 2009. Edição Especial. 93 p.

LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 10 Ed, 2006. p.103-117.

MAIA, Maria Teresa. **Importância do ensino do Braille na reabilitação de cegos adultos**. Disponível em: <http://www.lerparaver.com/teresa_braille>. Acesso em: 7 fev. 2012.

OLIVEIRA, Naziberto Lopes de. Livro. Acessível. Disponível em: <<http://www.livroacessivel.org/index.php>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. p. 17-28.

PEREIRA, Domingos Sávio. **Importância da leitura em Braille para a formação intelectual e cultural das pessoas com deficiência visual versus o livro falado**. Trabalho apresentado no seminário políticas de incentivo à leitura, promovido pela Superintendência de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.

PINO, A. **As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 303.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas: Cedes ano XXI, n.71, p. 45-78, 2000.

REGO-MONTEIRO, P; MANHÃES, L. P; KASTRUP, V. **Questões acerca da teoria da compensação no campo da deficiência visual**. Instituto Benjamin Constant / MEC, Rio de Janeiro, ano 13, n.36, p.22-27, 2007.

SALES, Denise Regina; OLIVEIRA, Marta Kohl de; MARQUES, Priscila Nascimento. A educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Educação inclusiva e a declaração de Salamanca: consequências ao sistema educacional brasileiro. **Revista Integração**, ano 10, n. 22: 34-40, 2000.

SANTOS, Mônica Pereira dos. O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. **Revista da Faculdade de Educação da UFF**, Rio de Janeiro: UFF, n. 7, vol. 1: 78-91, mai. 2003.

SILVA, Leonardo C. da. **O Braille e a sua importância na educação dos cegos**. Disponível em: <http://www.lerparaver.com>. Acesso em: 12 dez. 2011.

TUNES, E; TACCA, M. C. V. R; BARTHOLO, R. S. JR. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa V**, ano 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. In: COLE, M; STEINER, V.J; SCRIBNER, S; SOUBERMAN, E. (Orgs). São Paulo: Martins Fontes, 6 Ed, p.191. 2003.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Obras Completas. Tomo 5. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Puelo y Educación, p.336. 1989.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectología**. Obras Escogidas. Tomo IV. Madri: Visor, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **Problemas del desarrollo de la psique**. Obras Escogidas, v. III. Edição dirigida por Alvarez, A. e Del Rio, P. Madri: Visor, p.11-340. (Original de 1931), 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Obras Escogidas. Tomo III. Madri: Visor, 1995.

ANEXOS

Rosana: - Estamos aqui, vamos fazer uma entrevista com a Eulália. Eu gostaria que você ficasse bem à vontade, pra dizer o que você pensa, sobre a cegueira, a deficiência visual, eu vou ler apenas algumas perguntas, pra gente poder direcionar melhor a nossa conversa, Esteja à vontade também pra perguntar o que achar necessário. E pra interromper a entrevista. Bom, as perguntas são: Qual seu nome e idade? Você é deficiente visual cego desde o nascimento? Ou adquiriu essa deficiência no decorrer de sua vida? Quando, como e por que isso ocorreu? Devido à sua deficiência, você teve que passar por adaptações antes e depois de iniciar sua vida escolar? Quais foram essas adaptações? Você se locomove utilizando a bengala? No seu cotidiano, em algum momento, ao fazer uso da bengala você chegou a passar por alguma situação constrangedora ou preconceituosa? Como e quando você teve contato com o sistema Braille ou mesmo livro falado ou material digitalizado? Com que frequência você utiliza esses materiais? Qual deles você utiliza mais em seu cotidiano e por quê? Você em algum momento da sua vida sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito devido à sua deficiência? Se sofreu, quando e como isso ocorreu? Atualmente em seu cotidiano você ainda sofre preconceito? Ou discriminação devido à sua deficiência? Agora fique à vontade e pode começar a se identificar, por favor.

Eulália: - Meu nome é Eulália, eu tenho 29 anos sou professora me formei há dois anos eu sempre fui deficiente visual, só que eu tinha baixa visão. Eu enxergava 25% Quando tinha 16 anos, eu fiquei totalmente cega, porque eu nasci prematura e o fato de eu ter ficado seis meses na incubadora acabou provocando uma doença que se chama retinopatia da prematuridade quando eu tava com 16 anos ela se agravou e nos casos mais graves dessa doença ela provoca a cegueira. Até então como que eu estudava: normalmente não era necessário ou talvez fosse mais não foi feito até por desconhecimento do professor da escola que eu estudava as adaptações. E meu também. Algumas adaptações para que eu pudesse estudar. Porque adaptações? Porque geralmente nesses casos a gente sabe que são necessários cadernos com as

linhas mais grossas, e isso na verdade na cidade nem tinha naquele momento. E também a gente não conhecia essa possibilidade. Eu comecei a usar esse tipo de material se eu não me engano acho que com quatorze anos de idade. Daí tinha uma papelaria na cidade que vendia esse material. Então, até aos dezesseis anos eu diria que foi essa a adaptação que eu precisava. E depois que eu fiquei cega, tive que ser feitas outras, claro. Aí, com 17 anos eu tive contato com o sistema Braille, depois é é é... Aí foi essa a adaptação necessária para que eu pudesse continuar meus estudos. Nesse momento eu estava cursando o primeiro ano do ensino médio, eu levei mais ou menos três meses para aprender o Braille, depois, que mais...

Rosana: - Você podia contar um pouquinho de sua vida como e por que ficou cega como reagiu fazer uma retrospectiva pra gente dos seus anos iniciais na escola.

Eulália: - O que aconteceu eu não vou dizer pra você que me abalou, porque não me abalou. É... Deixa ver uma coisa... Braille eu aprendi muito rápido porque por ter ficado quase um ano fora da escola praticamente, eu fiquei cega com 16 e aí eu tive que ficar de Junho de um ano até Fevereiro do outro sem ir pra classe, frequentar a escola e sem possibilidade de estar lendo nada, então eu queria voltar a fazer, a ler minhas coisas, ou seja, a ter contato com a escrita novamente então quando me foi dito que tinha possibilidade de fazer isso e que isso seria feito com o sistema Braille eu procurei aprender isso o mais rápido possível pra voltar a ter contato com a leitura tá. Por isso, talvez, esse período de aprendizagem tenha sido tão eu diria rápido porque eu conheço pessoas que levam anos pra aprender Braille, ou dois cinco e ainda assim com muita dificuldade. Eu diria que nesse momento foi essa a adaptação necessária. Pra poder me ajudar, minha irmã e minha mãe também aprenderam o Braille. Por quê? Porque depois na escola, cê tem que copiar toda a matéria em Braille, elas ditavam. Depois transcrever as provas pros professores estarem corrigindo, Então é assim que elas me auxiliavam: uma sabia Braille pra fazer a transcrição, a outra sabia pra auxiliar na sala de aula, e também fazer transcrição, tudo pra facilitar. Eu diria assim: que adaptações

foram feitas devido à minha deficiência. Nesse primeiro momento é problema pela deficiência, é lógico que eu sempre tive né, na escola os professores faziam piada mesmo eu não sendo cega, brincadeiras de mau gosto, os professores não tinham muito respeito com o fato de ter uma aluna com deficiência visual na sala de aula, e também eram um pouquinho intolerantes por quê? Porque pra copiar lição da lousa, no meu caderno tinha que me levantar ir até a lousa, ler o que estava escrito e voltar. E os professores se incomodavam porque a gente vivia trombando

Rosana: - Você sentava na frente?

Eulália: - Sim, mas não dava pra ler o que estava escrito na lousa, dava pra saber que tinha coisa escrita, dava pra ver que tinha palavras escritas, mas não dava pra entender o que estava escrito. Alguns não se incomodavam, tinham alguns até que pra facilitar, eles iam escrevendo e ditando. Só que a gente tem que entender, imagine uma sala de quinta, sexta série você fazer isso. É meio complicado, principalmente se você não tiver pulso firme. A sala toda vai conversar e aí o aluno não vai conseguir ouvir então poucos faziam isso e os que faziam claro faziam a sala ficar em silêncio que nem assim eu poderia te dizer que nesse primeiro momento eu não entendia essa situação de desrespeito ou intolerância porque eles não conseguiam conviver com aquilo que era diferente eu não eu não considere isso naquele momento preconceito. A Eulália que viveu isso com doze, treze anos de idade não considerou isso preconceito.

Rosana: A gente era meio ingênuas.

Eulália: - Não, é que a gente não vê talvez essas coisas com esse peso. Hoje, professora, depois de muitos anos se eu tivesse que comentar essa situação eu te diria que isso era preconceito e desrespeito. Mais naquele momento se você pedisse se eu entendia aquilo como preconceito, e discriminação, não. Desrespeito, e talvez eu vá usar a palavra intolerância sim. Eu entendia como esses dois problemas, mas não preconceito e discriminação. Se você olhar com os nossos olhos de hoje sim. E aí, as coisas foram caminhando,

caminhando e é interessante que depois que eu fiquei cega, as brincadeiras que ocorriam quando eu era deficiente visual com baixa visão, tipo ser chamada de ceguinha, “vesguinha”, elas não aconteciam mais. Porque aí você pára de enxergar. Você não está mais no meio do caminho. Então assim, na cabeça das pessoas é complicado entender isso. Eu não sei se a coisa mudou porque pra nossa sociedade, ou você vê, ou não vê, ou você anda, ou não anda. Ou você ouve, ou não, certo? Então, prá aquele que tá no meio do caminho, pra sociedade ele tá mentindo, caramba, você tá dizendo que é deficiente visual prá se aproveitar. Ou você diz que vê pouco, por quê? E assim eu sentia que isso estava acontecendo, como por exemplo, eu pedia para ser dispensada da educação física, porque não dava pra fazer educação física. Tinha campeonato de vôlei de futebol, as meninas brincavam de queimada, não dava pra participar dessas coisas.

Rosana: - O professor não adaptava nada pra você?

Eulália: - Não naquela época, a gente não tinha adaptações, Rosana. E os professores não me dispensavam. Eles diziam: - Se você frequenta a aula, copia lição e faz provas você pode fazer educação física. Você imagina, eu não enxergava para jogar vôlei, mas me obrigavam a assistir. E quando a bola foge da quadra e vem ao seu encontro. Quem tá vendo faz o quê? Desvia.

Rosana: - Quem não vê toma.

Eulália: - Exatamente, então, mas na cabeça deles eles não entendiam que eu era deficiente visual e que eu não conseguia ver a bola vindo a uma longa distância. Quando eu via, ela já tava tão perto que eu não podia fazer mais nada. Então, é complicado ser deficiente visual com baixa visão. E o que aconteceu? Depois que eu realmente fiquei cega, eu vou botar esse “realmente” entre aspas, as brincadeiras acabaram, as piadinhas acabaram, no que se refere à educação física, o professor não ia me obrigar a fazer nada, Se eu dissesse pra ele: não dá pra jogar ele não fazia nada. Não dá pra assistir

o jogo de vôlei, eu não vou ficar na quadra, eu vou ficar no pátio, ele aceitava. Mas você vai falar você não jogava nada na escola? No máximo dominó. Dama não dava porque não era adaptado, e outros jogos também não. O que eles tinham na escola para um deficiente visual há dez anos, porque há dez anos eu estava no ensino médio. Terminando então vamos colocar assim: o que é que dava pra fazer que se refere à prática esportiva? Jogar dominó.

Rosana: - Dançar quadrilha.

Eulália: - Ah sim! Mas eu não gostava.

Rosana: - Eu fiquei muito brava uma vez porque tinha uma menina que estudava na mesma época que eu. E eu queria dançar quadrilha e a professora dizia que não dava. E essa menina era outra a professora de educação física dela e eu descobri que ela dançou quadrilha. Nossa, mas eu fiquei muito brava. Eu chorei naquele ano de raiva.

Eulália: - Eu não tenho do que reclamar porque falta de convite não foi. As minhas amigas queriam muito que eu dançasse, eu é que não gosto. Mais assim uma coisa que eu achei interessante nesse processo todo vivendo as duas experiências tanto a de ter possuído baixa visão e depois a cegueira é quando você é cego apesar das dificuldades serem maiores, por exemplo, eu considero mais difícil um aluno deficiente visual cego dar conta de copiar toda a lição do que um aluno que vê. Por quê? Pelo volume do Braille, pelo trabalho, pela velocidade com que você tem que escrever, eu acho mais trabalhoso, então eu acho mais difícil.

Rosana: - Ainda mais se “esse” Braille for na reglete, quantas páginas em Braille dá uma página em tinta?

Eulália: - Três aproximadamente. Eu to partindo do princípio que tenha uma máquina na escola, tá. Eu to falando porque é possível acompanhar, mas é trabalhoso. Na reglete é praticamente inviável. Principalmente se um professor

estiver ditando a matéria. Então, quer dizer, é mais difícil, no entanto numa escola o respeito é maior. Porque quando você tem baixa visão é como se você mentisse, pois não percebem a sua situação de dificuldade. É assim, agora o que eu vou te dizer, acontece nos dois casos que eu acho um absurdo: - A comparação de certos professores é incrível, mas eles diziam pra minha mãe e com certeza diziam e devem dizer pra muitas mães hoje: - Apesar do problema do seu filho ele é inteligente. Apesar das dificuldades as notas são muito boas. Está embutido nessa frase um preconceito e uma discriminação sem tamanho. Eu não considero alguém nem mais nem menos inteligente por possuir ou não uma deficiência. Então, quer dizer que o fato de você ser deficiente e ter boas notas faz com que as pessoas digam que apesar disso ele é capaz, quer dizer, está tarjado na sociedade que o deficiente é o que? Incompetente?

Rosana: - Você ainda considera a sociedade muito preconceituosa em relação aos cegos?

Eulália: - Sim e de repente quem sente o preconceito nem tem consciência disso, mas se você fosse perfeita estar ou não estar, seria algo normal. Só porque é deficiente visual acham que é algo extraordinário, não é, não era pra ser assim, principalmente se eu pensar que a declaração mundial dos deficientes diz que todos são iguais perante a lei. Não importa cor, raça ou condição. Então, o preconceito é velado. Muito velado. É interessante que as pessoas não têm noção que ele existe, e existe no cotidiano delas. Eu sempre odiei ouvir isso na escola. Os professores diziam isso para a minha mãe perto de mim ou às vezes diziam isso pra mim. É claro vou dizer pra você, a Eulália daquela época, que tinha entre 12 e 18 anos não entendia isso como preconceito. Eu não gostava de ouvir, quem está dizendo que é preconceito e discriminação é a Eulália de hoje. Porque se a gente pensa, a gente vive em uma sociedade igualitária esse tipo de caso não aprendizagem de alguém, o grau de inteligência ou não de alguém. Se não teria alunos na graduação sem saber ler e escrever. Concorda comigo? E o fato dessas pessoas com

deficiência saírem muitas vezes da escola, analfabetas sem saber ler e escrever, aí não é proteção da minha parte para com elas, é falta de preparo dos nossos professores. E de familiares, pois às vezes eu estou lidando com famílias extremamente pobres, e que não tem acesso a nada. Caberia ao poder público, a nós professores, a nós enquanto cidadão porque a sociedade tem obrigação disso eu tenho você tem a partir do momento que a gente sabe que as pessoas têm direitos. De estarmos orientando essas pessoas. Mais por exemplo: às vezes chega uma criança na primeira série e que ela tem que ser alfabetizada junto a outras. E o professor não sabe o que fazer e a criança é cega. E daí? Ela vai terminar a primeira série sem saber ler e escrever porque ninguém vai ensinar. Tá eu tenho apoio da sala de recursos e a criança já vai pra escola. Quem disse que ela tem alguém pra levar ela na sala de recursos na parte da tarde. Ou se ela estudar à tarde na parte da manhã. Eu teria que ter professores preparados pra lidar com esse aluno dentro da sala de aula. Mais eu tenho 40 que vê e um que não vê e daí? Se você soubesse Braille e eu não vou dizer que isso é um problema de formação porque não é. Você não precisa aprender Braille dentro de uma universidade. Basta um curso de capacitação que o governo faça dentro das escolas, que se é possível o professor aprender Braille. To falando isso porque eu sou professora e os meus alunos que não são educadores, não são professores, não são nada, conseguiram aprender Braille em 1 mês, porque que o professor que tá lá pra ensinar a alfabetizar não pode. Pode, tem que parar com essa desculpa que eu tenho 40 que enxergam e um que não. Não é? A criança tem que saber que “a” é “a”. Do mesmo jeito que a criança que vê aprende que “a” é “a” que não vê aprende em Braille. Então não tem nada complicado nisso. E aí a gente tem crianças analfabetas cegas terminando o ensino médio, mas por quê? Faltou base lá embaixo. Muitas vezes essa criança tem potencial, tem capacidade, tem condições de aprender, mais é deixada de lado por quê? Ela é uma entre 40.

Rosana: - Ainda mais agora com essa progressão continuada que aprova todos os alunos.

Eulália: - Pois é, eu sei de crianças, e aí eu não sei por que me contaram mas porque eu vi quando eu ia na sala de recurso, porque eu fiquei cega e aprendi Braille e prá aprender Braille claro que eu frequentei a sala de recursos da cidade. Fiquei cega em 1998, voltei a estudar em 1999. Então, com essa volta foi simultâneo tanto começar a frequentar a sala de recursos pra aprender o Braille, quanto estar na sala de aula. E aí como eu te falei, levei 3 meses pra aprender porque primeiro eu queria ler e escrever, segundo porque eu tinha necessidade porque eram 3 meses só ouvindo, ouvindo, ouvindo aula. Imagine 3 meses de matéria para ser copiado em Braille. Então, quer dizer aquilo se impôs como algo imprescindível pra aquele momento. Tinha que aprender aquilo pra continuar estudando. Porque nós vamos concordar que aprender só ouvindo é impossível. De alguma forma você tem que escrever. Porque você não aprende tudo sozinho tem que escrever aquilo que você ouve. É uma forma de aprender o conhecimento. Então aonde se ensinava isso na cidade? Na sala de recursos que é mantida pelo Estado. Foi lá que eu aprendi Braille. E depois que eu tinha aprendido claro que eu continuei frequentando a sala porque havia outras coisas prá aprender. Informática também eu aprendi, a base nessa sala de recursos, e nesse tempo entre 1999 e 2004 eu frequentei a sala de recursos inclusive como voluntária, eu conheci crianças cegas no ensino fundamental que não sabiam nem ler e escrever. Por quê? A mãe não podia trazer na sala de recursos, a professora não sabia o que fazer na sala de aula, não sabia Braille e a criança não sabia escrever. Hoje essa menina terminou o ensino médio nessas mesmas condições. Muito inteligente e teria tudo para ter um futuro brilhante. Voltando: adaptações nesse primeiro momento foi o Braille, depois que mais que eu teria que aprender? A informática que eu comecei em 2001, e continuei frequentando a sala de recursos até 2004, como voluntária e também, a professora me dava algum auxílio na área de informática, depois eu parei por quê? Eu comecei a trabalhar como voluntária em uma entidade, também dando aulas para deficientes visuais e no ano seguinte ingressei no curso superior. E aí tive que aprender orientação e mobilidade. Aprender a usar a bengala. Não me interessou isso

num primeiro momento. Por quê? Quando fiquei cega e fiquei um ano sem estudar, a minha irmã mais nova acabou me alcançando na escola então nós fomos fazer eu tinha ela como apoio. Não me interessava locomoção. Não queria nem ouvir falar disso. Não me interessava pegar uma bengala e sair andando sozinha. No entanto, com o passar do tempo, em 2004, eu achei necessário fazer a locomoção. Por quê? Eu poderia não gostar de andar sozinha mais era preciso saber. Então, eu fiz o curso, sei andar sozinha, continuo não gostando, por quê? Porque eu já enxerguei, porque eu não vivo em uma cidade adaptada, para deficientes visuais andarem de bengala. São calçadas mal feitas, são obstáculos no meio das calçadas, que estão lá pra machucar a gente, eu como já enxerguei sei bem o significado de uma cicatriz no rosto, de alguém. Fica feio, machuca, a dor psicológica é muito maior que a dor física, as pessoas vão olhar e vão dizer: - Olha aquela moça, além de cega tem uma cicatriz! E às vezes a gente não percebe, cê vai cair e vai se machucar. Outro problema de quem enxerga é que a pessoa tem dimensão do quanto um buraco pode machucar. Então, isso faz com que a gente tenha receio, tenha medo mesmo. Eu diria que um medo que um cego de nascença nunca teria. Porque ele não sabe o quanto aquilo machuca. Eu diria que ele não sabe o que acontece quando se cai num abismo porque ele nunca viu um abismo. E nós sabemos o que acontece porque nós já vimos. Você morre. E o que acontece antes de você morrer? Tamanho daquele buraco, o que pode ter lá dentro. Cê entendeu? Alguém pode dizer pra você: tem pedras pontudas que machucam, mas você nunca viu essas pedras. Eu já vi. Isso faz com que eu tenha mais medo do que você, entendeu? Muito mais receio do que você. E alguém me falar assim: - Olhe, tome cuidado que em tal calçada vai ter uma valeta de uns 2 metros de fundura, eu não vou sair sozinha e passar do lado daquilo. Porque eu sei que se eu for um pouquinho mais pra direita ou pra esquerda eu posso cair lá dentro eu sei o que são dois metros de fundura. Você sabe? Você sabe o que pode quebrar em dois metros de fundura?

Rosana: Com certeza uma perna.

Eulália: Sim, mas eu diria que o seu medo é menor que o meu. Porque eu já vi o buraco com 2 metros, e andar com a bengala ou não é o mesmo, e a fundura você nunca viu. Isso faz com que a gente que já viu tenha muito receio de sair sem um cão guia ou sem um guia vidente. É por isso que eu num ando sozinha, num ando mesmo. Tem gente que fala assim: - É, mas você é tonta! Problema meu. Tem gente que fala assim: - Ai, vai anda de ônibus. Viu, cê imagina o que é um ônibus velho, com degrau enorme na hora de você descer que pára super longe da calçada, e ainda desmontando, que quando você vai descer o braço do ônibus cai na tua frente. Que vai acontecer se você não vê aquilo, tropeçar e cair lá de cima. Você vai ficar sem um dente com certeza. Isso faz com que a gente que já viu tenha receio das coisas, muito receio. Eu sei andar sozinha e em ambientes restritos eu até ando. Mais nas ruas não.

Rosana: - Já andou sozinha na universidade em que estudou??

Eulália: Não, muito pouco no corredor onde era a minha sala. Muito raramente.

Rosana: - Mas você usava a bengala?

Eulália: - Não, lá eu andava com bengala e alguém do lado. Apesar que sinceramente eu tinha pressa e não tinha saco de andar com aquele negócio devagar não. Até dá pra andar em lugares restritos e em lugares que não tenha perigo. Que nem a universidade lá é um lugar totalmente adaptado para ir tranquilamente.

eu estou falando em questão de cidade. Não dá na cidade para a gente andar sozinha. Primeiro: não temos semáforos adaptados em todas as ruas. Tem ruas que são totalmente desertas, e só passa carros, como é que você vai atravessar? Com uma bengala que não tenha sensor. Cê vai arriscar sua vida. Por isso que eu não ando sozinha. Tem gente que fala assim: porque você não anda sozinha. Um dia eu fui ao centro, eu descii do ônibus próximo a Governador então atravessei a rua com minha irmã e ela falou: "Cê devia tá

andando sozinha. Ia ser tão legal. Você ia dar de frente com uma caçamba, ia entrar um pedaço de madeira bem no meio do seu rosto”. Ela tava debochando é lógico! Por que ela disse isso? Porque ali tem semáforo, eu ia atravessar a rua a hora que o sinal fechasse, no entanto a hora que eu chegasse na outra calçada tinha uma caçamba. Com um monte de madeira cheia de ponta na direção do rosto. O que ia acontecer? Um acidente. São pequenas coisas que fazem com que a pessoa com deficiência visual que use uma bengala não queira andar sozinha com o auxílio dessa bengala. Opte por um auxílio humano e ela não tiver um cão guia. No Brasil, muito poucas pessoas tem. Por isso, nesse momento eu não ando de bengala. Em 2001 eu conheci os programas de voz que a gente tinha possibilidade de estar usando no computador prá poder ter acesso ao *Word*, *Excel*, *internet*, como as pessoas que viam. Comecei aprender e atualmente eu uso no meu computador o *Virtual Vision*, existem outros e com ele é possível trabalhar com *Word*, *Excel*, muito restritamente com o *Power Point*, e por fim uma das últimas adaptações que eu passei foi aprender a usar a bengala. Usando a bengala eu não passei por situações preconceituosas ou discriminação. Muito pelo contrário: as pessoas me respeitavam. Tanto o Braille como o material digitalizado são importantes, mas utilizo o material digitalizado mais. Principalmente para fazer as coisas ou trabalhos que se referem à faculdade. Mas acho que toda pessoa deve ser alfabetizada em Braille. Acho que já disse tudo.

Entrevista 2 - Cleber

Rosana: - Estou com o Cleber e ele nos contará um pouco de sua vida.

Cleber: - Bom, vamos lá então. Eu sou o Cleber, nasci em Santo Antônio do Sudoeste, Paraná. É uma cidade que fica no interior do Estado, a 625 km de Curitiba, 170 km de Cascavel, ou 300 km de Foz do Iguaçu. Sou cego desde o nascimento, por conta de uma fibroplasia retocrisiana, que é um endurecimento excessivo da retina e também catarata congênita. No caso, os

meus pais viajaram comigo, 3 vezes prá Campinas, quando eu tinha menos de um ano de idade. Logo após quando eu nasci, quando eu tinha 2 anos e quando eu tinha 4 anos. Sendo que eu só lembro-me dessa última viagem. Viajaram pra que fosse feito diagnóstico e também acompanhamento depois. Em parte por recomendação do oftalmologista que nos atendeu, eles me matricularam quando eu tinha 3 anos na escola de piano que havia na minha cidade. Quer dizer, naturalmente esse oftalmologista sugeriu por ser uma profissão que eu poderia exercer sem problemas no futuro. Quando eu tinha 3 anos já entrei no maternal, mas na escola regular, na escola comum, que havia na minha cidade só que apesar de a escola ser regular eu fiquei os três primeiros anos antes da primeira série no caso, o maternal, o jardim e o pré-escolar, numa sala a parte, fiquei estudando sozinho, fiquei porque só havia eu como cego estudando na cidade. No caso no primeiro ano no maternal, uma das minhas tias que fez magistério é quem foi minha professora. Depois no jardim e no pré já houve outros professores que não eram parentes. Quando eu comecei a frequentar a escola no maternal, naturalmente já havia alguns materiais que eram usados com outros alunos com outras crianças que eu podia usar sem problemas como tinta prá pintar daquelas que tinta guache que geram alto relevo no papel, barbante pra fazer desenhos com cola, colar o barbante em forma de desenho blocos de plástico com formatos diferentes prá conhecer as figuras geométricas etc. Nesse meio tempo os meus pais foram conversar com o prefeito e minha mãe muito antes de eu nascer já era funcionária da prefeitura, então já tínhamos alguns contatos lá dentro, até porque pela cidade ser pequena, a gente conhecia praticamente todo mundo, inclusive os que tinham altos cargos. Então, entrevistaram-se com o prefeito, pediram que ele providenciasse facilidades ou pelo menos que ele pagasse algum professor das redondezas pra que ele se especializasse prá que ele fizesse uma especialização nessa área de educação especial, pra poder me ajudar, até porque poderia obviamente surgir mais cegos no futuro, embora nessa época só houvesse eu. E aí o prefeito topou. Não sei se era época de eleição, mas enfim ele topou. De modo que quando eu tinha 5 anos, entrei no pré-escolar já foi dar aula pra mim um professor que havia feito especialização.

E esse professor começou então a me alfabetizar em Braille e nessa época já conseguimos também com o núcleo de educação de Francisco Beltrão que é um núcleo perto, uns 100 km de Santo Antônio onde eu morava e onde eu nasci. Conseguiram bastantes materiais, já conseguiram: reglete e punção para escrever em Braille, conseguiram uma máquina de escrever em Braille, daquela tradicional máquina Perkins, e comecei escrever com reglete e punção, comecei a trabalhar com o sorobã. O professor começou a me passar contas, isso já quando eu ia aprendendo conceitos de matemática, operações básicas já ia mexendo com o sorobã. Conseguiram também alguns jogos adaptados, nomeadamente xadrez, dama e dominó que eu também aprendi a jogar na escola. Como a cidade era muito tranquila, tinha pouco trânsito e as ruas eram bem planejadas, arquitetonicamente, quer dizer eram retas, as quadras eram mais ou menos uniformes, eram do mesmo tamanho, não havia buracos nas calçadas etc. Então, eu lembro que muito cedo, não lembro se no maternal, talvez já no maternal, ou com certeza no pré-escolar depois, já saíamos à rua, eu com o professor já íamos da escola até a prefeitura, andávamos quatro ou cinco quadras ou quarteirões ou outros trajetos ali circundantes e também naturalmente aprendi a andar por dentro do colégio embora não fosse regularmente sozinho, todo dia não andasse sozinho por lá a não ser quando necessário. Bom, depois quando entrei na primeira série, já entrei numa turma regular quer dizer, com dezenas de crianças. E continuei escrevendo por algum tempo com reglete e punção especialmente na primeira e segunda série. Na terceira série passei a escrever a máquina, malgrado isso incomodasse uns poucos alunos e professores. Eu pessoalmente não nunca recebi queixas, apenas ouvi falar às vezes por meio de professores ou meus pais, enfim, coisas muito pontuais assim. E quase sempre ficava também na sala de aula esse mesmo professor que me deu aula no pré-escolar, que me alfabetizou em Braille. Ele permaneceu na escola os dois anos seguintes, ou seja, na primeira e na segunda série. E ficava geralmente comigo em sala de aula, me ajudando me ditando o material que a professora passava escrevia no quadro negro pra que ela não precisasse ditar e também conferindo se eu escrevia corretamente em Braille, conferindo corrigindo seja português, seja os

cálculos de matemática e etc. Ele transcrevia também com um dia de antecedência, por exemplo, um dois dias enfim o material que a professora passaria para os demais pra que eu pudesse já ter, por exemplo, quando era pra copiar um texto pra treinar que a professora dava para os outros alunos treinarem caligrafia, e também era me passado o texto em Braille para eu copiar treinar a escrita em Braille. Continuei fazendo orientação e mobilidade com alguma regularidade nos primeiros anos, quando estava na primeira e segunda série, enfim continuei depois, embora por questões de economia de tempo geralmente eu não andasse sozinho e também obviamente porque tinha tinham os meus pais pra me ajudarem. Depois, me mudei pra Cascavel, outro município paranaense, quando terminei o ensino fundamental pra cursar o ensino médio. E aí, havia no colégio onde eu fui estudar havia um centro de apoio pedagógico onde havia mais material, havia pessoas ali que já tinham mais experiência porque já havia outros cegos na cidade de modo que continuei as aulas de mobilidade até porque como a cidade era nova aprendi a ir a novos locais e por aí já comecei a andar ir sozinho a alguns locais da cidade a partir da minha casa. Naturalmente, também dentro do colégio eu andava tranquilamente. O colégio era muito maior do que aquele onde eu estudei o ensino fundamental, onde eu estudei em Santo Antônio havia umas centenas de alunos, ao passo que em Cascavel eram três mil alunos. Quer dizer um colégio bem maior. Depois me mudei aqui pro Rio de Janeiro por volta de 2000, quando eu já tinha 18 anos, no caso, vim aqui pro Rio fazer faculdade de música em piano em particular, porque o término do meu ensino médio em Cascavel coincidiu com o término do curso técnico de piano que eu vinha fazendo no conservatório de Cascavel também. Isso teve um impacto muito grande na questão de orientação e mobilidade porque no Rio, a planificação, vamos dizer, o planejamento urbano é muito diferente do Paraná, melhor dizendo, quase não há planejamento as ruas são disformes, os quarteirões não têm o mesmo tamanho as ruas terminam umas no meio das outras, as calçadas são muito irregulares tem muitas deformidades, há muitos carros estacionados nas calçadas, enfim as casas são algumas próximas outras muito longe e distantes da calçada, e assim vai. E logo depois que eu cheguei aqui fiz

outro curso de orientação e mobilidade e aprendi a lidar com muitas dessas mazelas. De qualquer maneira, nunca andei muito aqui nesta cidade, no Rio nunca andei muito sozinho pelas ruas a pé em particular com a bengala, não apenas por conta dessas questões de mobilidade, essas questões de arquitetura, mais também pela periculosidade que é maior como metrópole mesmo. Hoje em particular, vou e volto sozinho do trabalho, mas praticamente não preciso andar porque tenho um transporte que me apanha muito perto aqui de casa, não dá nem uma quadra da casa, é logo ali na esquina, ele me deixa também há umas três quadras aqui de casa. Na faculdade novamente tiveram de ser feitas adaptações quer dizer, eu passei a usar, por exemplo, um gravador para gravar as aulas, e continuei usando reglete e punção, nunca levei a máquina pra faculdade porque em parte é bastante pesada e em parte porque as salas são menores, com menos alunos então incomodaria muito e porque não havia muito o que escrever, fazer anotações ou fazer escrever algum exercício que o professor pedia as respostas ao exercício também não é muita coisa. Pode-se escrever com reglete e punção. Nessa época no caso de 2000 a 2003, durante a minha faculdade e depois de 2004 a 2006 no caso do mestrado. Em particular na época da faculdade que foi no início e não havia ainda a *internet* disseminada como é hoje e também não havia muito material na *internet*. Havia pouco material principalmente na área da minha faculdade que é a de música, uma área bastante restrita relativamente falando. Então, não teve outro jeito que não minha mãe me ajudar com leituras de livros, livros em tinta, e qualquer material em tinta, apostilas etc. Os livros no caso eram da biblioteca de música onde eu fiz a faculdade e que não havia na *internet*, não estavam em formato digital na *internet*. Depois disso no mestrado já melhorou porque já havia algum material na *internet* no caso de 2004 a 2006, então eu ajudava os colegas os colegas me ajudavam com traduções enfim com trechos específicos que precisavam ser lidos um mandava para o outro por *e-mail* essa coisa toda. E que eu saiba eu fui o primeiro cego a cursar faculdade ali na escola de música e como sempre nessas ocasiões os meus pais ajudaram os professores no que eles precisavam saber desde o início como, aliás sempre acontecia, e eu não mencionei até agora, quer dizer, isso desde eu mencionei

antes no início a questão que eles foram conversar com o prefeito logo que eu entrei no maternal e no jardim de infância. Mais depois isso continuou, quer dizer, cada ano letivo desde a primeira série que era uma professora só, depois no ginásio a partir da quinta série que era um professor para cada disciplina e depois em Cascavel onde ficou mais fácil, enfim isso foi meio que uma constante, quer dizer todo início de ano a minha mãe, ou o meu pai, ou ambos iam conversar com os professores, fosse com um ou com outro para avaliar então as necessidades de cada um e como é que poderia ser feito, como é que poderiam ser feitas as adaptações devidas até levando em conta o que já tinha sido feito, o que eu e os meus pais já conheciam até então nesse campo das adaptações. Um aspecto voltando á questão da mobilidade, é que no Rio de Janeiro é muito fácil malgrado a má planificação arquitetônica é muito fácil conseguir ajuda até pela quantidade de gente que se encontra na rua, então, praticamente em qualquer situação que eu esteja digamos que eu precise seja pra principalmente prá atravessar a rua, mas pra também qualquer outro local determinado onde eu precise chegar é muito comum a gente encontrar ajuda, quer dizer às vezes nem precisa parar pra esperar ajuda as pessoas já vem enquanto eu estou andando. E não me lembro de ter passado por nenhuma situação vexatória vamos dizer assim, na rua. É claro que sempre acontecem esbarrões tanto na rua como às vezes até hoje no meu ambiente de trabalho muito embora nesse caso seja muito menos esse tipo de incidente até porque eu já conheço bem o ambiente lá e procuro caminhar mais devagar ou mais rapidamente conforme o local se o local é mais movimentado ou menos movimentado mais geralmente quando eu esbarro em alguém a tendência é que a outra pessoa peça desculpa primeiro ou que peça enfim junto comigo embora eu tenha esbarrado. Então isso é bastante tranquilo assim. Bom, hoje eu trabalho fora da área que eu me formei que foi música no caso. Trabalho com segurança da informação que é uma... É um setor de tecnologia da informação, ou seja, com informática. Então fico boa parte do dia ao computador, acesso bastante a *internet* e, por conseguinte, uso mais material digitalizado quando preciso fazer alguma leitura. Tenho usado pouco a leitura Braille, muito embora quando, por exemplo, preciso fazer alguma prova como a

de concurso público, por exemplo, eu prefira fazer em Braille por uma questão de facilidade e em saber o que está escrito, se está escrito corretamente etc. Também fazer a prova escrevendo da maneira que eu quero etc. Isso também se consegue ao computador, mais até pouco tempo atrás eram poucos os concursos públicos que ofereciam essa opção e mesmo que eu faço anos que eu não presto concurso público porque hoje eu já trabalho. E conheço também os áudios livros, os livros falados, já li e ouvi alguns, mas também não é o modo que eu use com frequência. Em parte porque eu não costumo mesmo ler muito romance, muita literatura convencional. Vamos dizer assim. E também pela facilidade em controlar as peculiaridades da voz quando se está lendo ao computador, qualquer que seja o leitor de telas. Porque isso não se tem em livros falados ao menos quando a gravação é feita por alguma pessoa, e também quando é feita com alguma voz sintética embora nesse caso teoricamente poderia, por exemplo, aumentar a velocidade com recursos do próprio tocador. Hoje, discute-se muito essa questão de Braille x computador, de alfabetizar-se em Braille ou usando apenas o computador, principalmente no caso das crianças que nasceram cegas ou perderam a visão que seja. Andaram fazendo umas pesquisas mostrando que as crianças que foram alfabetizadas apenas com computador têm mais dificuldades em empregar pontuações em compreender estrutura das frases em português, ou seja, o idioma que for. Eu me lembro de uma pesquisa que fizeram nos Estados Unidos, no caso seria em inglês, enfim, eu acho que no geral as crianças que nasceram cegas têm que ser alfabetizadas em Braille até porque todos nós que usamos leitores de tela a gente sabe que cada voz ela faz uma entonação, ela emprega uma entonação diferente para determinadas pontuações. De modo que fica complicado você aprender o conjunto de cada texto que se está lendo. Não basta você dizer que se pode usar as setas do teclado do computador pra soletrar as frases, no caso porque a pessoa já vai construindo a ideia de entonação, enfim a pessoa vai relacionando a entonação da frase com esta ou aquela pontuação conforme a voz do leitor de telas, quer dizer, isso já é o condicionamento ao passo que pela leitura em Braille isso não acontece, a própria pessoa ou criança no caso é que constrói na própria cabeça essas

estruturas até com base no que ela ouve a partir de todo mundo com quem conversa. Agora claro que para quem ficou cego depois de adulto pode ser muito mais difícil aprender Braille até porque pode já ter perdido um pouco do tato da sensibilidade tátil no caso e no caso de quem sabe usar o computador é bem possível que seja mais cômodo continuar ao computador até porque provavelmente já será uma pessoa alfabetizada já terá mais noção de compreensão interpretação de texto essa coisa toda. É claro que quanto mais opções melhor quanto mais conhecimento a pessoa tiver tanto mais utilidade e produtividade essa pessoa terá. Por exemplo: eu se precisar escrever em Braille hoje eu escrevo, quando precisa escrever no computador eu escrevo, ao passo que quem perde a visão depois de adulto provavelmente não conseguirá ou terá dificuldade em continuar escrevendo a mão por exemplo. Voltando um pouco ao meu histórico mais geral, eu tive bastante sorte, eu tive sempre bastante sorte em termos sociais, em termos materiais vamos dizer assim, embora minha família fosse bastante humilde teve sempre aquilo de os meus pais irem a minha frente, seja na no sentido literal ou figurado, quer dizer sempre abrindo caminho, seja na escola, seja em outras situações e de modo que quando eu entrei na escola, por exemplo, numa classe regular havia outro professor comigo, quando eu depois naturalmente quando o pessoal da escola já me conhecia quando me mudei prá Cascavel já era uma situação onde tanto os professores como alunos e o pessoal em geral há tinha experiências com outros cegos aqui no Rio é que faltou um pouco experiência com a questão da faculdade mais aí também já éramos adultos, a coisa ficou um pouco facilitada isso no campo da educação e enfim em todos os campos de maneira geral são poucas as situações de discriminação que eu me recorde. Que eu me recorde hoje. Às vezes acontece principalmente quando se precisa de algum material ou quando se precisa de alguma questão de comunicação mesmo. Por exemplo, faz uns 5 anos eu precisei de um livro de matemática financeira prá estudar para um concurso público que eu ia prestar e embora já houvesse na época condições, a editora não queria me vender o livro em formato digital porque não era uma prática comum. Da parte da editora só vendiam em formato impresso e você vê que hoje as editoras

estão se obrigando a fabricar e vender livros em formato eletrônico agora com essa onda dos “*tablets*” (leitores eletrônicos), aí isso não beneficia apenas os ex - consumidores de livros impressos, mas beneficia um público muito maior, as pessoas com deficiência visual que agora podem usar, os cegos no caso podem usar recursos de voz, leitores de tela que vêm embutidos nesses leitores eletrônicos. Então nessa ocasião eu pressionei a editora prá que me vendesse o livro em formato digital, e como eles não queriam, fui ali perto mesmo num fórum de pequenas causas e movi um processo contra a editora e acabou que eles me forneceram, quer dizer, quando acontecem essas coisas a gente deve fazer o que tem que ser feito. A gente deve procurar o que precisa fazer e fazer o que precisa ser feito né? Então é isso aí.

Entrevista 3 - Andressa

Rosana: - Bem, estamos aqui hoje com a Andressa. Andressa é cega, ela nos vai contar um pouquinho a sua história vai falar o que acha do Braille, do material digitalizado, vai nos contar um pouquinho como ela foi alfabetizada. Então Andressa, fique bem à vontade comece por onde você quiser, fale o que tiver vontade nada do que falar será citado o seu verdadeiro nome, na dissertação ele será fictício. Agora é com você.

Andressa: - Então, eu sou prematura de nascimento, minha cegueira é causada por retinopatia da prematuridade, eu nasci com seis meses e uma semana de gestação fiquei cerca de seis meses na incubadora e aí quando saí, saí com essa sequela que foi a cegueira total. De visão, eu só vejo claro escuro, e vulto só que isso não é considerado como resíduo visual. Se eu entrar num ambiente dependendo da luz eu sei que tá claro, sei que tá escuro e com isso eu consigo assim ter um pouco de noção do ambiente. Às vezes, se o ambiente é muito grande, muito descampado. Bom, minha vida escolar começou desde pequena, e minha mãe sempre me tratou como uma criança normal, ela sempre me fez saber das minhas limitações saber que apesar de eu ser cega, tinha algumas coisas que eu não podia fazer, mas na medida do

possível ela sempre fez com que eu fizesse tudo. Fui educada como todas as outras crianças, apanhei quando tinha que apanhar, não só porque eu era cega. Ah! Coitadinha ela é cega, deixe ela! Minha mãe sempre teve uma educação igual quanto a mim e as minhas irmãs, eu tenho irmãs mais velhas do que eu a educação sempre foi igual então se eu tive que apanhar eu apanhei se era pra ficar de castigo eu fiquei se era pra receber elogios eu recebi, nunca fui beneficiada pela deficiência. Nos primeiros anos fiquei em Institutos não sei se foi no Lyons, eu não me lembro. Quanto á vida escolar, com seis anos a minha irmã trabalhava numa escolinha e aí decidiram colocar eu nessa escolinha pra que eu tivesse socialização com as outras crianças. Só que como não tinha uma classe especial para mim eu fiquei com os menorezinhos que eram aqueles que precisavam de mais cuidados que chamavam maternal na época, crianças de três anos e eu já tinha seis, mas como eu gostava de brincar, tinha historinha, não tinha o que aprender e minha irmã tava na escolinha, então até que foi bom. Era na escolinha XXX, minha mãe foi conversar com a dona da escolinha e até que foi uma experiência boa eu lembro até de ter levado uns que a professora pedia pra levar disco na escola quem tivesse disco de historinha, que eu gostava então levei aqueles disco vinil, a historinha da Rapunzel aí puseram pra todo mundo escutar. Aí eu tive que começar a aprender o sistema Braille.

Rosana: - Com quem você começou o sistema Braille?

Andressa: - Então, o sistema Braille foi assim: através de uma amiga minha que ela já tava mais adiantada do que eu, fui saber com quem aprendia não sei o que aí tinha uma professora que ela ensinava Braille porque na época não tinha sala de recursos, não tinha nada. Era cada família por si só e Deus que quisesse, porque então aí essa amiga falou dessa professora que chamava Sarita , que até ela fazia aula com essa professora. Aí ela falou: - Ah! Leva ela, lá começa aula tal com ela. Daí eu fui e minha mãe pagava, não era nada de graça quero que fique bem claro que foram pouquíssimas coisas que eu tive de graça e quando tive não era direito. Se você tá pagando você tem, se você não

tá pagando é só embromação. Tinha aula três vezes por semana, segunda quarta e sexta. Então, eu ia até a casa dela, no apartamento dela, e ela ensinava o Braille pra mim. E aí em casa, a minha mãe começou a aprender junto pra me ajudar pra corrigir meus erros, até porque ela queria me acompanhar nessa fase escolar. Aí eu aprendi o Braille, tal e aí eu comecei eu fui a uma escola pra fazer socialização. Só que era pra eu aprender o Braille, fiquei com a professora só que ela não dava muita lição

Rosana: - Que escola?

Andressa: - Eu fui no YYY porque a Sarita dava aula nessa escola e e aí eu conversei com a professora da escola eu fui na classe da primeira série só que foi um pré pra mim. Aí assim, foi um ano um pouco difícil porque eu tava aprendendo o Braille e tinha coisa que eu não sabia escrever, mas tudo foi contornado.

Rosana: - Você falou que a professora tinha dó de você. Por que você sentia isso? O que ela fazia de diferente com você?

Andressa: - Ela não dava nada pra eu fazer. O pessoal fazia lição e eu ficava boiando. Aí eu chorava porque eu lembrava que minha mãe tava em casa, e eu queria eu queria ficar com ela, não tinha nada pra eu fazer aí eu pegava a punção da reglete e ficava brincando com a punção nos buracos da carteira (Andressa ri) ou então eu pegava a reglete e ficava furando a folha inteira porque não tinha o que eu fazer, numa dessas eu chorava, deitava no braço da carteira daí passou esse ano assim desse jeito. Aí quando chegou aqui minha mãe decidiu mudar eu de escola. Pra ficar mais perto e porque tinha também uma professora aqui na escola JJJ que ela sabia o Braille e ela podia dar mais respaldo pra gente. E aí então, minha mãe decidiu ir na escola e ver se ela conseguia vaga prá mim. Só que isso foi uma peregrinação porque muitas vezes a gente chegou a ir para escola a diretora não estava daí a gente ficava esperando tinha até uma garapeira que ficou amiga da gente porque enquanto

a gente esperava a gente tomava garapa sentada na frente da escola porque naquela época não tinha o que se tem hoje que é a lei da inclusão que naquela época se ela quisesse recusar eu e falar que a escola não tinha preparo pra me receber ela tinha o direito. E o que eu queria ressaltar antes disso é que eu aprendi o Braille acho que com sete anos e eu não fui bem um ano naquela escola acho que eu fui uns seis meses não lembro. O que eu considero como escola mesmo é a partir do JJJ que depois de muita conversa com a diretora, com eu ela falou “eu sei que tem essa professora, mas eu não quero muito a ajuda dela, eu quero eu fazer ela é minha filha” Minha mãe teve sempre essa coisa: “ela é minha filha eu que pus no mundo eu vou assumir eu vou ajudar. Então, eu que pus no mundo eu vou ajudar” e minha mãe sempre por meio desse argumento que minha mãe teve né, então a diretora e também porque já tinha essa minha conhecida essa minha amiga depois me ajudou muito em umas coisas conseguiu me despertar o gosto pela leitura porque se não eu não tinha eu chegava a professora falava lia isso eu não conseguia porque eu não tive estímulo porque naquela época não tinha muitos livros igual hoje que tem vários livros com desenho e naquela época não tinha nada não tinha historinha tinha pouca coisa assim né, e a minha mãe mandou carta na Fundação: Eu, fulana de tal tenho uma filha cega que mora em Piracicaba, gostaria de pedir livros daí sabe o que vinha, vinha “parabéns” vinha “caminho suave”, mas vinha umas coisas assim que ai sabe! Não era legal não tinha livrinho de historinha não tinha nem livro falado. Historinha que eu assistia que eu sabia era tudo de televisão de disco quando a minha mãe contava. Mas até hoje, às vezes eu prefiro escutar do que ler a disponibilidade para ouvir às vezes é maior daí eu fui aceita por causa da minha conhecida que também tava lá ela tava bem mais avançada que eu fui matriculada lá nessa escola com sete anos aí eu fiz quando eu cheguei eu cheguei no primeiro ano eu fui no segundo ano só que eu fiz o primeiro na classe do segundo, com essa professora que sabia o Braille ela dava lição pros outros depois ela dava prá mim. A primeira lição ela foi cruel comigo uma folha inteira de “ba, be, bi, bo, bu, baleia”. Sabe o que é uma folha inteira feita na reglete, demorei uma hora e meia porque ela tinha que me dar lição pra classe tinha acho que uns trinta alunos e eu porque

devido a essa professora que eu fui antes também coitada eu não condeno ela, porque ela não tinha um preparo nenhum sabe ela era um docinho lá, era muito boazinha.

Rosana: - E como era essa do JJJ tinha dó também?

Andressa: - Não, ela não tinha muito não (Andressa ria muito nessa hora). Ela não tinha dó nem quando era pra ter ela era brava, não que era brava, era exigente e eu fiquei também com essa professora quase três anos então, eu fiz o primeiro na classe do segundo aí no segundo ano que eu tinha oito anos na época eu fiz com a mesma professora porque ela tinha pegado de novo a segunda série aí ela conseguia me dar até alguns textos em Braille que ela adaptou do livro que tinha um livro didático quando eu tava na segunda série. Eu comecei a ir na casa dessa amiga para a gente ter um contato porque assim eu nunca tive contato com gente que era que nem eu, fomos meio que as pioneiras, porque assim ela falou: “Ah! vamos se juntar eu te ajudo você me ajuda eu tenho uns livros interessantes eu sou mais avançada no Braille.” Então, comecei a socializar com ela tal comecei a ir na casa dela comecei com outra vez os três porquinhos depois ela me deu O soldadinho de Chumbo e falou assim: - “Esse você vai ler sozinha depois você conta pra mim.” Aí eu fui lendo e foi muito legal. Rapunzel, armaram uma pra mim e que Deus me livre eu lembro até hoje foi um trauma na minha vida. Não sei quem foi quer dizer acho que sei quem foi que armou aquilo, mas não recrimino hoje em dia, mas me chamaram nem sei pra que era acho que era uma missa não sei o que era aquilo só sei que quando eu percebi, eu me vi na frente de todo mundo e eu tinha que ler o que tava escrito ali. Eu não consegui ler o livro tava transcrito tava pras pessoas entenderem o que eu estava lendo só que eu não consegui ler. Só que eu travei a hora que eu vi que eu tinha que ler aquilo eu travei eu não conseguia eu tinha o que, acho que uns oito anos na época ninguém falou nada que eu ia fazer isso ninguém chegou e falou olha bem a gente vai fazer o seguinte, cê vai ler esse livrinho aqui ó, pegue ele uma semana pra você ler na sua casa ninguém falou nada me entregaram o livro de presente e aí chegaram

pra mim uma criança de oito anos falou agora você abre isso daí e lê. Então foi traumatizante porque eu não consegui ler. Eu não consegui ler acho que hoje em dia eu sei o que aconteceu comigo porque a pior coisa é não ter preparo você chegar pra criança e falar olha bem esse livro aqui ó, cê vai ler tal não precisava ser uma semana antes, mas uma hora antes sei lá entendeu? Me pegaram de surpresa e eu sou assim quando eu assusto eu não consigo eu perco o chão. Se eu assusto eu quero sumir eu quero minha casa eu quero os meus eu quero ficar quietinha comigo mesma sabe daí aqui eu choro eu fico quietinha mais eu fico triste pra valer porque foi uma coisa que me marcou.

Rosana: -Terceira e quarta série foi com a mesma professora também?

Andressa: - Não, terceira foi com uma professora ela foi uma das melhores professoras que eu tive ela foi muito carinhosa amável muito boazinha ela chamava Renata, a gente falava tia Re pra ela por causa da minha deficiência ela se “compadeceu” porque ela sempre me tratou como uma aluna normal só que tinha as especialidades vamos dizer assim, diante disso ela resolveu aprender o Braille pra me ajudar da melhor forma possível ela por vontade própria chegou pra minha mãe e falou assim: - Viu, cê tem o alfabeto? Aí minha mãe tirou Xerox pra ela e de acordo com aquilo ela já tava lendo o que eu escrevia. Ela conseguia ler e depois lá na escola começou a chegar uns livrinhos didáticos mais legais sabe que não era igual aos livros que a classe tinha, mas o conteúdo era quase o mesmo só que os textos eram um que ela fazia então ela começou a ir comigo na biblioteca ou então, ela pedia pra bibliotecária trazer o livro e aí ela falava assim pra mim enquanto eles vão fazendo tal coisa você vai lendo e se você achar uma historinha legal você lê pra classe em determinadas atividades mais eu achei muito legal aqueles livrinhos tinham textos interessantes então, eu lembro de um texto que era da traíra, eu não lembro mais o texto, mas era interessante falava de uma traíra que balançava na rede. Naquela época graças a essa minha amiga que eu ia bastante na casa dela comecei a ler esse livro eu comecei a desenvolver melhor a leitura, comecei a tomar gosto pela leitura, daí eu já lia bem, bem

mesmo sem contar que eu pegava aqueles livrões e todo mundo vinha perguntar o que era aquilo, era a atração da classe. E aí a quarta série a primeira segunda e terceira série eu fiz com a reglete eu levava a reglete na escola, eu copiava, ditavam pra mim e às vezes se precisava esperar eu terminar de copiar a professora sempre esperava pra que eu pudesse ter o zandamento junto com a classe sempre tinha o andamento junto com a classe nunca fiquei pra trás eu queria fazer as coisas junto com todo mundo aí quando eu cheguei na quarta série, a professora também chamava Luana ela também resolveu aprender o Braille prá me ajudar, me ensinar melhor .

Andressa: - A matemática era assim: quando começou a terceira quarta série eu comecei com o sorobã que era o método mais fácil pra gente aprender. Eu tentei o cubarítimo não deu muito certo porque ninguém ensinava mais, estava defasado não sei o que, a coisa da moda era o sorobã. Aí o meu pai comprou o sorobã e junto com ele veio um negócio que chamava guia pra tico do uso do sorobã que não era prático, coisa alguma. Era como se faz pra trabalhar com o sorobã. Então meu pai desenvolveu um método próprio pra me ensinar porque era assim: eu falava pra ele: - Pai hoje eu tenho que aprender conta de mais então ele ia lá, pegava o meu sorobã, ele trabalhava chegava tarde do serviço porque meu pai ele tinha muita facilidade com contas, ele sempre gostou de matemática essas coisas então ele falou pra minha mãe deixe que disso daí cuida, eu e a minha mãe cuidava das outras coisas português, história, geografia. Matemática era com ele principalmente até a quarta série. Então, a professora avisava: - Ó, amanhã a gente vai ensinar conta de mais. Eu falava pra ele: Pai eu preciso aprender conta de mais pra amanhã ele pegava o sorobã e mais aquele livro se trancava no quarto e lá ele ficava e falava quando eu puder eu te chamo pra te ensinar vá fazer outra coisa. Aí ele ficava lá e durante uma hora e meia ou duas horas ele desenvolvia o método que ele ia me ensinar. Aí depois que ele desenvolvia o método na cabeça dele ou então ele lia e se ele achava que tivesse fácil e que eu ia entender ele ia explicando. Aí chamava eu e ia falando, olha conta de mais vamos fazer assim ensinava

conta de mais e aí tinha um caderno que tava escrito assim “li contas” na capa. E ali ele fazia um monte de contas e punha o resultado. E aí ele falava pra minha mãe durante o dia durante a manhã, você dá essas contas pra ela fazer. E aí minha mãe dava e eu fazia e ela falava quanto deu e eu falava o resultado e ela falava tá certo. Até que um dia ele achou uma calculadora que fala. E aí ele comprou a calculadora. Só que ele não deixava levar na escola, e eu só podia fazer a conta nela depois que eu fizesse no sorobã, era só pra conferir o resultado. A memorização que eu tinha que ter era tudo em voz alta ele ensinava eu e falava e agora como é que faz repete. E eu ia repetindo então, eu ia lembrando. E eu aprendi conta de adição, adição com reserva, subtração e subtração de emprestar. Quando chegou na multiplicação ele achou o método do livro muito complicado. Então, ele desenvolveu o método próprio que é parecido com o método utilizado por quem enxerga. Através do sorobã também e na divisão também. E assim foi que eu aprendi com ele as quatro operações. Quando a professora ensinava os outros eu ficava ele falava que não era pra eu prestar atenção. Que eu não podia prestar atenção se não eu ia confundir tudo. Então eu ficava quieta na minha, deixava os outros que aprendessem e a coisa do sorobã é tão importante na minha vida que se eu for fazer uma conta de mais eu imagino ele na minha cabeça. Se for conta de vezes ou dividir tem que ter ele comigo porque é mais difícil.

Rosana: - E o ensino médio?

Andressa: - O ensino médio foi até que bem, eu fui indo com a ajuda da minha mãe só que os professores já não queriam mais aprender o Braille porque também não tinham tempo, tinham outras coisas pra fazer.

Rosana: - Como funcionava? Como eles corrigiam provas? Ou você lia provas pra eles?

Andressa: - Tinha professor que queria que eu lesse a prova quinze dias depois que eu já tinha feito a prova pra que eu não lembrasse mais o que eu

tinha colocado na prova. Quando eles queriam realmente ler a minha prova a minha mãe transcrevia a prova eles assinavam todas as folhas que eu fazia a prova porque nunca era uma, eram umas cinco, seis, eles assinavam a prova, rubricavam e vinha com o carimbo da escola. E a minha mãe transcrevia a prova inteira pra que eu depois eu entregava pra eles e eles corrigiam. E também uma coisa que eu quero ressaltar é copiar a prova, eu sempre tive que copiar a prova nunca tive que nem os alunos que enxergam pega a prova e vai fazendo a prova. Então, às vezes a prova de geografia tinha 10 perguntas, mas pra mim eram cinco e cada uma valia dois pontos. Porque eu tinha uma aula só pra copiar a prova e responder. E a professora tinha que fazer a gentileza de ditar prá mim. Depois da terceira série minha mãe comprou uma máquina e na quarta série eu fui seis meses com a reglete e no final do ano fui com a máquina. Aí em casa também eu comecei a usar a máquina e aí eu conseguia uma agilidade muito grande devido a essa agilidade que eu tinha a professora também às vezes fazia perguntas mais curtas das dez perguntas que tinha lá ela escolhia cinco eu era prejudicada e não era porque enquanto eles tinham dez perguntas pra responder eu tinha cinco, mas assim eu sempre me dei bem, eu nunca fiquei com nota vermelha por isso. A única professora que fez a prova diferenciada pra mim foi a professora Tânia de português porque as provas dela sempre foram em aula dupla e a prova pra quem enxergava era assim com bastante interpretação de texto tinha poema, tinha texto em prosa tinha uns negócio de relacionar coluna então pra eu copiar tudo aquilo, eu ia perder muito tempo copiando a prova e não ia conseguir fazer a prova. Então, o que ela fazia, ela montava uma prova diferenciada pra mim só que de acordo com o conteúdo que tinha em sala de aula a prova até assim os outros achavam mais fácil a minha prova do que a deles só que não era a minha prova ela tinha mais coisa pra escrever então eu levava bastante tempo escrevendo só pra exemplificar pra ver a dificuldade da prova era assim: no segundo ano do ensino médio a gente começou a aprender Fernando Pessoa. Fernando Pessoa era um poeta que se dividiu em quatro pseudônimos pra escrever e cada pseudônimo dele tinha suas características em uma ele era um médico, na outra advogado e aí o que acontece na prova de quem enxerga tava escrito.

Relacione as colunas de acordo com as características de Fernando Pessoa. Então lá eles tinham que relacionar as colunas. A minha pergunta era assim cite os pseudônimos de Fernando Pessoa e suas características. Essa professora ela fazia questão de além de fazer essa prova diferenciada pra mim rubricava assinava todas as folhas e aí ela queria que minha mãe transcrevesse a prova pra ela me dar nota, e eu sempre tive boas notas com ela sempre fui elogiada e também tinha os trabalhos na época do ginásio tinha uma professora de ciências que dava trabalhos eram trabalhos bem longos e ela pedia pra transcrever os trabalhos e a minha mãe ficava louca porque tinham 50, 60 folhas de sulfite para transcrever e, além disso, tinha lições das outras matérias também pra fazer não era só dela e a minha mãe tinha que me ajudar em tudo porque não tinha nenhum lugar pra me ajudar e se tivesse também eu tenho certeza que ela não ia querer que eu fosse porque ela queria ela fazer porque ela achava assim que como eu tinha ajuda eu tinha que deixar aquele lugar na sala de recurso ou outra coisa pra quem não tinha ajuda. Eu queria ressaltar que a ajuda da família é bem melhor que a ajuda de um professor especializado na minha opinião eu acho porque se a família encarar junto porque hoje em dia tá muito fácil. Ah! ela é cega a prefeitura ajuda a escola tem preparo só que eu acho que a pessoa fica um pouco mal acostumada. Porque onde ela vai ela acha que vai ter ajuda e a gente sabe que na maior parte das vezes chega uma hora que isso não acaba mais acontecendo. Porque o professor sai o professor muda o professor vai pra outros lugares o professor vem outro, ou aquele lugar que você estava fecha e daí se a pessoa não tem o apoio da família a pessoa não consegue mais ficar sem porque a família ela sempre vai ajudar você até o dia que você morrer, mas assim desde o dia que você nasceu ela vai ficar com você. Então, se a sala fechar e sua família tiver por trás sua família vai poder te ajudar então. Cê não vai sentir tanta perda porque assim esse negócio de apoio pra nós muito importante e uma vez que cê se vê sem apoio você não tem o apoio da família, mas não olha eu vou fazer vamos junto a gente perde o chão porque não tem então eu nunca me senti assim por causa disso porque minha mãe sempre me auxiliou nessas coisas ela falava se um dia tiver um lugar pro cê ir eu prefiro

que cê deixe seu lugar pra outro. Nunca teve, mas, se tivesse ela falava deixe o lugar dela pra outro coloque outro na vaga dela porque dela cuida eu. Então minha mãe ficava louca com esses trabalhos. Da professora de ciências. Tanto que a professora de ciências ela era ela queria que a gente copiasse a matéria do livro que tinha e mais pesquisar pesquisa fora. Como naquela época não tinha *internet* não tinha nada minha irmã foi pra biblioteca xerocava tudo e aí o que acontecia eu perdia sempre o prazo de entrega. Porque ela dava um prazo e eu não conseguia por causa dessa coisa de pesquisa porque além de o trabalho ser transcrito tinha que copiar. E um dia ela não deu valor ela falou assim eu fiz o trabalho naquela época minha irmã desenhou a célula como eu não tinha possibilidade de fazer o desenho ela xerocou o desenho cortou pintou o desenho colou fez deixar espaço na folha para por o desenho coitada da minha irmã foi super caprichadinha achando que eu ia levar nota "A" no máximo, mas porque eu tinha perdido o prazo de entrega ela me deu a nota mínima. Aí eu fui lá falar pra ela, mas professora porque que a senhora me deu nota mínima se eu fiz pesquisa fora tudo ela falou porque você não entregou no prazo. E eu falei, mas eu não entreguei no prazo porque expliquei a situação, minha mãe foi lá conversar com ela que não tinha jeito dá conta das outras matérias, aí ela falou que não poderia fazer nada por mim que eu teria essa nota mesmo. Eu falei então tá bom e se eu não pesquisar nada se eu só entregar pra senhora o que tá escrito no livro que nota a senhora vai dar pra mim? Ah eu vou dar a nota mínima e eu falei então tá bom com essa nota mínima eu não fico com nota vermelha no bimestre e não repito de ano. Ela falou é eu não vou repetir, você está entregando pelo menos o mínimo. Virei pra ela e falei então daqui pra frente vai ser isso. Já que a senhora não dá valor pra minha pesquisa então daqui pra frente eu não vou pesquisar mais nada vou só entregar isso pra senhora e mesmo que eu perca o prazo de entrega a senhora não vai me dar nota vermelha porque eu entreguei o trabalho então ela entendeu tudo. Mas e assim ela era uma professora muito exigente ela era excelente ensinava bem a gente conversava de um assunto ia pra outro as aulas dela eram gostosas ah tem coisa que ela ensinou que eu lembro até hoje palavras ela tinha um caderno de palavras e mostrava as palavras desde o

radical no ensino médio eu tive também apoio dos professores teve até a professora de química que começou a chegar naquele negócio de desenho também, e ela falou olha não tem como ensinar isso pra você aí ela pegou um livro de química que ela marcava os textos que eu tinha que copiar né e aí eu copiava os textos e ela dava prova em cima daquilo pra mim. Fui um pouco prejudicada porque se eu fosse fazer vestibular, mas assim eu não recrimino ela porque foi um jeito que ela encontrou prá não deixar boiando passava tudo para o Braille para que eu tivesse acesso a todos os livros em tinta da escola e a minha mãe lia o livro em tinta para mim pra estudar pra prova, e aí eu gravava em fita cassete e aí eu ouvia um monte de vezes a leitura que ela fazia e aí eu ia fazer a prova e quando tinha questionário para responder ela também me ajudava, ela procurava as respostas no texto aí a gente respondia juntas as perguntas já cheguei a fazer prova em dupla porque a matéria era muito complicada diante dos percalços eu sempre fui uma boa aluna eu sempre tive bom desempenho escolar eu nunca fui daquelas: - Ah deixe ela passar porque ela é cega em muitos casos eu fui mais exigida do que os outros porque eu tinha que provar que eu conseguia que eu era cega, mas eu conseguia até uma colega minha teve uma prova que eu fiz de educação artística que a professora foi muito boa sabe ela pegou o compasso com um pano em baixo e ela furou com o compasso o desenho que eu tinha que fazer. E daí com paciência ela me ensinou com a régua com o esquadro o que eu tinha que fazer saía meio torto, mas o processo ela sabia que eu tinha feito. E aí na prova ela perfurou a minha prova e eu fiz. E aí quando ela entregou a prova eu tinha tido uma nota maior que a de uma menina lá. E a menina falou prá mim deixa ver sua prova e eu deixei aí ela falou: - Porque a senhora deu certo pra ela nessa questão se a dela tá torta, mas a minha tá errada, mas tá reta? A professora falou porque a sua tá reta, mas tá errada o processo que você fez tá errado a dela mesmo estando torta ela fez o processo certinho que eu ensinei a ela. Por isso que eu dei certo pra ela e errado pra você. Tem gente que é ignorante.

Rosana: - Andressa, e amigos?

Andressa: - Eu tive pessoas que me ajudavam tive um grupinho de cinco amigas que cada uma ditava pra mim em um dia. Meu pesadelo era que começava a aula e eu sonhava que não tinha ninguém pra me ajudar. O professor passando lição na classe e eu não tendo ninguém pra me ajudar. Até a sétima série eu fui numa classe só minha classe nunca mudou. Aí começou ter muita briga eu comecei a ter dificuldade de encontrar ajuda minhas amigas elas começaram a me deixar de lado era dia de uma ditar outra falava: “Tô com dor na costas, tô com dor na cabeça, pede pra outra.” Sabe até que chegou um dia que liguei pra minha mãe ir me buscar que eu estava com dor de barriga, mas não era eu tinha descoberto que elas não queriam mais me ajudar só que elas não chegaram pra mim e falaram. Sabe aí eu pedi pra classe inteira fui de carteira em carteira eu tinha noção da classe porque a gente tem que ter noção da classe um pouco e como sempre foi aquela classe eu conhecia a classe como a palma da minha mão. Aí veio um menino ditar pra mim, coitado ele se enrolou, mas ele conseguiu ditar pra mim. E aí naquele dia minha mãe foi conversar com as meninas e também assim acho que foi um pouco de imaturidade delas porque eu pensei, “poxa vida elas poderiam ter chegado e falado pra mim, - olha a gente tá cansada, a gente não quer mais.” Mas também não sei por que elas fizeram isso porque eu não dava muito trabalho pra elas eu ajudava elas também inclusive quando elas tinham dificuldade de matéria às vezes eu entendia melhor que elas então eu explicava pra elas às vezes elas tinham dificuldades pra fazer redação e eu ajudava na redação não sei o que deu nelas e aí diante disso minha mãe pediu pra que a classe fosse desfeita que a classe fosse partilhada. Aí quando eu cheguei na oitava série eu caí numa oitava diferente com novos alunos aí o pesadelo também começou porque eu comecei a pensar meu Deus quem que vai cair na minha classe. Será que eu vou conhecer alguém porque no primeiro dia você precisa achar alguém conhecido pra te ajudar. Na sétima série eu cheguei a ficar sozinha na hora do lanche todo mundo saía e eu ficava sentada na carteira. Porque ninguém queria ficar comigo nada. Aí eu achei um conhecido na oitava série minha mãe falou pra menina se ela podia me ajudar nos primeiros dias que eu

sempre dependia da bondade dos outros minha mãe falava se você quiser receber eu até pago um pouco, mas ninguém queria aí eu achei essa menina fiz amizade com outras pessoas e aí até o terceiro ano do ensino médio eu fui caindo em classes diferentes.

Rosana: - Entre o Braille e o Material digitalizado o que mais você usa? Por quê? O que você acha dos dois?

Andressa: - Quando eu tava no começo do ensino médio é que eu tive acesso aos livros em Braille que daí mandaram uns livros pra escola eu sempre usei o Braille porque na minha época não tinha esse negócio de computador e a te faz pouco tempo que eu estou usando material digitalizado. O que eu mais gosto do material digitalizado que eu tinha antes do computador era o livro falado. Existem determinados livros que eu gosto de ler, existem determinados livros que eu gosto de ouvir. Existem determinados livros que eu gosto de ouvir em áudio que é uma pessoa lendo prá mim e existem determinados livros que eu gosto de ler no computador. Então assim esse negócio de tudo digital tá muito novo pra mim às vezes eu penso olha se tivesse material digitalizado na escola tinha sido muito melhor pra mim porque minha mãe não ia precisar ficar lendo mim e eu ia poder me virar muito mais sozinha. Só que assim nem por isso eu não acho o Braille importante o Braille é importantíssimo porque o Braille é palpável porque o computador o falado você ouve o Braille não o Braille você sente você tem a noção você sabe que aquilo tá lá. Que nem você lê: - A casa está vazia é diferente de você ouvir: - A casa está vazia. O computador falando e você lendo é diferente. Eu acho assim que como pra quem enxerga o computador Chegou ótimo, veio pra ajudar só que as crianças se alfabetizando quando você vai escrever um bilhete o cego também o cego precisa ser alfabetizado em Braille meso aquelas pessoas que porventura perderam a visão porque eu acho que nada, nada é igual aquele comercial da *Master Card*, tudo tem o seu valor, também não posso falar que o computador veio pra tirar o Braille porque a gente sabe que muita coisa o computador ajuda nos livros até prá quem faz faculdade muita coisa tem que ter o computador

mesmo porque se não você fica louca porque um texto de duas páginas e no computador em Braille dá dez páginas. O Braille é importantíssimo eu defendo o Braille com unhas e dentes eu agradeço todo dia o francês Louis Braille que inventou isso porque até então não sei se você sabe como nós tínhamos que aprender. Antes de ele inventar o método Braille as letras em tinta do jeito que as pessoas que enxergam faz eram feitas em alto relevo e o cego tinha que aprender a fazer aquela curvatura toda e os livros eram assim, então os livros eram enormes com aquelas “letronas” como se a gente tivesse baixa visão eu enfatizo quanta gente fala eu não sei ler Braille, eu não quero ler Braille eu brigo eu acho ruim eu tento convencer a pessoa eu falo viu se alguém for passar um número de telefone. Cê fala: - Viu espere que eu vou ligar o computador para anotar, ou então se você vai anotar uma receita, tem hora que você cansa do computador tem hora que você quer escrever ser você por você mesma entendeu? Tem hora que você quer ler um livro eu pego bastante livro do centro cultural você vê todo aquele carinho que a pessoa teve copiando aquilo pra que você tenha acesso mais comum prá que você leia aquilo e também porque eu fui copista um bom tempo na sala de recursos então a gente tem todo aquele carinho. Ah! não vou escrever errado vou ver se tá tudo direitinho eu acho assim o Braille importantíssimo assim como material digitalizado acho que não é assim vamos ver quem é mais importante acho que os dois vieram prá somar pra que nós possamos ter mais acesso às coisas o livro do *Harry Potter* mesmo em Braille são quinze volumes então é ruim demora quase um ano prá você ler e você ouvir é mais fácil só que tem livros que você gosta de ler porque você senta em qualquer lugar você pode usufruir do silêncio que a gente fala que ficar em silêncio é bom né?! Sem o Braille na minha vida eu não seria nada eu não poderia ser considerada hoje em dia uma pessoa alfabetizada né? Inclusive formada em música, a música também pelo método Braille.